

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS

BEATRIZ ILIBIO MORO

**ADVÉRBIOS DE POSICIONAMENTO EM TEXTOS ESCRITOS DE PORTUGUÊS  
ACADÊMICO**

PORTO ALEGRE

2014

BEATRIZ ILIBIO MORO

**ADVÉRBIOS DE POSICIONAMENTO EM TEXTOS ESCRITOS DE PORTUGUÊS  
ACADÊMICO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Cristina Becker Lopes Perna

PORTO ALEGRE

2014

BEATRIZ ILIBIO MORO

**ADVÉRBIOS DE POSICIONAMENTO EM TEXTOS ESCRITOS DE PORTUGUÊS  
ACADÊMICO**

Dissertação apresentada para como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dr. Cristina Becker Lopes Perna - PUCRS

---

Profa. Dr. Karina Molsing - PUCRS

---

Profa. Dr. Simone Sarmento - UFRGS

PORTO ALEGRE

2014

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Pai, por tudo.

À minha família, em especial aos meus pais, pelo incentivo, sacrifício e amor.

À minha orientadora Cristina, pelo seu tempo, paciência, entusiasmo, compreensão, bom-humor, apoio e companheirismo.

Aos demais professores desta faculdade, que muito contribuíram para o meu conhecimento - em especial, à professora Leci Barbisan e à professora Ana Ibaños.

À professora Lilian Scherer, pelo apoio e carinho, especialmente durante meu estágio de docência.

Aos colegas do grupo UPLA, em especial à Karina Molsing, à Sun Yuqi e ao Lucas Rollsing, pelas sugestões e força que deram a este trabalho.

À querida colega de mestrado e amiga Luísa Mocelin, pela parceria em todas as horas e pela torcida incansável.

Aos amigos, por compreenderem meus “sumiços acadêmicos” e por torcerem por mim.

À PUCRS, pela oportunidade de continuar meus estudos.

Às secretárias do PPG da Faculdade de Letras.

À CAPES, pela bolsa de estudo.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar, em uma abordagem interdisciplinar, advérbios de posicionamento em Português Brasileiro Acadêmico (PBA). Este estudo é parte de um projeto maior do Grupo de Pesquisa “Uso e Processamento da Linguagem Adicional (UPLA)”, do PPGL da PUCRS, que investiga os padrões gerais de uso deste tipo específico de linguagem, com o intuito de criar um teste de proficiência de PBA, tendo em vista que o número de estudantes universitários advindos de outros países tem aumentado no Brasil; além disso, visa estimular mais pesquisas na área de português acadêmico e posicionamento, contribuir para o desenvolvimento de avaliações do português acadêmico para o aluno estrangeiro e capacitar estes estudantes a redigir textos acadêmicos em PBA. Para tal, com o uso das ferramentas da Linguística de Corpus (LdC), e ancorados nos estudos feitos com advérbios de língua inglesa por Biber, na classificação de Searle dos atos de fala ilocucionários e nos estudos do português culto brasileiro feito por Neves, esta pesquisa enfoca os advérbios de posicionamento através da análise de um subcorpus de estudo, formado por textos escritos por estudantes de graduação, de aproximadamente 2 milhões de palavras, compilado pelo grupo de pesquisa. Buscamos descobrir se estes recursos linguísticos são utilizados e, em caso afirmativo, mostrar os mais frequentes. Os resultados mostram que os autores utilizam advérbios de posicionamento, interferindo no valor dos enunciados produzidos. Os advérbios de posicionamento mais comuns são os epistêmicos, confirmando nossa hipótese baseada nos estudos de Biber, que afirma que os advérbios de posicionamento mais comuns no inglês são os epistêmicos.

Palavras-chave: Posicionamento. Português Brasileiro Acadêmico. Advérbios. Linguística de Corpus. Interface Semântico-Pragmática.

## ABSTRACT

The present study has as its aim to analyze, in an interdisciplinary approach, stance adverbs in Academic Brazilian Portuguese (PBA in Portuguese). This study is part of a bigger project from the Research Group “Additional Language Use and Processing” at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (PUCRS), which investigates the general patterns of uses of this specific type of language in order to create a proficiency test of PBA, since the number of international students has been increasing in Brazil. In addition, it seeks to stimulate more research in academic Portuguese and stance, to contribute to the development of academic Portuguese assessments for foreign students and to empower these students to write academic texts in PBA. To do so, with Corpus Linguistics tools and anchored in the studies of English adverbs by Biber, this research focuses on stance adverbs through the analyses of a subcorpus formed by specialized texts written by undergraduate students of approximately 2 million words compiled by the research group. This research aims to investigate whether these linguistic resources are used and, if so, to discuss the most frequent ones. The results suggest that the authors use stance adverbs, influencing the meaning of the utterances produced. The most common stance adverbs found are epistemic, confirming our hypothesis based on Biber’s studies, which state that the most common stance adverbs in English are the epistemic ones.

Keywords: Stance. Academic Brazilian Portuguese. Adverbs. Corpus Linguistics. Semantic-Pragmatic Interface.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Corpus do Português - quantidade de textos por século.....	73
Tabela 2 – Corpus do Português - divisão dos textos do século XX por tipo.....	74
Tabela 3 - Dados gerais do corpus de estudo e do subcorpus de estudo.....	79
Tabela 4 - Características gerais do corpus de estudo.....	94
Tabela 5 - Dados gerais do corpus de estudo e do subcorpus de estudo.....	95
Tabela 6 - Subcorpus de estudo – dados sobre os advérbios.....	96

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Posição do português acadêmico no panorama lingüístico.....	40
Figura 2 - Locais de ensino de português e português crioulo n'Os Estados Unidos.....	45
Figura 3 - Expressões de posicionamento de acordo com Biber (2006).....	47
Figura 4 – Classes semânticas dos advérbios de posicionamento em diferentes registros.....	49
Figura 5 - Tipos de advérbios de acordo com o aspecto semântico – destaque para os advérbios predicativos.....	59
Figura 6 – Classificação das palavras modalizadoras.....	60
Figura 7 - Classificação dos advérbios modalizadores.....	62
Figura 8 - Corpus do Português - busca por advérbios no corpus.....	75
Figura 9 - Corpus do Português - resultado da busca por advérbios.....	76
Figura 10 - Texto no formato original.....	82
Figura 11 - O mesmo texto da figura, após a limpeza, em formato .txt.....	82
Figura 12 - Arquivo em formato .xml etiquetado pelo programa PALAVRAS.....	83
Figura 13 - Destaque para as ocorrências 26 e 30 da palavra “segundo” nos resultados da pesquisa no corpus de estudo.....	85
Figura 14 - Destaque para o cabeçalho de um dos textos.....	86



Figura 15 - O programa <i>AntConc</i> e seus recursos.....	87
Figura 16 - <i>AntConc</i> e a ferramenta <i>File View</i> .....	88
Figura 17 - Tela inicial do teste <i>Log-Likelihood</i> .....	89
Figura 18 - Detalhe do site do programa <i>Log-Likelihood</i> .....	90
Figura 19 - Resultado do teste com o programa <i>Log-Likelihood</i> .....	90
Figura 20 – Limpeza da lista de frequência do corpus.....	91
Figura 21 – Duplicação da palavra “conforme” .....	92
Figura 22 - As duas primeiras ocorrências da palavra “segundo” no subcorpus de estudo.....	99

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de atos ilocucionários.....	36
Quadro 2 – Classificação de Searle dos atos de fala.....	37
Quadro 3 - Classificação dos advérbios (única palavra) do inglês acadêmico.....	50
Quadro 4 - Corpus especializado – diferentes áreas.....	76
Quadro 5 - Organização do corpus especializado.....	77
Quadro 6 – Número de palavras e textos nas quatro diferentes áreas.....	78
Quadro 7 - Código de identificação dos textos.....	85
Quadro 8- Advérbios mais frequentes no corpus especializado.....	96
Quadro 9- Classificação dos advérbios modalizadores segundo Neves (2011).....	98
Quadro 10 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 1ª a 10ª posição....	100
Quadro 11 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 11ª a 20ª posição..	103
Quadro 12 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 21ª a 30ª posição..	106
Quadro 13 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 31ª a 40ª posição..	109
Quadro 14 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 41ª a 50ª posição..	110
Quadro 15 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 51ª a 60ª posição.....	112

Quadro 16 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 61ª a 70ª posição..	114
Quadro 17 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 71ª a 80ª posição..	116
Quadro 18 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 81ª a 90ª posição..	118
Quadro 19 – Advérbios de posicionamento encontrados no subcorpus.....	119
Quadro 20 – Advérbios de posicionamento e respectivos números de ocorrências.....	120
Quadro 21 – Advérbios de posicionamento, número de ocorrências e classificação.....	120

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Subcorpus de estudo – quantidade de <i>word tokens</i> dos advérbios e demais palavras .....	95
--	----

## LISTA DE SIGLAS

**BYU** – Brigham Young University

**Celpe-Bras** - Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

**EAP** – *English for Academic Purposes*

**FACE/FACI** – Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia

**FACIN** – Faculdade de Informática

**FAENFI** - Faculdade de Enfermagem, Nutrição e Fisioterapia

**FALE** – Faculdade de Letras

**FAMECOS** – Faculdade de Comunicação Social

**FAPSI** – Faculdade de Psicologia

**FFARM** – Faculdade de Farmácia

**FEFID** - Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto

**FENG** – faculdade de Engenharia

**FMI** – Fundo Monetário Internacional

**GT** - Gramática Tradicional

**IBEC** – Instituto Brasileiro-Equatoriano de Cultura

**LA** – Língua Adicional

**LdC** – Linguística de Corpus

**LC** – *Log-Likelihood Calculator*

**L2** – Segunda Língua

**MLA** - *Modern Language Association of America*

**ODONTO** – Faculdade de Odontologia

**PA** – Português Acadêmico

**PBA** – Português Brasileiro Acadêmico

**PIB** - Produto Interno Bruto

**PLA** – Português como Língua Adicional

**PUCRS** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**TOEFL** - *Test of English as a Foreign Language*

**TTR** – *Type/Token Ratio*

**UFMG** - Universidade Federal de Minas Gerais

**UFRGS** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Unifio** – Centro Universitário Fieo

**Unileste** - Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

**USP** - Universidade de São Paulo

**WWW** – World Wide Web

## LISTA DE ABREVIATURAS

**Farm.** – Farmácia

**FarmCie** – Farmácia & Ciência

**Adm.** – Administração

**PSICO** – Faculdade de Psicologia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
i. Um panorama da pesquisa.....	18
ii. Constituição da dissertação.....	20
<b>1 A PRAGMÁTICA E OS ATOS DE FALA</b> .....	22
1.1 A PRAGMÁTICA .....	23
1.2 ATOS DE FALA.....	29
<b>2 LINGUAGEM ACADÊMICA, POSICIONAMENTO E ADVÉRBIOS</b> .....	40
2.1 LINGUAGEM ACADÊMICA.....	40
2.2 PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL .....	43
2.3 POSICIONAMENTO EM LINGUAGEM ACADÊMICA.....	46
2.4 ADVÉRBIOS E POSICIONAMENTO .....	53
2.4.1 Advérbios nas gramáticas de língua portuguesa.....	53
2.4.2 Alguns estudos linguísticos acerca dos advérbios na língua portuguesa.....	56
<b>3 LINGÜÍSTICA DE CORPUS</b> .....	64
3.1 VISÃO GERAL .....	64
3.2 CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS.....	68
3.3 TIPO DE PESQUISA.....	71
<b>4 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	73
4.1 CORPORA DA PESQUISA.....	73
4.2 PASSOS DA PESQUISA .....	80
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	93
5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS.....	93
5.2 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS.....	98
5.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	122
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	124



<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO A - Advérbios presentes no subcorpus.....</b>	<b>130</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação inicia-se apresentando o trabalho em questão: a primeira parte desta introdução visa à apresentação do tema, da relevância e do contexto da pesquisa. Na segunda parte, apresentaremos a constituição e organização desta dissertação.

### **i. Um panorama da pesquisa**

A presente pesquisa visa observar e descrever os usos dos advérbios de posicionamento (do inglês, *stance adverbs*) em textos escritos de português brasileiro acadêmico (doravante, PBA). Esta faz parte de um projeto maior, sob a coordenação da prof. Dra. Cristina Becker Lopes Perna, cujo objetivo é analisar os padrões de PBA com o intuito de criar um teste brasileiro de proficiência deste tipo de linguagem.

Compreendemos que dominar uma língua envolve a produção e a interpretação de textos. No ensino de línguas adicionais, muitas vezes os alunos se confrontam com manuais contendo regras normativas que não levam em conta o aspecto pragmático. Sob este ponto de vista, a língua é um fenômeno social, um jogo, um “instrumento” de atuação do falante.

A utilização de advérbios na língua escrita é um destes “instrumentos”, representando um dos fatores de complexidade e servindo como “chave” para o homem avaliar, julgar, opinar, criticar, refletir sobre o mundo e agir sobre o outro.

Segundo um estudo feito com estudantes estrangeiros da Aston University, estes “avaliam menos e são menos críticos avaliando”. (Richards; Skelton, 1991, APUD Jordan, 1997), ou seja, em termos de posicionamento, alunos que estudam em universidades fora de seus países acabam utilizando menos esses recursos linguísticos em suas vidas acadêmicas. Se os resultados obtidos através desta pesquisa também, sob um olhar geral, representarem os estudantes que utilizam o

português em contexto acadêmico como língua adicional, fica mais evidente o quanto este aspecto linguístico deve ser explorado, tendo em vista o contexto no qual nosso país se encontra, com um grande número de estrangeiros interessados na aprendizagem de nossa língua.

O projeto no qual esta dissertação se insere nasceu na interface da Faculdade de Letras e Faculdade de Informática e intitula-se “O português como língua adicional na internacionalização: processamento e análise de linguagem técnica e acadêmica através de recursos linguístico-computacionais”.

Tendo como base os estudos sobre posicionamento na língua inglesa feitos por Biber, buscaremos, nesta dissertação, analisar como o falante/escritor se posiciona no texto através do uso de advérbios de posicionamento de maneira qualitativa e quantitativa, numa análise que utilizará de recursos tecnológicos para obtenção de resultados sem, entretanto, dispensar o papel do linguista como analisador, como profissional capaz de observar além do que o corpus em sua superfície revela. Com isto em mente, descreveremos e analisaremos qualitativamente os advérbios em seu contexto utilizando o corpus da pesquisa, servindo-nos da Linguística de Corpus como metodologia de estudo.

É interessante ressaltar que ainda há na literatura uma carência de estudos na área de Português como Língua Adicional (doravante, PLA) devido ao seu recente crescimento, fazendo com que este trabalho torne-se também um incentivo para a disseminação de outros estudos na área, ampliando os objetivos desta pesquisa.

Acreditamos que o número de advérbios no nosso corpus seja expressivo, tendo em vista que estes, como já colocado, funcionam como uma das maneiras de, explicitamente, o autor se colocar e demonstrar seus julgamentos e opiniões. Resta-nos saber de que maneira são utilizados estes recursos linguísticos.

As perguntas que direcionam este trabalho são:

1) Com base no corpus coletado, os autores colocam-se nos textos através do uso de advérbios de posicionamento?

2) Constatada a presença de advérbios de posicionamento no corpus, quais são eles? Quais são os mais frequentes?

Nossas hipóteses para as perguntas acima são:

1) Sim, os autores utilizam-se de advérbios como uma das possibilidades de colocação do “eu” no texto.

2) Estes advérbios, em sua maioria, são advérbios modalizadores (advérbios de posicionamento), que indicam uma avaliação do falante frente a um conteúdo proposicional (*modus X dictum*), podendo ser do tipo epistêmico, deôntico ou afetivo. Os advérbios mais frequentes são os do tipo epistêmico, – baseadas nos resultados obtidos para o inglês acadêmico de Biber (2006) – que, segundo Neves (2011), tratam da possibilidade de algo ser ou tornar-se verdadeiro. O falante manifesta certeza ou imprecisão a respeito de determinada proposição (p) – para maior detalhamento, ver seção 2.4.2.

As perguntas e as hipóteses que norteiam este estudo serão retomadas no capítulo 5, no qual apresentamos os dados e debatemos os resultados.

## **ii. Constituição da dissertação**

A presente dissertação é composta por 5 capítulos. No primeiro, apresentaremos uma visão geral da Pragmática, subteoria da Linguística que é a “pedra de esquina” deste trabalho, assim como a teoria dos Atos de Fala, de Austin a Searle.

No segundo capítulo, falaremos de maneira geral sobre a linguagem acadêmica, sobre o posicionamento em linguagem acadêmica e abordaremos, neste contexto, os advérbios – num olhar contrastivo entre a visão das gramáticas

normativas e das pesquisas linguísticas – em especial aquelas com um viés semântico-pragmático.

O terceiro capítulo apresentará a metodologia utilizada, sob a perspectiva da Linguística de Corpus – visão geral da mesma, características e tipo de pesquisa.

A metodologia de pesquisa, evidenciando as etapas da mesma, e os dados sobre o corpus são o tema do quarto capítulo.

No quinto capítulo, procederemos com a análise e discussão dos dados, retomando nossas perguntas norteadoras e hipótese iniciais.

Finalizaremos a dissertação com nossas considerações finais, as referências utilizadas e o anexo.

## 1 A PRAGMÁTICA E OS ATOS DE FALA

Na compreensão dos eventos linguísticos, existem dois paradigmas diferentes, sob os quais podemos analisar a linguagem: o formalismo e o funcionalismo. Segundo Neves (1997, p. 39),

Na verdade, pode-se distinguir dois polos de atenção opostos no pensamento linguístico, o funcionalismo, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, e o formalismo, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários.

Leech (1985) nos diz que a visão formalista “tende a considerar a linguagem como principalmente um fenômeno mental” (p. 46), cujos universais linguísticos advêm de uma herança genética, diferentemente dos funcionalistas, que veem a linguagem como um fenômeno social, relacionando a aquisição da linguagem com a necessidade do ser humano de viver em sociedade.

A respeito da segunda abordagem, Cunha (2011) reforça as ideias de Leech e nos diz que a linguagem é concebida “como um instrumento de interação social” (p. 157), na qual os fatores envolvidos na situação comunicativa, como o contexto, a motivação e os usuários também podem ser abordados, e os textos são “relacionados às funções que desempenham na comunicação interpessoal” (p. 158), trabalhando com dados reais, olhando para o uso. Essa concepção de gramática, diferentemente do pensamento chomskyano, analisa a competência vinculada ao desempenho, que irá “moldar” os processos, os padrões gramaticais.

Apesar de divergentes, ao considerar aspectos diferentes da linguagem, Leech (1985) coloca que ambas possuem o seu valor de verdade e que seria insensato negar tanto o fenômeno psicológico quanto o fenômeno social.

Neste trabalho, devido ao nosso “recorte” de pesquisa, daremos ênfase à abordagem funcionalista, utilizando a Linguística de Corpus (ver capítulo 3) como metodologia e a pragmática como base teórica. Sobre esta última, falaremos com mais detalhe a seguir.

## 1.1. A PRAGMÁTICA

Campos (2008), ao iniciar seus escritos sobre questões metateóricas relacionadas à pragmática, define dois grandes momentos desta subteoria da linguística: o período clássico, no qual temos algumas obras que apontam para a existência da disciplina sem, no entanto, irem além disso; e o moderno, no qual vemos o florescer dos estudos pragmáticos, com a busca de uma definição e de um objeto de estudo para a mesma.

O “novo olhar sobre a linguagem”, ou a chamada “reviravolta pragmática”, inicia-se, segundo Oliveira (2001), com Wittgenstein II, cujo pensamento é “anti-sistemático”, em oposição ao Wittgenstein de *Tractatus Lógico-Philosophicus* (2001) – a linguagem, para o “primeiro” Wittgenstein, era, de acordo com Spica (2009), a totalidade das proposições, definidas como articuladas, portadora do sentido, através da qual os pensamentos são expressos (percebe-se aqui um autor alinhado com a lógica proposicional).

Opondo-se à tradição de que há “uma isomorfia entre realidade e linguagem: porque há uma essência comum a um determinado tipo de objetos é que a palavra pode designá-los e assim aplicar-se a diferentes objetos que possuem essa essência” (Oliveira, 2001, p. 120), Wittgenstein II é contra uma teoria objetivista da linguagem. A sua concepção de linguagem difere-se da concepção de Santo Agostinho, que é apresentada logo no início de seu livro *Investigações Filosóficas*:

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou se recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos. (1)

Para Wittgenstein II, nesta imagem da linguagem a palavra substitui o objeto, sendo este conceito de significação “a representação primitiva de maneira pela qual a linguagem funciona” (2)<sup>1</sup>, um sistema nominativo que “não é tudo aquilo que chamamos de linguagem” (3). Segundo o filósofo, “pode-se chamar isso de preparação para o uso de uma palavra” (26) – uma espécie de treinamento, que caracteriza a fala de adultos com crianças, preparando para o uso de uma linguagem que é mais complexa. A linguagem é, então, “parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (23), “de modo que não se pode separar pura e simplesmente a consideração da linguagem da consideração do agir humano ou a consideração do agir não pode mais ignorar a linguagem”. (Oliveira, 2001, p.138)

Ainda sobre Wittgenstein, Armengaud (2006) destaca dois pontos centrais em *Investigações Filosóficas*:

- 1) o pensamento e a linguagem vistos como indissociáveis, que geram um ao outro de maneira simultânea;
- 2) a linguagem não sendo mais algo privado, mas público, uma atividade comunicativa controlada por regras de maneira pública.

Utilizando a expressão metafórica “jogos de linguagem”, o filósofo descreve este ambiente citando alguns exemplos: poder-se-ia dizer, então, que um professor, ao dar um comando para os alunos ou ir até o quadro negro para expor uma teoria, realiza um jogo da linguagem, uma atividade, e faz com que as palavras adquiram significado em seu uso. Uma vítima de assalto, ao descrever o carro dos bandidos e os acontecimentos traumáticos para a polícia, também realiza esta atividade, que “se realiza sempre em contextos de ação bem diversos e só pode ser compreendida justamente a partir do horizonte contextual em que está inserida”. (Oliveira, p. 138)

Assim, enfatizando a ação e o contexto, este modelo quebra o paradigma de linguagem estabelecido pela semântica tradicional.

---

<sup>1</sup> Os números entre parênteses utilizados correspondem à numeração utilizada no texto pelo autor ao explicar suas idéias.



Araújo (2004) coloca que o filósofo “propõe, no lugar de regras lógicas e semânticas para construir proposições, simplesmente o uso da linguagem ordinária, que tal como está, está em ordem”. (Araújo, p. 100) Desta forma, “satisfaz às finalidades da compreensão linguística praticada por nossas formas de vida”. (Araújo, p. 101)

Sai de cena, neste momento, a linguagem exata da lógica, das condições de verdade proposta pela semântica formal e entra a análise da linguagem em uso, trazendo um novo olhar sobre a “significação”: “A significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (43), diz Wittgenstein, que afirma que, ao usar determinadas palavras, os filósofos devem se perguntar: “essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (116)

Nesta nova “era”, cujo pontapé inicial se deu com as novas observações wittgensteinianas, surgem tentativas de elaboração de um conceito para a pragmática, muitas com base no pensamento do filósofo e algumas inserindo novos olhares ou dando maior ênfase ao que já havia sido exposto.

A definição de pragmática feita por Morris (1938), considerada a mais antiga, diz que: “a pragmática é a parte da semiótica que trata da relação dos signos e dos usuários dos signos”. Já conseguimos perceber, por esta conceituação de Morris, uma tentativa de colocar o papel do usuário, tão presente nas definições mais atuais, como central.

Para Armengaud (2006), a pragmática se apresenta na tentativa de responder a certas perguntas, como por exemplo: “Que dizemos exatamente quando falamos? Como alguém pode dizer uma coisa completamente diferente daquilo que queria dizer? Quais são os usos da linguagem?”. Percebemos aqui o papel da pragmática de ir “além do texto”, embarcando, como veremos mais adiante, conceitos extralinguísticos. A autora também traz alguns pontos-chave com os quais a pragmática lida:

- 1) Conceito de ato: linguagem como ação. “Falar é agir”;
- 2) Conceito de contexto: “tudo o que é preciso saber para entender e avaliar o que é dito”;

3) Conceito de desempenho: “realização do ato em contexto”. Está relacionado ao saber do falante (linguístico e comunicativo).

No conceito de ato e de contexto, percebemos a influência do pensamento wittgensteiniano. Armengaud inova com seu terceiro item, o desempenho, que de outra forma será abordado pela Teoria do Contexto de Van Dijk, sobre a qual falaremos mais adiante.

Na visão de Huang (2007), a resposta para a pergunta “o que é pragmática?” é difícil de ser dada. Ainda assim, ele define pragmática como “estudo sistemático de significado em virtude de, ou dependente do uso da linguagem. O tópico central do inquérito da pragmática inclui implicatura, pressuposição, atos de fala e dêixis”. (p.2 – tradução nossa)

Se, de acordo com a perspectiva de Huang, a pragmática, assim como a semântica, também trata do significado, seriam estas subteorias autônomas ou se sobreporiam? Huang chega à conclusão de que “elas são inextricavelmente entrelaçadas de tal maneira que a fronteira entre elas não é fácil de desenhar de maneira clara e sistemática”. (p. 242 – tradução nossa)

Não nos deteremos na discussão de questões “obscuras” em relação aos limites entre a pragmática e a semântica, mas é interessante perceber o quanto as duas subteorias dialogam e, sob algumas perspectivas teóricas, se complementam.

Retomando a questão do significado, Yule (1996), ao elaborar sua definição de pragmática, também coloca que a pragmática ocupa-se do seu estudo. Entretanto, ele acrescenta: “significado como comunicado pelo falante (escritor) e interpretado por um ouvinte (ou leitor)”. Segundo esta visão, que se difere dos estudos mais tradicionais, a “porção humana” envolvida na linguagem também é considerada fundamental, assim como na definição de Morris.<sup>2</sup>

Além do significado do falante, Yule (1996) apresenta outras três áreas com as quais a pragmática lida: i) o significado contextual, já que a interpretação daquilo que as pessoas querem dizer acontece num determinado contexto – que irá

---

<sup>2</sup>Lembramos que, no início dos estudos linguísticos com Ferdinand de Saussure, o estudo da língua, objeto de estudo da ciência que acabara de emergir, a Linguística, era feito dentro da língua, sem referência ao contexto ou ao falante.

influenciar o que é dito; ii) o que determina a escolha do que será dito/não-dito e iii) a expressão de distância pois, segundo ele, “no pressuposto de quão perto ou distante o ouvinte está, os falantes determinam o quanto precisa ser dito” – noção esta de proximidade que pode ser tanto física e social quanto conceitual.

Das três áreas acima destacadas por Yule, o contexto é de extrema relevância para a análise que propomos fazer. Armengaud (2006) chega a colocá-lo como um fator central que caracteriza a pragmática e Moura (2000), em sua abordagem do contexto e da relação com o significado e o sentido, coloca que o esforço para a incorporação de elementos contextuais na significação “reabre o debate sobre os limites da semântica e da pragmática”, trazendo a oposição que surge entre sentido e significado, na qual a situação (ou contexto) tem papel relevante.

Adentrando um pouco mais na definição de contexto, Koch (2006) nos diz que as concepções diferem consideravelmente de autor para autor e de acordo com a época. O contexto era visto, na primeira fase das pesquisas com o texto, como o entorno verbal, ou seja, o “co-texto”. Esta concepção foi-se modificando com as considerações feitas pelos pragmáticos, que colocavam também a necessidade de análise da situação de comunicação, dando a ela um papel importante (diríamos fundamental) na atribuição do sentido.

A noção de contexto, importante para a pragmática, também é basilar nos trabalhos da Análise Crítica do Discurso. De acordo com Van Dijk (2012), o discurso não é só o texto, mas o contexto. O falar é composto não somente por representações linguísticas, mas também pela situação da comunicação. Sua Teoria do Contexto baseia-se num modelo de contexto considerado um tipo de modelo mental da situação (parte da memória episódica), na qual o falante seleciona aquilo que é mais relevante. Esses modelos mentais advêm das experiências cotidianas e precedem as ações dos indivíduos (como falar, atuar etc.). O modelo do contexto é simples e tem por função controlar o discurso que está sendo produzido, a fim de que a comunicação seja feita de forma adequada.

Esta é, segundo o autor, uma teoria “egocêntrica”, baseada no “eu”, e dinâmica, pois considera as mudanças no tempo, no conhecimento e nas emoções. Apesar de possuir uma parte cognitiva, Van Dijk considera este um modelo

pragmático, pois se trata da maneira “como” eu falo e considera que as diferenças culturais criam diferentes modelos de contexto.

Para esta teoria, o falante lida com algumas categorias, cuja relevância depende de cada situação. Dentre essas categorias, podemos citar:

- Noção de lugar – local de onde os falantes se comunicam. É necessária para poder compreender dêiticos como “aqui”, “lá”.
- Noção de tempo – falamos a expressão “boa tarde” normalmente em um período do dia, por exemplo. Ou seja, para que a comunicação seja adequada, o falante precisa ter essa noção de tempo, que servirá para a compreensão de palavras como “agora”, “hoje”, “amanhã” e dos verbos da língua.
- Representação dos participantes – o participante central da teoria é o “eu”, aquele que fala, o “self”. É o centro da interação do discurso.
- Identidade – a cada momento é necessário identificar as identidades relevantes, o papel dos indivíduos. Este é definido na relação entre os participantes, que possuem muitas identidades, mas que não representam todas no mesmo momento. Ex: um indivíduo pode ser pai, empregado, irmão e filho e desempenhar um ou outro papel em diferentes momentos da vida e do cotidiano.
- Atos ou práticas sociais – estes atos sociais relacionam-se com os Atos de Fala. São tipos de atos sociais: dar uma palestra, discursar, ouvir.
- Objetivo, intenção – o quê se pretende com o ato social. Ao dar uma palestra, por exemplo, meu objetivo pode ser o de educar.

Assim, ao adotarmos a perspectiva pragmática e ao retomarmos alguns de seus dos conceitos-chave, observamos que o nosso sujeito tem “voz” no discurso e

se constitui na relação com o “tu”, com quem fala, o outro. Ele possui intenção ao produzir um texto, ao se comunicar – um papel, diríamos, atuante. A compreensão, ou seja, a produção do sentido, dá-se através dos elementos linguísticos (sua organização e forma) e dos elementos envolvidos na situação de interlocução, constitutivos do contexto. A linguagem, por sua vez, é vista de maneira concreta, para fins de comunicação entre os usuários de dada língua, comunicação esta que se realiza através dos “jogos de linguagem”, como postulou o vanguardista Wittgenstein II.

Essa nova visão da linguagem que surge com a “virada pragmática” tornou-se campo fértil para as ideias de Austin. A linguagem ativa é um ato de fala. A aproximação entre as ideias de Wittgenstein e Austin é clara; distingue-se, segundo Wetherell & Yates (2001), porque

Enquanto Wittgenstein fragmentou a linguagem em um grande número de jogos de linguagem que tendem a desafiar uma caracterização geral precisa, o objetivo de Austin foi especificamente dar uma análise geral, sistemática desta linguagem ativa.

(Wetherell & Yates, 2001, p. 43 – tradução nossa)

Falaremos mais a respeito da teoria dos Atos de Fala, da sistematização da linguagem em uso feita por Austin e, posteriormente, lapidada por Searle, no subcapítulo seguinte.

## 1.2 ATOS DE FALA

A teoria dos Atos de Fala (do inglês, *Speech Acts theory*) de John Langshaw Austin tem por base as conferências proferidas por ele no ano de 1955, na Universidade de Harvard (compiladas e publicadas em meados dos anos 60 no livro *How to do Things with Words*). Ela foi posteriormente aprimorada por Searle, que basicamente apresentou suas ideias no livro *Speech Acts: an essay in the philosophy of language* e no artigo “A Classification of Illocutionary Acts”, publicado no periódico *Language in Society*.

Sobre a relação entre os filósofos, existem diferentes pontos de vistas dentro da pragmática: alguns estudiosos consideram que Searle não serviu apenas como aprimorador das ideias inacabadas de Austin. Acreditam, inclusive, que se Austin tivesse vivido mais, não teria chegado às mesmas conclusões que Searle (ou sequer teria modificado seu trabalho). Já outros analisam sob o ponto de vista de um discípulo, sendo Searle o “representante oficial” de seu mestre e, assim, obtendo autoridade para aprimorar a teoria. Neste trabalho, apresentaremos a teoria como apresentada por ambos, sem a tentativa de achar uma solução para o “quebra-cabeça” criado por alguns estudiosos.

Voltando às ideias de Austin, considerando que o objeto de estudo “não é a sentença, mas a produção de uma enunciação na situação de discurso” (1975, p.139), ele examina as enunciações e constata que não possuem um caráter verdadeiro ou falso, não relatam ou constata algo, mas executam uma ação. Assim, a ideia central da sua teoria é a de que ao falarmos, já realizamos uma ação (sobre o mundo e sobre o outro).

Contrariando o pensamento de que a linguagem serve para referir, seu trabalho traz à linguagem um caráter comunicativo. Austin começa, em suas palestras, citando os casos em que ao se dizer algo, está se fazendo algo (os chamados *performativos*). Para tal, ele utiliza alguns exemplos, como:

(a) “Aceito (esta mulher como minha legítima esposa).” – do modo que é proferido no decurso de uma cerimônia de casamento.

(b) “Batizo este navio com o nome de Rainha Elizabeth.” – quando proferido ao quebrar-se a garrafa contra o casco do navio.

O autor coloca que estes exemplos deixam claro que as sentenças proferidas não estão descrevendo a cerimônia de casamento nem mesmo a cerimônia de batismo do navio. Não são verdadeiras nem falsas; ao dizer estas palavras, estou fazendo a ação: casando (mudando de estado civil) e nomeando um navio. A este tipo de sentença chamamos “sentença performativa”, advinda do inglês *to perform*, verbo que indica ação.

Ao falarmos de sentenças performativas, devemos nos lembrar de que o objeto de estudo em questão é a produção de uma enunciação, como já anteriormente colocado. Assim, “é sempre necessário que as circunstâncias nas quais as palavras são proferidas deveriam ser de algum modo, ou modos, *apropriadas...*” (p. 8), ou seja, no caso de um casamento, é necessário que a pessoa que está casando (no caso de um casamento cristão) não seja casada, por exemplo.

Há casos em que um performativo sai errado, fracassa: neste caso, a sentença, ao invés de ser falsa, é chamada de “infeliz”. Austin coloca seis regras que não podem ser transgredidas para o sucesso da ação. Não nos deteremos na explicação destas, já que visamos apresentar de maneira concisa sua teoria; basta-nos saber que o ato não se realiza.

Retomando o exemplo anterior, a pessoa que conduz a cerimônia de casamento deve ter autoridade para fazê-la, assim como aquele que batiza o navio; caso contrário, a cerimônia não terá seu valor reconhecido; como coloca Austin na segunda regra: “As pessoas e circunstâncias particulares em cada caso devem ser adequadas ao procedimento específico invocado”. (A. 2) (p. 15 – tradução nossa)

Vale esclarecer que, para Austin, os performativos não são apenas aqueles verbos formados na primeira pessoa do singular no tempo presente do indicativo, na forma afirmativa e na voz ativa. Ele acrescenta verbos na segunda e terceira pessoas, na voz ativa e passiva. O filósofo mostra quais são os possíveis performativos e como alguns verbos (performativos explícitos), como “aposto”, “duvido”, “declaro”, não necessitam de complemento para serem identificados como tais.

Portanto, ele defenderá que não há um juízo crítico (critério gramatical ou de vocabulário) que seja capaz de definir com exatidão todos os possíveis performativos, não existe um critério gramatical que consiga distingui-los de maneira precisa. Desta forma, Austin procura mostrar como “dizer algo” equivale a “fazer algo”. Ele expõe que, quando cometo o ato de dizer algo, estou automaticamente fazendo algo ou participando de algo. É partindo dessa idéia que ele apresenta os atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários.

Quando profiro uma frase respeitando as regras gramaticais e que tenha um sentido, estou realizando um ato locucionário. Se, ao proferir uma frase, ela resultar

no sentido de fazer aquilo que digo (quando prometo, estou afirmando que farei o combinado, por exemplo), a frase tem uma força que ela própria significa a realização de um ato ou parte dele, ou seja, um ato ilocucionário. Os atos perlocucionários são definidos como sendo o ato de, ao proferir determinada frase, obter certos resultados (convencer, persuadir, impedir) que irão além da linguagem e se realizam apenas se certos resultados forem obtidos.

Retornando aos atos ilocucionários, estes possuem uma força, chamada de força ilocucionária, que os divide em cinco grupos:

- Vereditivos: dar veredito.
- Exercitivos: exercício de poder, influência.
- Comissivos: prometer, ou assumir algo de maneira que se comprometa.
- Comportamentais: relacionado a atitudes e comportamentos sociais.
- Expositivos: Usado para ilustrar como o proferimento adéqua a uma argumentação (expõe).

Searle, ao retomar as idéias de Austin, percebeu que ainda existiam algumas lacunas que Austin, em seu estudo, não fora capaz de preencher.

Assim, dando continuidade às ideias de Austin, em 1976, o filósofo americano John R. Searle lança o livro *Speech Acts: an essay in the philosophy of language* (1976). Logo no início da obra, Searle lança a hipótese com a qual trabalhará durante todo seu livro: falar uma língua é um tipo de comportamento intencional governado por regras, regras estas de uso dos elementos linguísticos; falar uma língua é “performar” atos de fala, que são considerados “as unidades básicas ou mínimas da comunicação” (1976, p. 16).

Ao tratar, então, da comunicação, Searle coloca alguns conceitos utilizados pela pragmática, como o usuário/falante que produz a mensagem, o ato comunicativo e a intenção deste falante ao produzir tal mensagem. Seguindo suas explicações, Searle fala de regras e “encontra” Wittgenstein, para quem a linguagem, nas palavras de Lycan (2001)



não é uma questão de marcas no quadro-negro que levam a relação expressa a entidades abstratas chamadas de "proposições"; linguagem é algo que as pessoas fazem, e fazer de uma forma altamente governada por regras de maneira convencional. A atividade linguística é regida por regras da mesma forma que jogar um jogo é regido por regras. (Lycan, 2001, p. 91 – tradução nossa)

O filósofo alemão nos mostra a sua visão de linguagem como ação - ideia também defendida por Searle (e Austin) - ele coloca a linguagem, ou em suas palavras, a “teoria da linguagem”, dentro da teoria da ação.

Searle prossegue trazendo de volta a dicotomia saussuriana de língua X fala para explicar que sua abordagem é uma abordagem de fala, que, segundo o mestre genebrino, é um “ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 2012, p. 45); sua importância nos estudos do mestre nos mostra que a fala constitui a língua é “é o objeto da Linguística” (Silveira, p. 50).

Searle não vê os trabalhos de Wittgenstein (*Tractatus Logico-Philosophicus* e *Investigações Filosóficas*) como contrários, já que, segundo ele, o estudo do significado e dos atos de fala são complementares. Para ele, “o estudo do significado das sentenças não é distinto do estudo dos atos de fala” (1976, p. 18 – tradução nossa). São somente diferentes visões, tendo em vista que cada ato de fala pode ser, em princípio, formulado em uma sentença e cada sentença pode ser usada para produzir um ato de fala.

Através desta relação “sentença - atos de fala” emerge o princípio da expressibilidade, segundo o qual, em princípio, é possível ser capaz de dizer exatamente aquilo que quero significar – isto se difere ao efeito que o usuário pretende obter em seu ouvinte ao dizer X coisa, ou seja, da intenção do falante, como alertar, fazer um pedido, pedir desculpas etc.

Analisemos a seguinte sentença:

a) É meio-dia.

Esta sentença descreve um momento, uma situação. Poderia ser usada, por exemplo, na descrição de algum quadro pintado por algum artista, no qual vemos uma família sentada à mesa e um relógio na parede que marca meio-dia.

b) A família está toda reunida, o almoço está servido, é meio-dia.

Porém, este tipo de situação, na qual apenas descrevemos um momento, é bastante limitado. Como ato ilocucionário, a sentença pode ser, dependendo do contexto, um convite (“É meio-dia, vamos almoçar?”), um pedido (“É meio dia, hora de silêncio, poderias parar com o barulho?”), pode ser uma justificativa (“É meio-dia, já trabalhei 4 horas, preciso de um descanso.”) e inúmeros outros exemplos de ação através do uso da língua.

Desta forma, compreendemos o que Searle quer nos dizer quando, segundo ele, o estudo do significado não se limita somente ao estudo semântico. O enunciado linguístico é um ato de fala, ou seja, a realização do enunciado em forma de ordem, promessa, agradecimento etc., que pode ser linguisticamente de forma explícita ou não. Vejamos os exemplos:

c) Prometo que irei estudar.

d) Lamento pela morte de seu irmão.

e) Juro que não quebrei o vaso, mãe.

(c1) Prometi no ano passado que iria estudar.

(d1) Pedro lamentou muito a saída de seu amigo da escola.

(e1) Minha filha jurou que não compraria mais roupas.

Nas sentenças (c), (d) e (e) ato de prometer, lamentar e jurar acontece na enunciação da sentença. Elas se diferem de (c1), (d1) e (e1).

Searle retoma as ideias de Austin e apresenta os três tipos de atos de fala:

- a) Ato locucionário – é o dizer algo, ou seja, os enunciados.
- b) Ato ilocucionário – enunciados que possuem valor convencional, ou seja, por meio deles pergunta-se, agradece-se etc.
- c) Ato perlocucionário – o efeito que o ato produz no ouvinte.

Para Searle, a unidade fundamental da comunicação humana (em termos linguísticos) é o ato de fala. Como exposto acima, já vimos, os atos de fala se subdividem em 3 grandes categorias. Como base para a análise dos advérbios, focalizar-nos-emos na apresentação dos atos ilocucionários.

Existem algumas dimensões que podem ser significativas para explicar a variação entre os diferentes atos ilocucionários. Deter-nos-emos na apresentação das três consideradas por Searle as mais importantes e essenciais na construção da sua taxonomia. A primeira delas é a diferença entre propósito e força.

O propósito é parte, não é o mesmo que força ilocucionária. “Pedir” e “mandar” possuem o mesmo propósito: que o ouvinte faça determinada coisa. Entretanto, as forças são distintas. A força resulta do somatório de diferentes elementos, dos quais um deles é o propósito.

Searle ainda coloca que algumas situações têm como parte de seu propósito o que ele chama de direção apropriada. Para explicar este termo, ele utiliza o exemplo da lista de supermercado.

No exemplo trazido por Anscombe (1957) e utilizado por Searle, um homem vai ao supermercado com uma lista de compras dada por sua esposa. Na lista, estão escritas as palavras “feijão, margarina, bacon e pão”. Suponhamos que ele ande pelo estabelecimento selecionando os itens sendo seguido por um detetive, que faz anotações de tudo o que ele pega das prateleiras. Ao saírem do local, ambos terão uma lista idêntica; porém, com funções distintas. No caso da lista de compras do homem, o propósito é fazer com que o “mundo se iguale às palavras”. Já no caso do detetive, o propósito é fazer com que as suas ações “se encaixem” na lista, num sentido inverso. Se o detetive, por acaso, se enganar e escrever na lista um item errado (“costeletas de porco” ao invés de “bacon”, por exemplo), poderá posteriormente apagá-lo e escrever o item correto. Já se o homem chegar a casa e

sua mulher mostrar-lhe que ele trouxe costeletas de porco no lugar do bacon, ele não poderá simplesmente apagar a palavra para desfazer o erro.

Percebemos, então, a relação entre o conteúdo proposicional (no caso, a lista de compras) e a força ilocucionária, ou seja, aquilo que determina como, de que maneira, o conteúdo deve relacionar-se com o mundo. Esta relação conteúdo-mundo é chamada de direção apropriada e foi classificada de duas formas: palavras-para-o-mundo (representada por ↓ ), mundo-para-as-palavras (cuja representação é ↑ ). Em cada uma destas categorias, podemos enquadrar “pedidos”, “promessas”, “explicações”, “descrições” etc.

Por último, há o estado psicológico, que advém da execução de um ato ilocucionário: ao expressá-lo, o falante demonstra algum tipo de atitude ou estado em relação ao conteúdo proposicional, como, por exemplo, prometer, acreditar, etc. Searle chama a atenção para o fato de que, ao menos na primeira pessoa, é inaceitável que alguém diga “Eu afirmo que p, mas não acredito em p”. Este estado psicológico é chamado de condição de sinceridade.

Para melhor compreendermos este conceito, na tabela abaixo, podemos visualizar alguns tipos de atos ilocucionários, os conteúdos proposicionais e as condições de sinceridade de cada um.

Quadro 1 - Tipos de atos ilocucionários

<b>Atos ilocucionários</b>				
	<b>Pedido</b>	<b>Afirmação</b>	<b>Agradecimento</b>	<b>Aconselhamento</b>
Conteúdo Proposicional	Ação futura do ouvinte.	Qualquer proposição p.	Ação passada feita pelo ouvinte.	Ação futura do ouvinte.
Condição de Sinceridade	O falante quer que o ouvinte faça a ação.	O falante acredita em P.	O falante sente-se grato pela ou aprecia a ação.	O falante acredita que a ação beneficiará o ouvinte.

Fonte: Adaptada de SEARLE (1976, p. 66-67)

Observamos que, dos quatro tipos de atos ilocucionários, um é bastante utilizado no registro acadêmico: a afirmação. Ao dissertar sobre determinado

assunto, o autor frequentemente afirma algo, ainda que no mundo científico as respostas para as hipóteses levantadas não possam ser tomadas como verdades absolutas. Em relação a “qualquer proposição p”, como visto na tabela, o falante possui uma crença. Neves (2011), ao dissertar a respeito de modalização, coloca os advérbios de posicionamento dentro da categoria de palavras que modalizam a proposição, ou seja, apresentando crença, levantando hipóteses e pontos de vista a respeito - estudo este que será apresentado mais adiante (ver seção 2.4.2.); por hora, é interessante perceber que as ideias de Searle possuem pontos em comum com as análises linguísticas dos advérbios que serão apresentadas neste trabalho.

Retomando a classificação de Austin para “lapidá-la”, Searle coloca, a respeito dos verbos citados por Austin, que “a primeira coisa a notar nestas listas é que elas não são classificações de atos ilocucionários, mas de verbos ilocucionários do inglês”. (p. 8 – tradução nossa) O filósofo acrescenta que nem todos os verbos listados são verbos ilocucionários e, em algumas categorias, os verbos são de tipos diferentes. Também não há princípios consistentes sobre os quais a taxonomia está ancorada – o que gera uma mistura de categorias, criando certa heterogeneidade. Para tentar esclarecer estes pontos, ele apresenta uma alternativa, utilizando como base para a sustentação de sua classificação alguns pontos já apresentados nesta dissertação: propósito ilocucionário, direção apropriada e condição de sinceridade.

Vejamos a classificação searlina:

Quadro 2 – Classificação de Searle dos atos de fala

<b>Ato de Fala</b>	<b>Propósito</b>	<b>Direção Apropriada</b>	<b>Condição de Sinceridade</b>	<b>Exemplos</b>
Representativos	Atos que comprometem o falante com a verdade da proposição expressa.	↓	Acreditar (que p).	Reclamar, concluir, deduzir.
Diretivos	São tentativas (convites, sugestões) do falante de fazer com que o ouvinte faça determinada coisa.	↑	Quero (ou desejo)	Pedir, implorar, convidar.
Comissivos	Atos que comprometem	↑	Intenção	Prometer,

	o falante com alguma ação futura.			planejar, apostar.
Expressivos	Expressam o estado psicológico especificado na condição de sinceridade sobre um estado de coisa especificado no conteúdo proposicional.	∅	(P) <i>Variável para possíveis estados psicológicos.</i>	Agradecer, dar as boas-vindas, desculpar-se.
Declarativos	O sucesso na execução traz a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade, garante que o conteúdo proposicional corresponda ao mundo.	↕	∅	—

Fonte: O autor (2014) (baseado em SEARLE, J. R. 1976)

Observando a tabela acima, com base nas idéias apresentadas por Searle (1976), podemos destacar alguns pontos interessantes. Primeiramente, ao debater os exemplos dos atos representativos, Searle coloca que “reclamar” relaciona-se com o interesse do falante, diferentemente de “concluir”, que está relacionado com o resto/contexto do enunciado ou do discurso. São exemplos de atos ilocucionários que possuem o mesmo propósito (comprometer o falante com a verdade da proposição), mas que possuem forças ilocucionárias diferentes.

Em segundo lugar, há a similaridade entre os atos diretivos e comissivos: Searle optou por separá-los em dois grupos distintos, apesar das semelhanças (mesma direção apropriada e propósitos similares – “fazer a ação X”). Entretanto, nos atos comissivos, o falante compromete-se com alguma ação futura (exemplo: *Prometo que não irei dormir durante a aula de amanhã.*), diferenciando-se dos atos diretivos, nos quais o propósito é fazer com que o ouvinte faça determinada coisa, como por exemplo, um funcionário pedir para seu chefe um aumento de salário.

Os dois últimos atos ilocucionários também possuem pontos interessantes a serem apresentados. Nos atos expressivos, observamos que a direção apropriada é nula; isto porque a verdade da proposição é pressuposta; para finalizar, lembrando os atos performativos apresentados por Austin, temos os atos ilocucionários declarativos, como “Você está demitido”, no qual o dizer com sucesso “traz à realidade” as palavras, faz a ação.

Dentre os cinco tipos de atos de fala apresentados, aquele que mais se enquadra no perfil dos textos analisados é o representativo. Retomando a idéia já exposta nesta seção, textos acadêmicos como resenhas, artigos, monografias etc. possuem como característica em comum o comprometimento do falante com as idéias por ele expressas. Utilizando os exemplos dados por Searle, em uma resenha crítica, por exemplo, o falante pode “reclamar” a respeito de um assunto de determinado livro que não foi bem explorado, ou poderá fazer deduções (“deduzir”), em um artigo científico, a partir dos resultados obtidos em algum experimento laboratorial, por exemplo.

Este aprofundamento da teoria dos Atos de Fala estimula o linguista a olhar mais a fundo a linguagem produzida por certo falante num determinado contexto, considerando variáveis até então impensadas. A relação que o falante estabelece com a linguagem e a apropriação que ele faz desta traz à tona a forte ligação entre ação e linguagem, reascendendo discussões sobre a (im)possível neutralidade no enunciado, carregado de intenções.

Este é um dos tópicos que veremos no capítulo seguinte, que também descreverá a linguagem acadêmica, apresentando suas peculiaridades, além de tratar da relação advérbios-posicionamento.

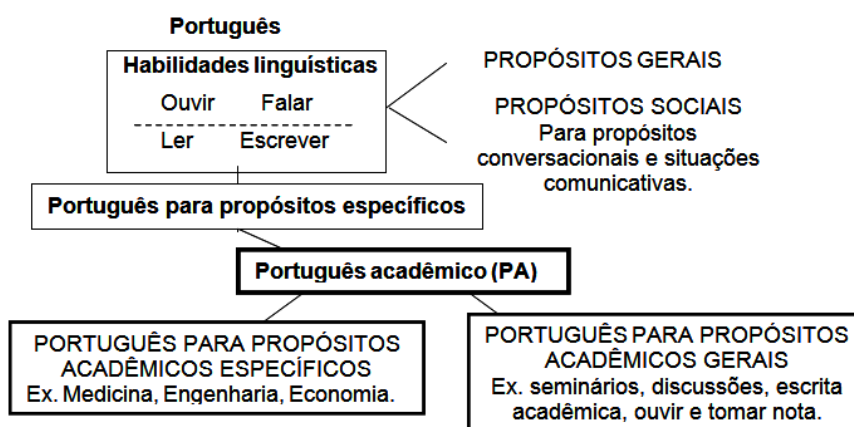
## 2 LINGUAGEM ACADÊMICA, POSICIONAMENTO E ADVÉRBIOS

Este capítulo está estruturado da seguinte forma: no primeiro subcapítulo, falaremos a respeito da linguagem acadêmica. Após, trataremos do português como língua adicional – em contexto nacional e mundial - e do posicionamento em linguagem acadêmica; por fim, dissertaremos acerca dos advérbios e da sua relação com o posicionamento.

### 2.1 LINGUAGEM ACADÊMICA

A linguagem acadêmica poderia ser definida, com base na definição apresentada por Jordan (1997) de “inglês para propósitos acadêmicos” (EAP, sigla em inglês), como as habilidades de comunicação requeridas para o estudo em sistemas formais de educação. Em outras palavras, é o tipo de linguagem utilizada no ambiente acadêmico e para qual se espera que o aluno tenha competência. Esta pode ser tanto escrita (como, por exemplo, os textos utilizados em aula, provas, trabalhos escritos produzidos por alunos – tais como ensaios, teses e artigos) como falada (o discurso do professor, trabalhos orais apresentados por alunos – comunicações individuais, apresentação de pôsteres).

Figura 1 - Posição do português acadêmico no panorama lingüístico



Fonte: O autor (2014) (baseada em Jordan, 1997).



A figura anterior nos mostra a posição que o português acadêmico (PA) ocupa dentro de um panorama linguístico. Temos a língua portuguesa de maneira geral, com seus propósitos gerais e sociais, e a divisão das habilidades linguísticas, e o português acadêmico dentro de “propósitos específicos”, cujos propósitos são divididos em específicos (são citadas as diferentes áreas acadêmicas que o utilizam) e os gerais, como seminários, discussões etc.

Ao ingressar em um ambiente acadêmico, os alunos precisam aprender o “código acadêmico” (Jordan, 1997), o que envolve, segundo o autor,

um número de elementos, dependendo do nível de educação, isto é, graduação, pós-graduação, pesquisa, etc. Pode incluir adaptação a um novo sistema acadêmico, dentro de ambiente cultural, que possui suas próprias convenções. Pode também envolver observar a natureza das relações entre o pessoal acadêmico e estudantes e entre os próprios estudantes. Essas relações envolvem atitudes e expectativas, algumas das quais são expressas pela linguagem.

(p. 6 - tradução nossa)

Se compararmos, então, a linguagem acadêmica com a linguagem diária utilizada pelos falantes de determinada língua, veríamos que a utilização de gírias e expressões coloquiais, por exemplo, não são características usuais da linguagem acadêmica, que tende a possuir um nível de vocabulário e de estruturas gramaticais mais formais.

Esta diferença entre as variantes de uma mesma língua gera, muitas vezes, problemas para alunos novatos, ainda não habituados com o novo mundo acadêmico, e para estudantes intercambistas – especialmente aqueles que migram para um país no qual não lhes é exigido uma proficiência em linguagem acadêmica – a título de exemplificação, a maioria das universidades americanas exigem que alunos estrangeiros façam o exame de proficiência TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*), o que não ocorre no Brasil, que não possui um exame deste tipo.

As variáveis incluídas na aprendizagem de PLA são muitas, e estas nem sempre estão relacionadas à linguagem (Jordan, 1997). Os estudantes têm a possibilidade tanto de começar seus estudos em países que possuem a língua

estudada como língua oficial (como, por exemplo, aqueles intercambistas que iniciam o estudo de português em universidades brasileiras), como em seus países de origem. As razões para o estudo variam, podendo a língua em questão ser um pré-requisito para o ingresso em programas de universidades. Os professores podem ser falantes nativos ou não. A duração dos cursos é bastante variável: duração de um semestre inteiro ou meio semestre, em período integral ou parcial etc.

Em relação ao material didático utilizado no PLA, considerando que o aumento no interesse pelo estudo do mesmo é recente (falaremos mais a respeito no capítulo seguinte), o material disponível não apresenta grandes variações, voltando-se para o ensino do português cotidiano. Ao ensinar ao aluno as estruturas gramaticais mais comuns do idioma em tópicos variados, como turismo e esportes, utilizam para tal ferramentas como a leitura de charges, piadas e outros textos afins, que se diferenciam da maioria dos recursos utilizados em uma sala de aula de uma universidade.

A respeito da presença do autor em linguagem acadêmica, Fløttum, Gedde-Dahl e Kinn (2006) colocam que gêneros como o artigo científico, assim como outros similares, "têm constantemente sido considerados como relativamente objetivos e impessoais, exibindo poucos traços do pesquisador" (p. 67), e que nas últimas décadas expressões que indicam a presença do autor foram o centro das atenções de inúmeras pesquisas em LA, especialmente os pronomes, foco da investigação destes autores, cuja pergunta-chave da pesquisa era: como autores de artigos se manifestam nos textos, mostrando-nos a pertinência de mais estudos na área tendo o português como língua de estudo.

Nesta seção, vimos algumas das características que caracterizam a linguagem acadêmica e o PLA, recente como foco de estudo. Os fatores que atuaram na promoção da língua portuguesa pelo mundo, bem como alguns dados atuais sobre o ensino desta no Brasil e em outros países serão vistos no próximo subcapítulo.

## 2.2 PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

O Brasil – e conseqüentemente, o português - tem atraído os olhares do mundo à medida que o país avança em termos políticos e socioeconômicos. Atualmente, a língua portuguesa possui cerca de 205 milhões de falantes (ALBUQUERQUE E ESPERANÇA, 2010, p. 4) e é a quarta língua mais falada como língua adicional (LA)<sup>3</sup>. O ensino e a aprendizagem de português como LA ganhou destaque nos últimos anos e tem sido tema de diversas pesquisas linguísticas.

O visível crescimento econômico do Brasil, com destaque para o maior crescimento do país dos últimos 25 anos ocorrido em 2010 e o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) em 2013 em 2,5%<sup>4</sup>, é uma das causas da valorização da língua portuguesa no cenário mundial.

O exame Celpe - Brás, certificado de proficiência de língua portuguesa para estrangeiros, reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro, teve o dobro do número de inscritos nos últimos 10 anos - no ano 2000, foram 1.155 candidatos inscritos. Já em 2010, este número passou para 6.139. (FOREQUE, 2011).

Além disso, observa-se um aumento na procura por cursos de PLA fora e dentro do país. Na Universidade de Harvard, o número de alunos matriculados em português subiu 150% nos últimos 10 anos<sup>5</sup> e no IBEC (Instituto Brasileiro-

---

<sup>3</sup> Pesquisadores têm optado pela utilização do termo “língua adicional” (LA) em detrimento de “língua estrangeira” (LE). A respeito da diferença entre eles, Stern (1983, apud Perna; Yuqi, 2012) coloca que falantes de uma língua adicional (L2) são aqueles que são proficientes em uma língua não nativa, em um território onde esta língua é falada como L1 e possui status sociopolítico. Podemos citar como exemplo estudantes universitários brasileiros falantes nativos de português (L1), atualmente residentes em algum país de língua inglesa, cursando uma pós-graduação – portanto, proficientes em língua inglesa (L2).

Já o termo LE se refere a aprendizes de língua dentro de uma comunidade na qual esta língua não possui status sociopolítico. Como exemplo, estudantes brasileiros residentes no Brasil que estudam francês em algum curso livre.

Assim, aprendizes de língua portuguesa que vem para o Brasil estudar a língua portuguesa são considerados estudantes de português como língua adicional (LA), termo que será amplamente utilizado nesta dissertação.

<sup>4</sup> Dado apresentado pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) conforme matéria vinculada no site BBC Brasil em 08 de outubro de 2013:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/10/131008\\_fmi\\_brasil\\_dg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/10/131008_fmi_brasil_dg.shtml).

<sup>5</sup> Notícia do Jornal da Globo de 23 de junho de 2011: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2011/06/alunos-de-harvard-vem-ao-brasil-para-aprender-portugues.html>

Equatoriano de Cultura) o número de inscritos nos cursos PLA subiu de 533 no ano de 2002 para 3.184 em 2012<sup>6</sup>.

Segundo uma pesquisa da *Modern Language Association* (Furman, Goldberg, & Lusin, 2010), realizada desde 1958 n'Os Estados Unidos e atualizada em 2009, com 99% dos cursos de graduação e pós-graduação americanos que oferecem cursos de línguas (2.514 instituições), o crescimento no número de matriculados em cursos de português cresceu, de 2006 para 2009, mais de 10,8%, ganhando posição de destaque.

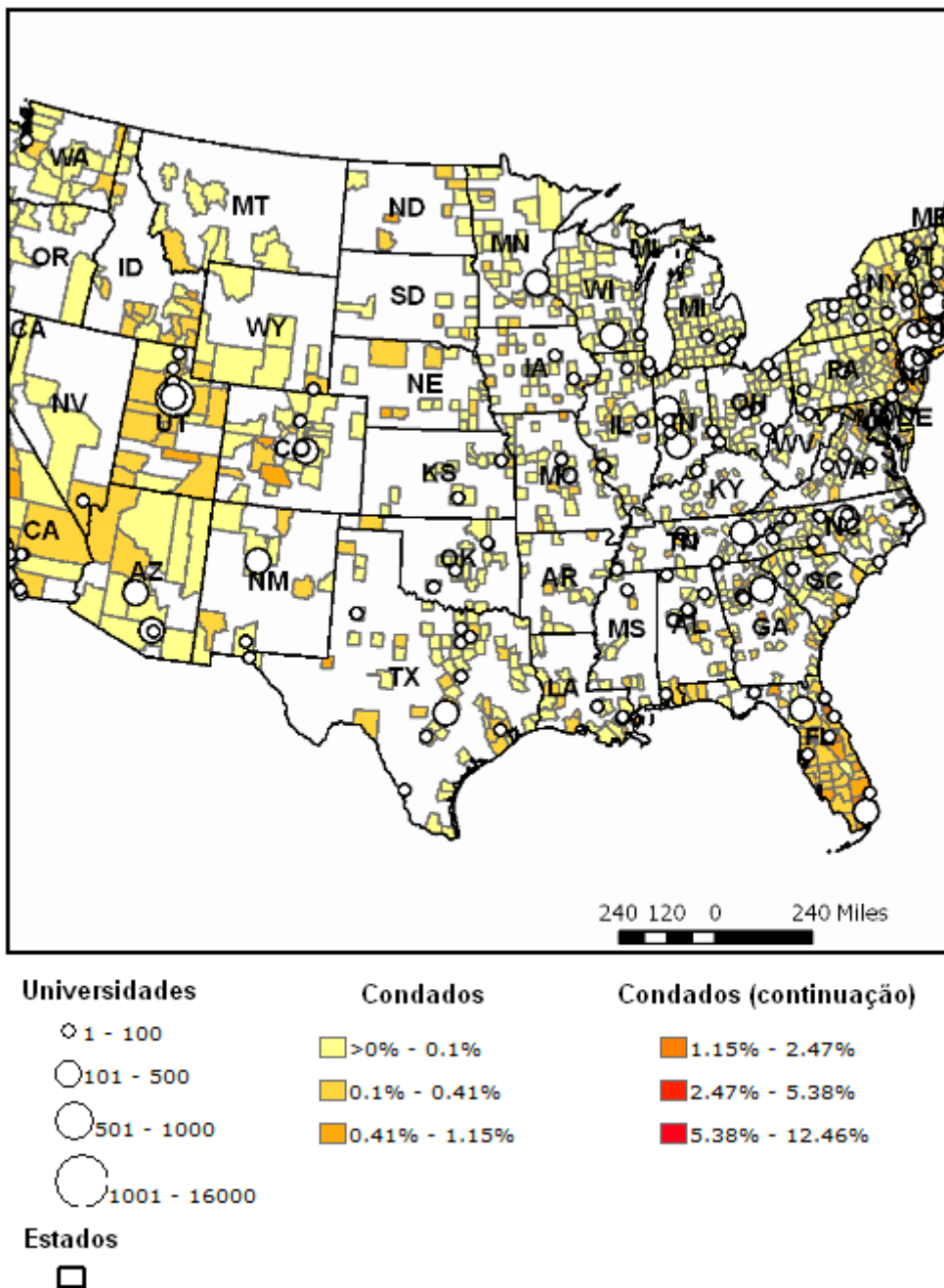
O mapa a seguir nos mostra a distribuição dos locais de ensino de português e português crioulo<sup>7</sup> pelo país, com maior concentração nas regiões Sudeste, Nordeste e Sudoeste, como nos mostram as áreas mais escuras.

---

<sup>6</sup>Apresentação intitulada "A Língua Portuguesa no IBEC: uma demanda crescente" apresentada por Kátia Salvado na mesa-redonda I "Práticas de ensino e de formação de professores nos Centros e Institutos Culturais Brasileiros no exterior" no 1º SINEPLA, Porto Alegre, 2012.

<sup>7</sup> A respeito do "português crioulo", a pesquisa não oferece um conceito, limita-se a apresentar dados estatísticos.

Figura 2 - Locais de ensino de português e português crioulo n'Os Estados Unidos



Fonte: MLA (Furman, Goldberg, & Lusin, 2010) (tradução nossa)

Já no Brasil, no início de 2013, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) ofereceu aos alunos de graduação e pós-graduação da Universidade de Harvard um curso de duas semanas de PLA e serviços sociais, num total de 40 horas de estudos formais da língua e 40 horas de serviços

voluntários<sup>8</sup> – a PUCRS vivencia um crescimento exponencial no número de alunos estrangeiros, que atualmente está em torno de 60 nos cursos de graduação e pós-graduação. Além disso, outras universidades, inclusive federais, como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), criaram cursos de extensão de PLA a fim de suprir esta crescente demanda, que se fortaleceu com o aumento do número de acordos governamentais entre o Brasil e demais blocos econômicos.

Tendo em vista essa valorização, observamos a necessidade de criação de um exame de proficiência específico, a fim de avaliar a proficiência destes alunos em nível de “registro acadêmico”<sup>9</sup>. Este, ao contrário do exame Celpe-Bras<sup>10</sup>, enfocaria somente a língua acadêmica, necessária para que estes alunos, a fim de conseguir resultados satisfatórios em seus cursos, tenham boas habilidades linguísticas, principalmente em termos de leitura e escrita. Assim, através da criação, processamento e análise de corpora, visamos à obtenção de padrões que nos possibilitem no futuro não somente a criação de um exame, mas a colaboração para o crescimento do ensino de PLA, estimulando mais pesquisas na área, especialmente no que diz respeito ao posicionamento do falante, tópico que vem ganhando espaço na pesquisa acadêmica e que será discutido a seguir.

### **2.3 POSICIONAMENTO EM LINGUAGEM ACADÊMICA**

O posicionamento do falante, segundo Biber (1999) e Barton (1993), é feito através de “mecanismos linguísticos que expressam sentimentos e avaliações do autor/falante”. Chamados também de “avaliação” (Huston, 1994) e “intensidade” (Labov, 1984), entre outras denominações, o posicionamento tem chamado a

---

<sup>8</sup> Informações extraídas de;

<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/AdministracaoSuperior/aaii/aaiiEnglishSite/aaiiPU>  
CRSHarvard

<sup>9</sup> “Registro”, segundo Biber (2006), refere-se a um “tipo geral de linguagem associado com um domínio de uso”, focado em “características lexico-gramaticais”, diferentemente de “gênero”, que tem sido usado para se referir a “um tipo de mensagem reconhecido culturalmente com uma estrutura interna convencional”, focado em “ações socioculturais”. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, optamos por utilizar o termo “registro”.

<sup>10</sup> O exame Celpe-Bras (BRASIL, 2006) é descrito como um exame de natureza comunicativa. A proficiência do candidato é medida através de tarefas que envolvem gêneros em textos escritos e falados, tais como reportagem, quadrinhos, horóscopo, entrevistas, noticiários, novelas etc., não tendo como enfoque a linguagem acadêmica.

atenção de linguistas, principalmente de estudiosos de registros acadêmicos, tendo em vista que a linguagem acadêmica muitas vezes é vista como factual e impessoal.

De acordo com Biber (2006, p. 88 – tradução nossa), “advérbios de posicionamento expressam a atitude ou a avaliação do falante/escritor em respeito à proposição contida na oração principal”.

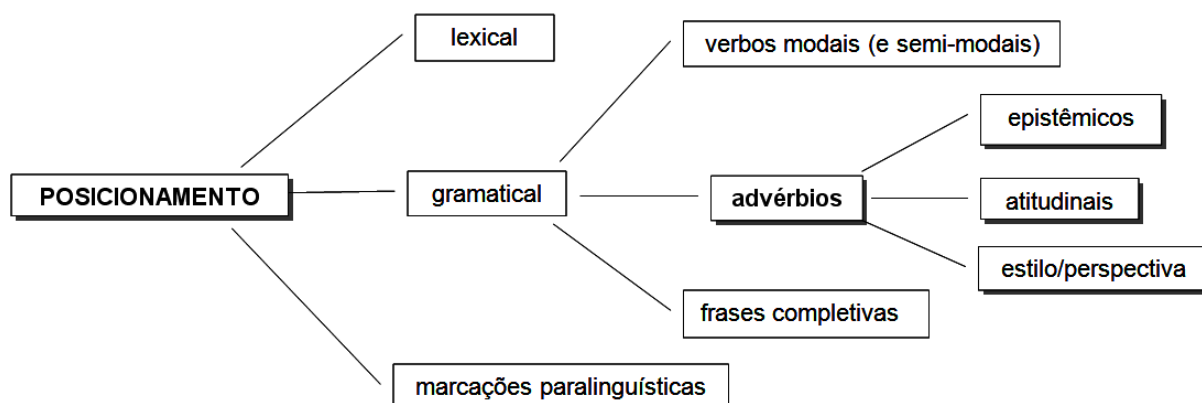
Observemos o exemplo a seguir retirado de Biber:

a) **Infelizmente** [nossos planos não deram certo].

O advérbio “infelizmente” refere-se a “nossos planos não deram certo”, que é a oração principal, que contém a proposição. Este advérbio releva a atitude do falante perante a proposição.

Dentre os tipos de posicionamento, o falante pode se expressar de diversas formas, conforme vemos na figura abaixo:

Figura 3 - Expressões de posicionamento de acordo com Biber (2006) (tradução nossa)



Fonte: O autor (2014)

Observamos, na figura, que há 3 tipos de posicionamento: o gramatical, o lexical e a marcação paralinguística.

O posicionamento gramatical diz respeito à expressão de posicionamento em relação a alguma proposição<sup>11</sup>. No exemplo abaixo, os advérbios mostram a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional, sublinhado na frase:

b) **Eu duvido** que você consiga realizar a prova em menos de 3h.

A oração "Eu duvido" refere-se a "você consiga realizar a prova em menos de 3h" (oração principal), da mesma maneira que "infelizmente", no exemplo anterior a este, refere-se a "nossos planos não deram certo".

Este tipo de posicionamento difere do realizado em uma frase como "eu amo bolo", na qual o falante está fazendo um julgamento em relação ao bolo, que advém do uso de uma palavra, um item lexical (no caso, "amo", do verbo amar conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo). Adjetivos como "bom" e "péssimo", por exemplo, também são exemplos do posicionamento que chamamos de lexical. Vejamos:

c) O enredo desta novela é péssimo!

d) Este filme é bom!

Nas palavras de Biber, "não há nada na estrutura gramatical destas expressões que mostrem que elas marcam posicionamento" (2006, p. 89), ou seja, dependerá do contexto e do conhecimento compartilhado para o falante percebê-lo.

O terceiro tipo de posicionamento, chamado marcações paralinguísticas, envolve tanto elementos linguísticos quanto elementos não-linguísticos. Na fala, por exemplo, temos o tom, a intensidade e a duração; na escrita, recursos como itálico, negrito, sublinhado servem como sinalização para o leitor/ouvinte que o autor deixa seu "eu" no texto, chamando a atenção para algum aspecto. Estas marcações podem ser acompanhadas por indicadores como posição do corpo, expressões faciais e gestos, elementos não-linguísticos.

---

<sup>11</sup> De acordo com Wittgenstein (2001), a proposição é "a expressão, exterior ou não, de um pensamento; e um pensamento é sempre uma proposição com sentido. (p. 75)



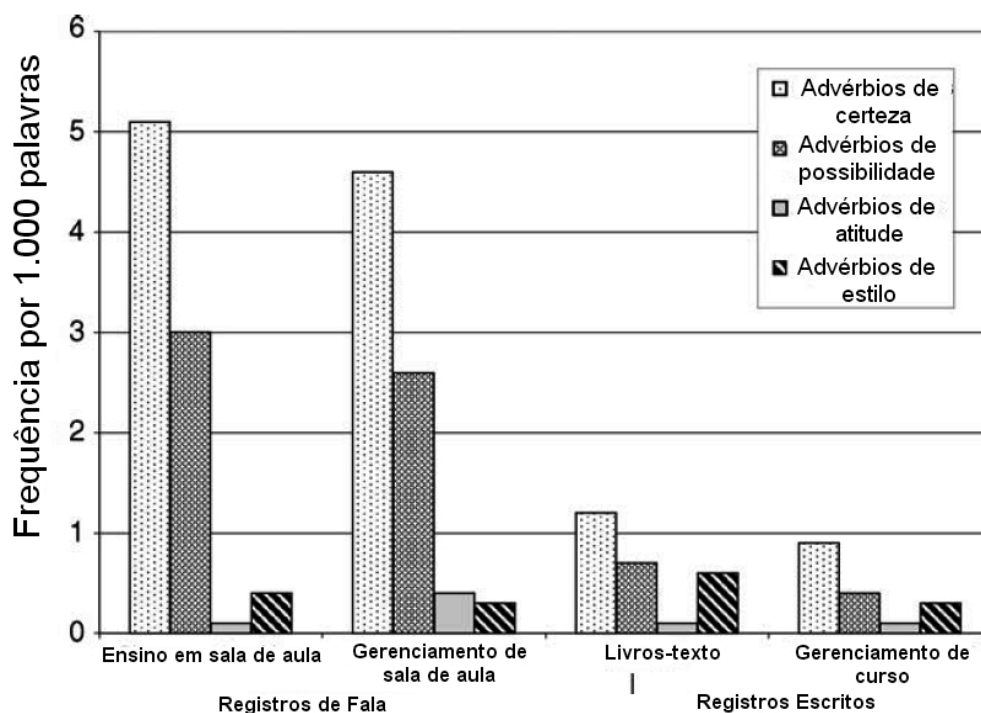
Em relação aos dois últimos tipos apresentados, posicionamento lexical e marcações paralinguísticas, para Biber estes são “menos explícitos e não expressam abertamente um quadro avaliativo para alguma outra proposição”. (2006, p. 90)

Adentrando no tipo gramatical, chegamos ao nosso objeto de estudo, os advérbios. Como nos mostra a figura 3, eles são divididos em epistêmicos, atitudinais e de estilo/perspectiva.

Em seus estudos, ao contrastar a frequência de advérbios de posicionamento em textos orais e escritos, Biber (2006) escreve que há um número maior destes advérbios em registros de fala. Dentre os tipos adverbiais, ganha destaque os advérbios epistêmicos, como aqueles que expressam certeza e possibilidade; já os advérbios de estilo são considerados relativamente raros (assim como os de atitude), sendo encontrados mais em registros escritos.

Na figura abaixo, podemos ver o contraste entre os registros e os diferentes tipos de advérbios encontrados, de acordo com sua classe semântica.

Figura 4 – Classes semânticas dos advérbios de posicionamento em diferentes registros



Fonte: Biber (2006)

Salientamos que Biber não nos apresenta os conceitos para os tipos de advérbio de forma satisfatória e, tampouco, quais foram seus critérios de classificação. O autor somente coloca uma lista de advérbios para cada categoria. Observemos o quadro abaixo, extraído de Biber et al. (1999) com a classificação dos advérbios e locuções adverbiais do inglês acadêmico:

Quadro 3 - Classificação dos advérbios (única palavra) do inglês acadêmico

POSICIONAMENTO EPISTÊMICO						POSICIONAMENTO ATITUDINAL	POSICIONAMENTO DE ESTILO
Dúvida e certeza	Realidade	Fonte/ evidência	Limitação	Ponto de vista ou perspectiva	Imprecisão	Avaliação; julgamento; avaliação de expectativas	
certainly, definitely, maybe, obviously, of course, perhaps, probably, undeniably, undoubtedly	actually, really	apparently, evidently, reportedly	generally, mainly, typically		about, approximately, kind of, like, roughly, sort of	amazingly, astonishingly, conveniently, curiously, disturbingly, fortunately, hopefully, inevitably, interestingly, ironically, predictably, quite rightly, regrettably, sadly, sensibly, surprisingly, unbelievably, unfortunately, wisely	confidentially, figuratively, frankly, honestly, literally, seriously, truthfully

Fonte: Biber et al. (1999) (tradução nossa)

Vale ressaltar que esta é uma divisão feita por Biber, podendo outros autores subdividir os advérbios de posicionamento em categorias diferentes. Decidimos, a fim de aprimorar a classificação do autor, trazer estudos que conceituassem melhor as diferentes categorias.

Abordaremos, no capítulo seguinte, a classificação dos advérbios dada por Ilari (2007), que além de ter maior consistência teórica, trabalhou com um corpus da língua portuguesa - ainda que não especificamente com a linguagem acadêmica - e o conceito de modalização advindo da Linguística Textual.

Além de Biber, outros estudiosos perceberem a presença de elementos avaliativos em textos acadêmicos. No Brasil, Motta-Roth e Hendges (2010) analisaram os gêneros acadêmicos produzidos na universidade e seus objetivos. Ainda que sob uma perspectiva diferente, a avaliação feita pelos advérbios ganhou destaque.

Ao analisar o artigo, um dos gêneros textuais com o qual trabalhamos nesta pesquisa, as autoras colocam que este é um dos gêneros mais utilizados para a difusão do conhecimento, pela sua extensão (10 a 20 páginas, em geral), facilitando a leitura, e relevância, contendo referências e dados atualizados. O autor de artigos geralmente inclui, dentre os tópicos apresentados, uma discussão de trabalhos anteriores e dos resultados obtidos com a sua pesquisa. É neste olhar feito pelo autor frente a resultados anteriores ou atuais, presente também em monografias e dissertações, que o aluno/professor tenderia a utilizar com mais frequência o posicionamento. Como colocado na seção "Características linguísticas da seção de resultados e discussão" (p. 140),

É interessante notar que na discussão dos dados usa-se frequentemente uma série de marcadores metalinguísticos que indicam um discurso mais modalizado para sinalizar incerteza, possibilidade ou probabilidade, do que para sinalizar certeza, justamente porque não nos encontramos na posição de oferecer a **verdade**. (p. 141, 2010)

Citando o texto analisado pelas autoras, percebemos a presença do posicionamento gramatical, como vemos abaixo, nos exemplos com o advérbio "provavelmente", destacado:

a) A espécie heliófila *T. stricta*, que suporta alta incidência de luz direta (Leme, 1984), provavelmente ocorre no interior das moitas...

b) ... e esse fato provavelmente se deve à presença das espécies de bromélia amostradas.

7) ... a densidade de bromélias são menores na MPI do que em AAC e AAE, provavelmente devido à maior discrepância entre as abundâncias...

Desta forma, o posicionamento adquire importância no desenvolvimento das competências de leitura e da escrita dos alunos, ferramentas indispensáveis na vida acadêmica.

Para Oliveira (2010), os professores de língua portuguesa têm por tradição abordar elementos de ordem linguística e não dão a devida importância aos elementos pragmáticos. De fato, aspectos como ortografia, pontuação, vocabulário, tempos verbais, concordância nominal, etc. – e mais recentemente, diferenças entre gêneros textuais e entre língua falada e escrita - são e devem ser trabalhados, pois constituem alguns dos pilares centrais de um texto.

Todavia, o professor, ao estimular seu aluno a trabalhar outros aspectos, faz com que este, ao fazer uma seleção lexical que lhe permite “atuar”, mostrar sua parcialidade, apresente um maior domínio da situação comunicativa, tornando-se verdadeiro autor de seu texto. Isto amplia a sua visão de linguagem, que passa a ser vista como um possível elemento transformador, como expressão de si mesmo, como parte da identidade deste indivíduo. Ao ampliar esta visão, até mesmo elementos tradicionalmente vistos como “problemáticos” pelos próprios estudiosos da língua têm seu papel revisto e ampliado, como é o caso dos advérbios, que veremos no capítulo a seguir.

## **2.4 ADVÉRBIOS E POSICIONAMENTO**

Os advérbios são frequentemente vistos como uma “classe problemática” da gramática. Como veremos, através de algumas análises, é difícil conseguir chegar a uma classe homogênea, na qual o comportamento dos membros dessa classe seja semelhante. Por possuírem este comportamento muito peculiar, a tarefa de descrever (e classificar) os advérbios é complexa, na medida em que o pesquisador tem de lidar com uma gama de questões linguísticas, o que faz com que poucos sejam os estudos na área que se voltem para este tópico.

Neste capítulo, retomaremos alguns estudos voltados aos advérbios em diferentes perspectivas teóricas, em especial as de nível semântico - sintático, por sua grande maioria. Primeiramente, apresentaremos estes estudos, salientando a falta de um detalhamento pragmático em suas propostas. Buscaremos, na seção seguinte, mostrar como as gramáticas tradicionais (GTs) apresentam os advérbios, salientando novamente a falta do componente pragmático em suas classificações. Finalizaremos abordando os advérbios como ferramenta linguística que o autor utiliza como uma das maneiras de se colocar no texto.

Objetivamos, assim, mostrar a relevância deste trabalho, que apresenta os advérbios sob o ponto de vista pragmático, focalizando o posicionamento, além de trabalhar com o PLA, que ainda carece de mais estudos linguísticos.





### **2. 4.1 Advérbios nas gramáticas de língua portuguesa**

As classes gramaticais do português brasileiro foram e são estudadas sob as mais diversas perspectivas. Na elaboração de conceitos, muitos estudiosos utilizam-se de critérios não muito claros e misturam pontos de vista de análise. Podemos ver, ao estudar os conceitos dados à classe de advérbios, a primazia do viés semântico e sintático. A categoria aspecto, por exemplo, nem sempre é mencionada.

De acordo com Bechara (2004, p.287), um advérbio é uma “expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc)”:

- a) Aqui tudo vai bem. (lugar e modo)
- b) Hoje não irei lá. (tempo, negação e lugar)

O advérbio desempenha, ainda segundo o autor, na oração, a função de adjunto adverbial, referindo-se geralmente “ao verbo” ou “a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira” (p. 287), como podemos observar nos exemplos a seguir:

- c) José escreve bem. (referência ao verbo “escrever”)  

- d) José é muito bom escritor. (referência ao adjetivo “bom”)  

- e) José escreve muito bem. (referência ao advérbio “bem”)  

- f) Felizmente José chegou. (referência a toda declaração)  


Qualificando-os como uma classe heterogênea e de difícil classificação, Bechara aborda a questão da liberdade de posição de alguns advérbios e mostra que existem aqueles que são ligados internamente e externamente ao núcleo verbal. Os advérbios do primeiro caso não possuem tanta flexibilidade quanto os do segundo caso. A classificação adverbial se ancora “ora em valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais”. (p. 290)

Pasquale & Ulisses (1998) definem o advérbio como “palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve” (p. 269), mas incluem também o papel do usuário da língua, pois segundo eles “a caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a

traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala” (p. 270). Como exemplo, eles trazem o uso do advérbio “obscenamente” no poema de Ferreira Gullar intitulado “Madrugada”, que expressa a avaliação do poeta (ou do “eu lírico”) a respeito da noite ocidental:

Do fundo do meu quarto, do fundo  
de meu corpo  
clandestino  
ouço (não vejo) ouço  
crescer no osso e no músculo da noite  
a noite  
A noite ocidental obscenamente acesa  
Sobre o meu país dividido em classes

O caráter de opinião, subjetividade do advérbio, que é central neste trabalho, também é destacado por Bonfim (1988). Ao examinar as definições dadas por compêndios gramaticais e o comportamento dos advérbios em contextos diferentes, a autora coloca que alguns advérbios, como os de dúvida (*provavelmente, possivelmente*) e alguns de modo (*realmente, terrivelmente*) possuem aspecto subjetivo, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- g) Provavelmente todos nós passaremos de ano.
- h) Realmente o dia está lindo
- i) João executou a ação terrivelmente mal.

Apesar de sua análise não se deter nestes casos, a autora propõe que se faça “um estudo desses aspectos a partir de sua estruturação no enunciado, procurando estabelecer o seu relacionamento com os elementos que lhe são externos, mas que estão presentes no ato de comunicação” (p. 57), pois para ela “nenhuma outra classe tem situação igual à do advérbio nesse particular” (p. 67).

Desta forma, podemos perceber, através de questões pertinentes apresentadas, a necessidade de irmos mais a fundo na análise desta classe de

palavras. Para tal, continuando este estudo, iremos, no subcapítulo seguinte, apresentar alguns estudos linguísticos que abordam o advérbio.

#### 2.4.2 Alguns estudos linguísticos acerca dos advérbios na língua portuguesa

Perini (2006) traz uma análise linguística sob os pontos de vista morfossintático e semântico (e as relações entre esses) da classe dos advérbios através de alguns exemplos, dizendo ser “impossível colocar todos os advérbios tradicionais em uma única classe”. (p.161) Utilizando o critério funcional, as palavras *sim*, *depressa* e *francamente*, classificadas pelas gramáticas tradicionais como advérbios, não possuem um comportamento semelhante.

Os advérbios *sim* e *não* ocorrem em diferentes contextos:

- a) Essa loja não existe. \*Essa loja sim existe.
- b) Os não iniciados eram excluídos. \* Os sim iniciados eram excluídos.
- c) Não, eu não vou lá. \* Sim, eu sim vou lá.
- d) Não, minha casa é aqui. Sim, minha casa é aqui.

Observando os exemplos acima, notamos que somente no exemplo d os advérbios se parecem, sendo que *não* é ligado a um verbo (exemplos a e c) ou a um adjetivo (exemplo b) de maneira sintática e semântica.

No caso de *depressa*, classificado como advérbio de modo pelas gramáticas tradicionais (GTs), este modifica um verbo e um adjetivo, assim como *não*, porém, em geral, ocorre depois do verbo:

- e) Do Carmo não dirige. Do Carmo dirige depressa.
- f) Um edifício não terminado. Um edifício terminado depressa.

O advérbio *francamente*, último que selecionamos da análise feita por Perini (2006), difere-se dos advérbios anteriores, apresentando uma grande liberdade de posicionamento na sentença e não modificando nenhum termo.



- g) Francamente, D. Marlene deve ser maluca.
- h) D. Marlene, francamente, deve ser maluca.
- i) D. Marlene deve ser, francamente, maluca.
- j) D. Marlene deve ser maluca, francamente.

Perini (2006) termina a análise salientando que existem, sob o seu ponto de vista, diferentes “classes” dentro da classe “advérbios” e que nem sob o ponto de vista semântico eles se assemelham, podendo variar ao se relacionarem com qualidades (por exemplo, *bastante feliz*), atitudes do falante (*francamente*) negarem ou afirmarem (*não, sim*), dentre outros exemplos.

Dentre os estudos orientados para o falante, ganhou destaque a pesquisa brasileira realizada pelo projeto “Gramática do Português Falado”, através de um grupo de pesquisadores de diferentes áreas da linguística de várias universidades brasileiras, que durou três anos, na qual os advérbios tiveram destaque.

Ilari (2007), um dos pesquisadores, nos apresenta em seu artigo a análise adverbial que considerou duas dimensões: a dimensão dos segmentos sintáticos e das “funções” desempenhada, com ênfase na questão semântico-pragmática.

O estudo partiu das definições tradicionais de advérbio, que o colocam como uma palavra invariável, relacionada ao verbo, a adjetivos e a outros advérbios, trazendo a noção de modificação. Vejamos um exemplo:

- k) João caminha lentamente.

Na frase acima, *lentamente* descreve a ação de caminhar atribuída a João. O advérbio em questão enquadra-se na definição clássica dada a esta classe gramatical. Entretanto, segundo o autor, as palavras colocadas sobre a classe dos advérbios nem sempre atendem a estes critérios.

Esta discussão fez com que surgissem duas outras dimensões de análise dos advérbios: além de se referirem a verbos, adjetivos e advérbios, eles também se referem a segmentos sintáticos; também se observou que as funções

desempenhadas pelos advérbios são muito variadas (somente a função de modificação parece ser bastante restritiva). Assim, ao observar mais atentamente, criou-se um critério para a organização do corpus baseado na ideia de predicação, de modificação do sentido, que dividiu os advérbios em dois grandes grupos: os advérbios não-predicativos e os advérbios predicativos.

Os advérbios não-predicativos são aqueles cujo “sentido de dicionário dos verbos e do adjetivo permaneceu intacto, tendo-se apenas agregado circunstâncias de tempo e lugar ou indicações sobre os limites de aplicação com eles construída” (p. 158). Exemplos:

l) chegar cedo.

m) não falar.

Os advérbios predicativos, por sua vez, são aqueles cujo “núcleo significativo do verbo e do adjetivo foi afetado pelo acréscimo do advérbio (houve qualificação, intensificação, alterando o núcleo).” (p. 158) Esta noção vai ao encontro da ideia que as gramáticas tradicionais trazem de advérbio como “modificador”. Exemplos:

n) chegar bem

o) autenticamente brasileiros.

Os advérbios predicativos podem ainda ser divididos em quatro subclasses:

- Qualitativos: indicam qualidade de uma ação, de um processo ou de um estado.  
Exemplo: *comer bem* (em paralelo com a sentença *comida boa*, formada pela sequência substantivo + adjetivo).
- Intensificadores: são incluídas aqui as ocorrências de *muito* e *mais*.  
Exemplos: *mais depressa*, *fala muito*.

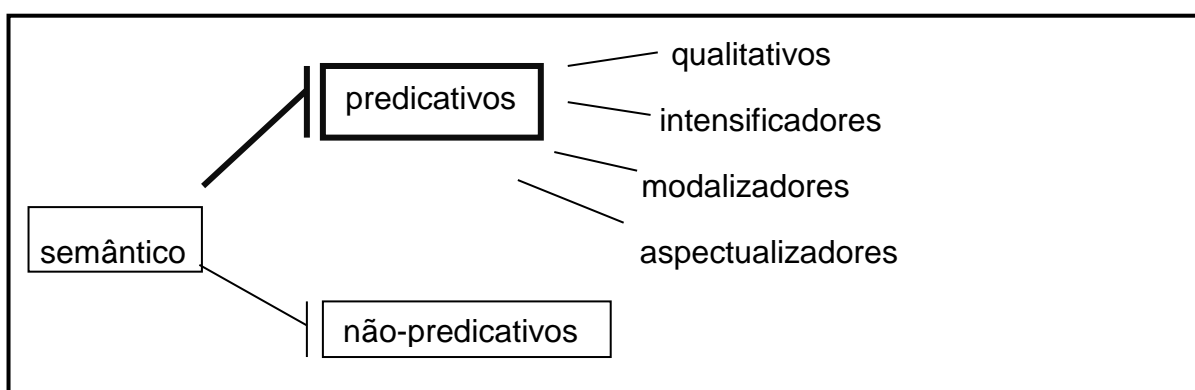
- Modalizadores: advérbios que se aplicam a sentenças completas, as chamadas asserções. Os modalizadores ainda se subdividem em outros três tipos: a) epistêmicos, b) deônticos e c) afetivos.

Exemplos: a) *Precisa realmente estar convencido*, b) *Isso é humanamente impossível*, c) *Felizmente, esta fase ainda não começou*.

- Aspectualizadores<sup>12</sup>: *normalmente, ...*

A seguir, a figura mostra a divisão dos advérbios apresentada de acordo com o critério semântico.

Figura 5 - Tipos de advérbios de acordo com o aspecto semântico – destaque para os advérbios predicativos



Fonte: O autor (2014)

Nosso foco, nesta pesquisa, é o posicionamento, ou seja, a avaliação que o autor faz utilizando ferramentas linguísticas – no caso deste trabalho, os advérbios; portanto, fixamos nosso olhar nos modalizadores (classe dos advérbios), sobre os quais é dito que são uma “avaliação sobre o conteúdo e a forma do dictum” (Castilho, 2000, p. 155).

A respeito dos tipos de modalização, Castilho (2000) coloca que

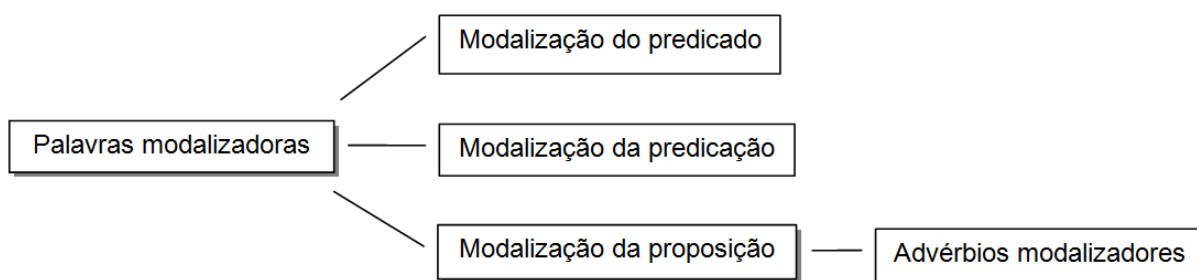
<sup>12</sup> O autor não apresenta um conceito para este tipo de advérbio.

a avaliação sobre o conteúdo e a forma da proposição expressa-se de dois modos: 1. o falante expressa o conteúdo de P numa forma assertativa (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) e jussiva (imperativa ou optativa), 2. o falante expressa sua atitude com relação ao conteúdo proposicional, *avaliando seu teor de verdade*, ou *expressando um julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desta conteúdo*. (itálico nosso, p. 155)

Neves (2011) complementa a definição do autor colocando que “há de ser reconhecido como premissa básica que uma categoria modal (que qualifica) é externa em relação à predicação, às vezes à proposição e ao próprio ato de fala.” (p. 198). Por serem motivadas pelas intenções do falante, relevando sua atitude diante do enunciado e/ou do receptor, as modalidades são analisadas sobre o ponto de vista pragmático, sendo necessário recorrer a informações contextuais para derivá-las (Koch, 2011).

Em termos de classificação, Neves (2011) demonstra concordar com a ideia trazida por Nuyts (1993) que, ao tratar de palavras modalizadoras, classifica-as em modalização do predicado, modalização da predicação e modalização da proposição, colocando os advérbios modalizadores nesta última categoria.

Figura 6 – Classificação das palavras modalizadoras



Fonte: O autor (2014)

Estes advérbios se dividem em 3 classes: 1) epistêmicos, 2) deônticos e 3) afetivos, sobre os quais trataremos agora:

1) Advérbios modalizadores epistêmicos

a) Asseverativos – aqueles em que o falante tem alta adesão ao conteúdo, apresentando uma crença a respeito de P: “eu sei [com certeza] que P”.

Exemplos: *certamente, seguramente, fatalmente* (casos afirmativos) e *de jeito nenhum, de forma alguma* (casos negativos).

b) Quase-asseverativos: em que o falante lança uma hipótese a respeito de P: “é provável que P”

Exemplos: *talvez, provavelmente*.

c) Delimitadores, ou chamados “hedges”, que possuem uma força ilocucionária maior, apresentando uma negociação entre os interlocutores: “digamos que o ponto de vista X, Y”.

Exemplos: *quase, em princípio*.

Sobre a modalidade epistêmica, Neves (2011) ressalta que esta se relaciona com a fonte de conhecimento: há uma qualificação de um determinado estado de coisas; trata-se da probabilidade de algo ser ou poder tornar-se verdadeiro, ou seja, em seus extremos, o falante manifesta certeza ou imprecisão.

a) Certamente, a história irá se repetir.

b) Talvez, a história irá se repetir.

c) É quase impossível que a história se repita.

2) Advérbios modalizadores deônticos - o conteúdo de P precisa ocorrer obrigatoriamente; normalmente mais presente em interações espontâneas: “tem que P”.

Exemplos: *obrigatoriamente, necessariamente*.

A modalização deôntica tem um caráter de obrigatoriedade, ditada internamente (moral, consciência) ou externamente (circunstâncias externas).

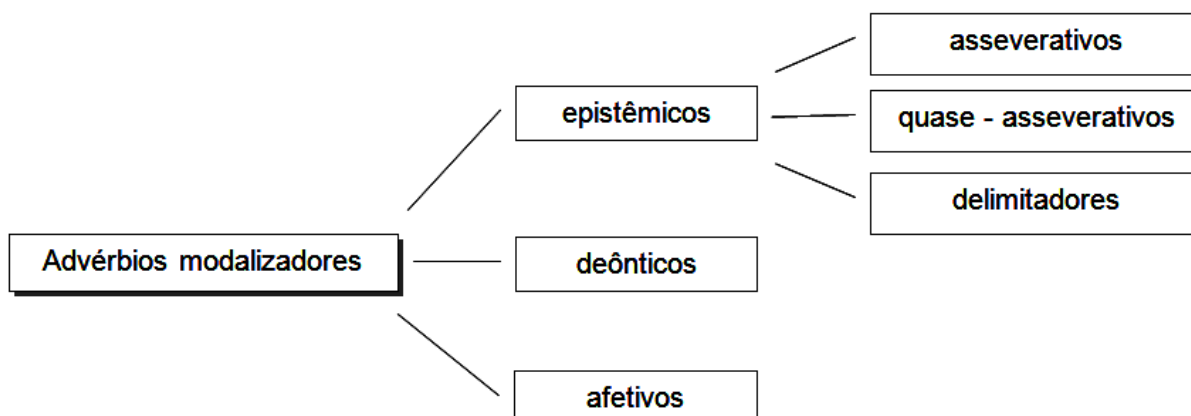
a) O candidato tem que necessariamente estar matriculado num curso de graduação.

3) Advérbios modalizadores afetivos: relacionada com as emoções do falante; indica seu estado de espírito. “eu sinto X em face de P”.

Exemplos: *felizmente, sinceramente*.

a) Sinceramente, não acredito que nosso projeto será aprovado.

Figura 7 - Classificação dos advérbios modalizadores



Fonte: O autor (2014)

Esta classificação dos advérbios modalizadores assemelha-se a classificação feita por Koch (2011), que os dividiu também em 3 categorias, os *advérbios alíticos* (ou aristotélicos), os *advérbios epistêmicos* e os *deônticos*.

Os advérbios alíticos são aqueles que retomam um “valor de verdade”, conceito trazido por Aristóteles. Em termos de verdade, existe o ser verdadeiro, a possibilidade de ser verdadeiro e a necessidade de ser verdadeiro. Esta definição assemelha-se a dada por Neves (2011) a respeito dos advérbios epistêmicos. Já estes, sob o ponto de vista de Koch (2011), pertencem ao eixo das crenças, dizem respeito ao conhecimento que os falantes possuem acerca de determinada coisa.

Por fim, os advérbios deônticos são aqueles pertencentes ao “eixo da conduta”, ou seja, fazem parte da “linguagem das normas”.

Koch (2011) ressalta que um falante pode passar de uma modalidade para outra dependendo da relação que estabelece com o interlocutor. O discurso dito neutro, na realidade, possui uma “retórica neutra”, ou seja, a modalidade está oculta, o falante dá a impressão de que seu enunciado é neutro, objetivo.

É interessante retomar a divisão dos advérbios feita por Biber. Conforme apresentamos na figura 3, esta classe divide-se em *epistêmicos*, *atitudinais* e *de estilo/perspectiva*.

Embora a análise feita por Neves se mostre mais clara em relação aos critérios adotados, esta se assemelha à colocação de Biber, que também chama a atenção em seus estudos para a relação entre os advérbios modalizadores e a proposição (“modalização da proposição”, nas palavras de Neves).

A análise dos enunciados neste trabalho terá como âncora os estudos linguísticos apresentados neste capítulo a respeito dos advérbios e será feita por intermédio das ferramentas disponíveis pela Linguística de Corpus, sobre a qual falaremos no capítulo que segue.

### 3 LINGUÍSTICA DE CORPUS

Neste capítulo, apresentaremos a Linguística de Corpus (LdC) de maneira geral - propósitos e base teórica - e suas características principais, abordando a sua contribuição para a análise e descrição linguística e também como metodologia para este trabalho.

#### 3.1 VISÃO GERAL

A LdC, como o próprio nome diz, trabalha com *corpus*, (cujo plural é *corpora*), que em Latim significa "corpo". Assim, um *corpus* pode ser qualquer compilação de texto<sup>13</sup>, sendo definido "em termos de sua forma e propósito". (Hunston, 2002, p.2). Leech (1992/2006), a esse respeito, diz que:

deve-se acrescentar que corpora de computador são raramente coleções casuais de material textual: eles são geralmente criados com fins específicos em mente, e muitas vezes são montados para ser (informalmente falando) representantes de alguma língua ou tipo de texto.

(Leech, 1992, p.12 apud McEnery, Xiao, Tono, 2006, p.04)

Um corpus deve, então, servir para alguma finalidade. Tomando como exemplo o corpus criado para esta pesquisa, este servirá como base da análise dos advérbios em textos acadêmicos escritos por falantes brasileiros. Existem também estudos que se utilizam de corpora para fins de tradução, como é o caso de corpora paralelo, ou para análise de padrões de aprendizagem, compilando corpus de aprendizes de uma língua estrangeira. Como bem colocado por Kennedy (1998:4), "o uso para o qual o conjunto de material textual é colocado, em vez de suas características, é o que define o que é um corpus". Por conseguinte, apenas a reunião de milhares de textos sem um propósito não seria, deste modo, caracterizado como um corpus. É a partir dos objetivos traçados que um compilado

---

<sup>13</sup> Salientamos que o nosso conceito de "texto" compreende tanto registros orais como escritos, independentemente do tamanho dos mesmos.



de textos potencialmente pesquisável ganha um novo status. Como exemplo, temos a enorme quantidade de dados disponíveis para linguístas pela WWW (World Wide Web, ou simplesmente Web) que, segundo Berber Sardinha (2003), é uma coleção de arquivos de computador em rede que possui como qualidades variedade, renovação, abundância e baixo custo. Não obstante, estes dados precisam ser organizados para que se transformem em uma fonte de pesquisa para a Linguística de Corpus.

Partindo do uso da língua, poder-se-ia dizer que a LdC procura fazer uma análise empírica ao mostrar a língua em situações reais, olhando-a como fenômeno social, vindo ao encontro da perspectiva adotada neste trabalho.

Por ser uma área relativamente nova, muito debate-se a respeito do status da LdC: seria ela uma metodologia de pesquisa ou uma base teórica?

A respeito disso, Shepherd (2009, p. 151) retoma estudos anteriores feitos por grandes pesquisadores da área, tal como McEnery e Wilson, pioneiros nos estudos da LdC, além de Biber e Kennedy, e nos diz que se trata de uma abordagem que pode ser aplicada em qualquer área da Linguística - e não é uma subteoria da mesma, por não ter objeto de investigação definido - tendo em vista o seu papel de fornecer evidências para as investigações linguísticas. Esta posição também é a adotada por Sarmiento, que nos diz que a LdC

não é um ramo da linguística como a sintaxe, a semântica ou a pragmática (...), é uma metodologia que pode ser aplicada a uma grande variedade de estudos linguísticos, ou ainda ao ensino de línguas, ou seja, é uma das várias maneiras de se fazer linguística.

Sarmiento (2009, p. 260)

Shepherd (2009), a respeito desta “nova perspectiva de fazer linguística”, coloca que esta se torna outra opção que não depende exclusivamente da introspecção do pesquisador.

Em relação ao papel do pesquisador, Biber et. al. (1998, p. 13) salienta que a análise baseada em corpus faz uso de “padrões de associação” que, devido ao uso de ferramentas computacionais, são facilmente detectados. Estas características, então, por não serem baseadas na intuição do falante nativo, (uma das vantagens

na utilização desta metodologia) evitam a interferência humana e dão, assim, uma maior confiabilidade à pesquisa.

Hunston (1994, p. 20) complementa este ponto de vista ao colocar que o principal argumento a favor do seu uso seria a maior confiabilidade em relação à intuição do falante nativo. Ela cita o exemplo de alguns professores de idiomas nativos que, por vezes, dão como resposta a seus alunos a seguinte frase “apenas soa melhor” quando perguntados por que se prefere uma frase a outra em dado contexto.

Este caráter empírico dos estudos baseados em corpora permite que obtenhamos resultados os quais a intuição sozinha não conseguiria dar conta (MCENERY et al., 2006). Nas palavras de Kennedy (1998, p. 08),

qualquer empreendimento científico deve ser empírico no sentido de que tem que ser apoiado ou negado em evidências e, em última análise, as declarações feitas sobre a linguagem têm que enfrentar a evidência de uso da língua.

É interessante observar que, por basear-se em resultados estatísticos, a utilização de corpora para estudo de uma língua está relacionada com a frequência de fenômenos linguísticos. Entretanto, porque um objeto de análise X não se encontra em Y não significa que a ocorrência deste não é possível. Sobre isto, Maciel nos diz:

A recorrência, frequência e estabilidade dessas combinações mostram que elas não são feitas ao acaso, mas são semântica e pragmaticamente restritas. De fato, embora outras combinações léxico-gramaticais sejam teoricamente possíveis, algumas fraseologias e colocações se repetem, enquanto outras são raras ou inexistentes.

(Maciel, 2002, p.5)

Isto reforça a ideia de Sardinha ao dizer que "embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, eles não ocorrem com a mesma frequência". (BERBER SARDINHA, 2000, p. 350)

Este método científico empirista de análise da linguagem tornou-se possível devido aos avanços tecnológicos. A utilização de ferramentas computacionais

permite não somente o armazenamento de grandes quantidades de texto, mas também o uso de avançadas ferramentas de análise que possibilitam descobertas baseadas em frequência e em contexto.

Desta maneira, apesar de a LdC ter começado antes da “era do computador”, demandando um trabalho exaustivo dos pesquisadores. Berber Sardinha (2000, p. 325) destaca o estudo feito por Thorndike das palavras mais frequentes da língua inglesa feito há mais de 90 anos, em 1921, cujo levantamento de um corpus de mais de 4 milhões de palavras foi feito manualmente - ela avançou quando os computadores tiveram um *boom* comercial, fato ocorrido nos anos 80 e 90.

As razões pelas quais muitos pesquisadores, com este avanço tecnológico, se interessaram pela LdC foram devido aos benefícios que esta trouxe a eles: rapidez e precisão no processamento dos dados, além de evitar o risco de falhas e equívocos que a mente humana pode fazer (Berber Sardinha, 2004), trazendo “um elevado grau de precisão de medição, que é importante em toda a ciência” (KENNEDY, 1998, p. 5). Acrescenta-se o fato de promover o acesso a diversos tipos de corpora através do uso da Internet – este trabalho, por exemplo, teve a coleta de seu corpus feita através do *download* de arquivos disponíveis em *web sites* específicos.

Atualmente, a LdC consegue lidar com um número de dados muito maior do que quando surgiu, armazenando e processando corpora de centenas de milhões de palavras. O corpus criado para o projeto no qual esta pesquisa se insere, por exemplo, é composto de 2,2 milhões de palavras, que podem ser processadas em questão de segundos por ferramentas computacionais, diferentemente do que ocorria na década de 70 – em um corpus do inglês de aproximadamente 1 milhão de palavras, para se fazer a concordância de uma palavra como *when* era necessário cerca de uma hora ou mais (KENNEDY, 1998).

Assim, quanto mais a tecnologia aprimora-se, mais a LdC obtém destaque e se renova. Isso, porém, pode levar alguém a pensar que a tecnologia por si só bastaria para a análise linguística. Todavia, apesar de utilizar-se de ferramentas computacionais, o trabalho do linguista na interpretação dos dados (e poderíamos também incluir na coleta e na análise) é fundamental, na busca por ir além do que os dados revelam à primeira vista. Como Biber et. al. (1998) colocam, a interpretação

dos resultados – explicação e exemplificação dos padrões de linguagem – detêm grande parte dos esforços dos estudos baseados em corpora.

A respeito deste tema, Fillmore (1992) traz a figura do “linguista de poltrona”, uma caricatura de um estudioso que acredita que seu trabalho é de pura meditação a respeito da língua, – bastaria fechar os olhos, confortavelmente sentado num sofá ou poltrona e pensar e pensar - recusando-se a aceitar os avanços que renovam e ampliam as maneiras de se fazer linguística. Como já foi colocado, o ideal é a busca de um equilíbrio, utilizando-se das novas ferramentas disponíveis sem esquecer-se das limitações que este tipo de estudo possui, posição com a qual Fillmore também concorda.

Feitas as considerações, se tentarmos elaborar um conceito para a LdC, poderíamos, então, defini-la como uma metodologia linguística que se utiliza de textos não artificiais (ou seja, não produzidos para um fim específico de pesquisa), que podem ser processados eletronicamente, para análise de determinada língua em situações reais de uso, através de ferramentas computacionais, a fim de servir como base para a descrição e análise linguística que se pretende realizar.

A utilização da LdC como metodologia de análise neste trabalho assemelha-se ao viés pelo qual analisamos um objeto. Se na Linguística podemos ter diversos olhares sobre um mesmo fenômeno, a LdC também realiza um “recorte metodológico”, estando suscetível a falhas e limitações que, no entanto, não invalidam suas valiosas contribuições para a ciência.

### **3.2. CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS**

Na visão de Biber et al. (1998), em termos de características fundamentais, uma análise baseada em corpus:

- é empírica, analisando os padrões linguísticos de textos naturais;
- utiliza uma grande coletânea de textos naturais, com princípios de coleta preestabelecidos, conhecida como “corpus”, como base para a análise;
- faz uso extensivo de computadores para análise, utilizando técnicas automáticas e interativas;

- depende de técnicas de análise qualitativas e quantitativas.

(Biber et. al., 1998, p. 04 – tradução nossa)

Estas características listadas acima já foram abordadas no subcapítulo anterior. Ampliaremos nossa explanação com as questões relativas à representatividade, trazida por Beber Sardinha (2004), que deve ser observada na compilação de um corpus.

Para um corpus ser representativo, de que tamanho necessita ser? Que critérios são necessários para a sua construção? O autor coloca que não há critérios objetivos; há a possibilidade, ligada à probabilidade, de termos traços mais ou menos comuns em certo contexto. Baker, Hardy & Mcenery (2006) trazem o fator distribuição (quantidade e variedade de categorias/gêneros de textos bem balanceadas) como ponto importante a ser considerado.

No caso dos advérbios, por se tratarem de palavras lexicais, para que pudéssemos ter um número representativo destes, era necessário que o corpus reunisse o maior número de textos possível. Isso porque, segundo o autor, um corpus maior é em geral mais representativo por “conter mais instâncias de traços linguísticos raros” (2000, p. 343).

Existem alguns termos específicos utilizados na Ldc, tais como “tokens”, “types”, “collocations” etc. Alguns deles serão muito utilizados neste trabalho, devido a sua relevância na análise e, portanto, serão apresentados a seguir.

- *Token* – Na leitura de um determinado corpus, um processador de textos poderá contar a quantidade de palavras existentes. Cada ocorrência de X palavra é uma “word token”, independentemente da palavra aparecer somente uma ou diversas vezes no corpus.
- *Type* – A maioria das palavras que aparecem no corpus se repetem. Quando falamos de “types”, estamos falando de tipos de palavras. Se, por exemplo, aparecer em um texto três vezes a palavra “objetivo”, por se tratar da mesma palavra, podemos dizer que temos somente uma

*word type* (o número 3, no caso, é o número de ocorrências, ou como já explicitado, *word tokens*).

Nesta pesquisa, também utilizamos diferentes tipos de corpora: geral, ou de referência, e o corpus de estudo, que, no nosso caso, é um corpus especializado.

- Geral – um corpus geral é um corpus que inclui textos de diferentes tipos (escritos, orais), de diferentes procedências (português do Brasil, de Portugal, por exemplo) e caracteriza-se por ter que ser muito maior que um corpus especializado (Hunston, 2002). Com frequência, um corpus geral é tomado também como corpus de referência, como será o caso neste trabalho. Necessita-se trabalhar com um corpus de referência quando analisando um corpus específico, porque este sozinho não pode provar “se aquelas unidades realmente caracterizam a linguagem representada no corpus. Isso ocorre porque um gênero específico, e a língua geral, não são categorias distintas” (Sarmiento, 2008, p. 47). Ele “funciona como termo de comparação para análise” (Berber Sardinha, 2007, p. 97), servindo de base para a comparação das frequências extraídas do corpus de estudo. Não deve conter o corpus de estudo, para que os números não influenciem na frequência e não deve ser do mesmo gênero do corpus de estudo (quanto mais geral, melhor), pois isso poderia influenciar na análise das palavras-chave do corpus de estudo, que seriam “filtradas” (Berber Sardinha, 2007, p. 100-101).

Além disso, um corpus geral deve ter um tamanho muito maior, em comparação ao corpus de estudo (de 2 a 5x maior), para que os resultados sejam significativos.

- Especializado - um corpus especializado, segundo Hunston (2002), investiga um tipo específico de linguagem, dependendo dos objetivos do pesquisador. Ele pode, por exemplo, ser composto por reportagens de jornal, conversas casuais, uma coletânea de textos de determinado autor, etc. No caso deste trabalho, o corpus especializado é o corpus de estudo, formado por textos

acadêmicos de português brasileiros – para esta pesquisa, utilizamos como fonte somente os textos de alunos.

Quanto à utilização de corpora, esta varia de "produção de dicionários, listas de palavras, gramáticas descritivas, estudos comparativos diacrônicos e sincrônicos de variedades de discurso" (Kennedy, 1998, p.11 – tradução nossa) ao contexto pedagógico, que se tornou mais frequente nos últimos anos.

Atualmente, podemos perceber que os dicionários de grandes editoras, ao definir uma palavra, colocam seus usos mais comuns e exemplos em contexto (O'Keeffe et. al., 2007, p.17). Além disso, grandes editoras de livros didáticos de ensino de língua adicional têm concentrado seus esforços na LdC a fim de produzir materiais que incluam vocabulário e gramática para aprendizes de diferentes níveis, em situações de comunicação diárias.

Podemos acrescentar ainda a sua utilização para sanar dúvidas de alunos, na validação de pesquisas lingüísticas – vide este trabalho, que visa contribuir no campo da Linguística, mas especificamente nos estudos de PLA -, na tradução de textos, na investigação de cries etc.

### **3.3 TIPO DE PESQUISA**

Na Linguística de Corpus existem dois tipos gerais de pesquisa: a pesquisa *corpus-based* e a pesquisa *corpus-driven* (Tognini-Bonelli, 2001). De maneira geral, a pesquisa *corpus-based* restringe-se a utilizar um corpus como fonte de exemplos, geralmente a fim de verificar intuições e/ou a frequência de amostras de fenômenos linguísticos (no nosso caso, os advérbios e os contextos nos quais estes se inserem). Já a pesquisa *corpus-driven* caracteriza-se por uma maior observação do corpus, capacitando o pesquisador a descobrir aspectos linguísticos que muitas vezes não estavam presentes em suas hipóteses.

Assim, acreditamos que a Linguística ganha quando, sempre que possível, há uma interface entre as diferentes visões; neste caso, acreditamos que a pesquisa obterá melhores resultados se optarmos por uma perspectiva híbrida. Desta forma,

os dados serão analisados como exemplos para reforçar ou refutar nossas perspectivas teóricas e como fonte para “irmos além” do já pensado/estabelecido.

Somando-se a isto, os dados serão analisados através de métodos quantitativos e qualitativos. O primeiro, o quantitativo, foi obtido através de programas computacionais. O método qualitativo, por sua vez, surge da análise dos resultados obtidos selecionados de acordo com sua relevância para nossa pesquisa e as limitações da mesma.

No capítulo que segue, discorreremos sobre a metodologia de pesquisa, para, então, passarmos para a análise dos dados.



## 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, falaremos sobre o corpora da pesquisa. Após, apresentaremos questões como compilação e análise, aspectos importantes na elaboração do corpus desta pesquisa. Para finalizar, são mostrados os procedimentos de análise dos corpora, ou seja, falaremos sobre etiquetagem, material utilizado, critérios e procedimentos específicos, e cálculo dos resultados.

### 4.1 CORPORA DA PESQUISA

Após apresentarmos, no capítulo anterior, os tipos de corpora existentes, iremos, nesta seção, descrever quais corpora utilizaremos em nossa análise. Daremos uma descrição mais detalhada dos mesmos, vendo em detalhe alguns dados, tais como número de textos, palavras e códigos de identificação, compilado com o intuito de servir de base a esta pesquisa e a outros projetos futuros.

O corpus utilizado como referência em nossa pesquisa foi o Corpus do Português (Davies, Ferreira, 2006 -). Este corpus foi criado pelo pesquisador Mark Davies, da Universidade Brigham Young (BYU), com o apoio de Michael J. Ferreira da Georgetown University. Ele é constituído de mais de 45 milhões de palavras e conta com cerca de 57.000 textos. Abaixo, podemos ver a divisão do corpus por período de tempo.

Tabela 1 – Corpus do Português - quantidade de textos por século

Século(s)	Número de palavras
XIII - XVIII	15 milhões
XIX	10 milhões
XX	20 milhões
	<b>Total: 45 milhões</b>

Fonte: Corpus do Português (Davies, Ferreira, 2006 -)

Os textos mais atuais, do século XX, oriundos de Portugal e do Brasil, estão divididos da seguinte forma:

Tabela 2 – Corpus do Português - divisão dos textos do século XX por tipo

Tipo de texto	Número de textos
ficção	6 milhões
jornais/revistas	6 milhões
acadêmicos	6 milhões
orais	2 milhões
	<b>Total = 20 milhões</b>

Fonte: Corpus do Português (Davies, Ferreira, 2006 -)

Estes textos estão disponíveis somente para consulta por meio da interface do site<sup>14</sup> devido aos direitos autorais. Na figura seguinte, podemos observar a maneira como o site apresenta os resultados. Na ocasião, fizemos uma pesquisa pela classe gramatical dos advérbios no corpus todo.

---

<sup>14</sup> Acesso disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>

Figura 8 - Corpus do Português - busca por advérbios no corpus

CORPUS DO PORTUGUÊS														E-MAIL <input type="text"/>	
45.000.000 PALAVRAS, sXIII-XX														SENHA <input type="text"/>	
														(AJUDA) <a href="#">CONECTAR</a> (REGISTRAR-SE)	
MOSTRA VER CONTEXTO: CLIQUE NA PALAVRA (TODAS AS SEÇÕES), NO NÚMERO (UMA SEÇÃO), OU [CONTEXTO] (VÁRIAS)														COMPARE <input type="text"/>	
														SIDE BY SIDE <input type="text"/>	
[AJUDA...]															
[CONTEXTO]															
TODOS <input checked="" type="checkbox"/>															
1300s <input checked="" type="checkbox"/>															
1400s <input checked="" type="checkbox"/>															
1500s <input checked="" type="checkbox"/>															
1600s <input checked="" type="checkbox"/>															
1700s <input checked="" type="checkbox"/>															
1800s <input checked="" type="checkbox"/>															
1900s <input checked="" type="checkbox"/>															
PORT <input checked="" type="checkbox"/>															
BRAZ <input checked="" type="checkbox"/>															
ACAD <input checked="" type="checkbox"/>															
NEWS <input checked="" type="checkbox"/>															
FICT <input checked="" type="checkbox"/>															
ORAL <input checked="" type="checkbox"/>															
1	SÓ	42071	1	5	1041	2711	2111	13283	22919	11638	11281	2345	6300	10631	3643
2	LOGO	22804	1446	2614	4045	1955	1247	5502	5995	3165	2830	597	1025	3829	544
3	SIM	14287		3	86	144	273	6187	7594	4849	2745	302	841	3576	2875
4	MAIS	28219	1224	6696	9217	6103	4404	95	480	431	49	394	28	41	17
5	MAL	17399	786	1273	2573	1328	1008	5521	4910	2754	2156	318	880	3149	563
6	ALÉM	8411		1	52	58	52	2347	5901	2447	3454	2085	1716	1384	716
7	MEIO	9120	18	37	443	447	154	3328	4693	2227	2466	777	1049	2252	615
8	LONGE	7154	37	109	382	353	160	3042	3071	1698	1373	104	421	2369	177
9	TAL	12705	2581	3262	3288	1690	1659	20	205	200	5	192		7	6
10	ENTRETANTO	5334	1	1	76	111	31	2135	2979	1413	1566	1014	958	917	90
11	TANTO	8368	481	1416	3527	1815	1007	35	87	80	7	74	1	10	2
12	SOBRETUDO	3418		2	81	83	12	698	2543	1802	741	804	779	665	295

AJUDA: ETIQUETAS DE CATEGORIA GRAMATICAL				Ajuda / informação / contactar	
	D-			pronomes demonstrativos	esta
		fs			desta
			+		de
PRP				preposição	pelas
			+		
R-				advérbio	bem
J-		ms		adjetivo masc sg	outro
		fs		adjetivo fem sg	outra

Fonte: Corpus do Português (Davies, Ferreira, 2006 -) Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>

A pesquisa foi feita através da etiqueta “R-”, como podemos ver destacado na parte inferior da figura acima.

Obtivemos o número total (198.596 advérbios) dividido por século e por gêneros, como nos mostra a figura a seguir – em detalhe a 1ª linha, na parte superior da figura, na qual podemos visualizar esta divisão.

Figura 9 - Corpus do Português - resultado da busca por advérbios

	CONTEXTO	TODOS	1300s	1400s	1500s	1600s	1700s	1800s	1900s	PORT	BRAZ	ACAD	NEWS	FICT	ORAL
1	SÓ	42071	1	5	1041	2711	2111	13283	22919	11638	11281	2345	6300	10631	3643
2	LOGO	22804	1446	2614	4045	1955	1247	502	5995	3165	2830	597	1025	3829	544
3	SIM	14287		3	86	144	273	6187	7594	4849	2745	302	841	3576	2875
4	MAIS	28219	1224	6696	9217	6103	4404	95	480	431	49	394	28	41	17
5	MAL	17399	786	1273	2573	1328	1008	5521	4910	2754	2156	318	880	3149	563
6	ALÉM	8411		1	52	58	52	2347	5901	2447	3454	2085	1716	1384	716
7	MEIO	9120	18	37	443	447	154	3328	4693	2227	2466	777	1049	2252	615
8	LONGE	7154	37	109	382	353	160	3042	3071	1698	1373	104	421	2369	177
9	TAL	12705	2581	3262	3288	1690	1659	20	205	200	5	192		7	6
10	ENTRETANTO	5334	1	1	76	111	31	2135	2979	1413	1566	1014	958	917	90
11	TANTO	8368	481	1416	3527	1815	1007	35	87	80	7	74	1	10	2
12	SOBRETUDO	3419		2	81	83	12	698	2543	1802	741	804	779	665	295
13	PERTO	4147	3	34	287	216	76	1419	2112	896	1216	226	425	1270	191
14	AMANHÃ	2902		1	11	55	13	1595	1227	539	688	22	290	855	60
15	MENOS	4328	19	475	1665	1253	803	18	95	91	4	87		7	1
16	ACASO	2343			39	74	131	1066	1033	626	407	73	160	624	176
17	MUI	3411	104	838	1505	402	269	180	113	35	78		3	104	6
18	CERCA	724	15	18	83	35	18	210	345	204	141	104	96	127	18
19	TARDE	1232	14	144	292	509	187	3	83	80	3	80	1	2	
20	MUITO	78			1			51	26	14	12		4	18	4
21	BAIXO	83						75	8	6	2	3	2	1	2
22	POUCO	42						25	17	8	9		2	13	2
23	PRIMEIRO	10						5	5	3	2		1	3	1
24	QUANTO	5						3	2		2			1	1
	TOTAL	198596	6730	16929	28694	19342	13615	46843	66443	35206	31237	9601	14982	31855	10005

Fonte: Corpus do Português (Davies, Ferreira, 2006 -) Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>

Já o corpus especializado, nosso corpus de estudo, composto de 130 textos (aproximadamente 2,2 milhões de palavras), é uma compilação de artigos, monografias, dissertações e teses escritas por alunos de cinco diferentes universidades brasileiras: PUCRS, UFMG, USP, Unileste e Unifio. Estes trabalhos foram selecionados por não possuírem restrições em relação aos direitos autorais e por serem trabalhos selecionados, publicados em revistas das referidas universidades.

Para dar uma visão geral, o quadro a seguir mostra a abrangência de diferentes áreas:

Quadro 4 - Corpus especializado – diferentes áreas

<b>CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E CIÊNCIAS DA SAÚDE</b>
Faculdade de Farmácia

Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto
Faculdade de Odontologia
<b>CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS</b>
Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia
Faculdade de Comunicação Social
<b>CIÊNCIAS EXATAS, DA TERRA E ENGENHARIAS</b>
Faculdade de Engenharia
Faculdade de Informática
<b>CIÊNCIAS HUMANAS</b>
Faculdade de Letras
Faculdade de Psicologia

Fonte: O autor (2014)

O quadro a seguir mostra-nos a organização do corpus e os números de textos:

Quadro 5 - Organização do corpus especializado

Material (total= 130 textos)	UFMG	Mosaico (Psicologia – Psico) 15	FACE/FACI 9 FACIN 11 FAENFI 10 FALE 11 FAMECOS 11 FAPSI 7 FEFID 13 FENG 15 FFARM 6 ODONTO 7
	PUCRS	Revista da Graduação	
	Unifieo	Administração (Adm.) 1 Farmácia (Farm.) 3	
	Unileste	Farmácia e Ciência (FarmCie) 4	
	USP	Anagrama (Administração – Adm.) 9	

Fonte: O autor (2014)

No quadro seguinte, podemos observar o número de palavras e textos nas diferentes áreas.

Quadro 6 – Número de palavras e textos nas quatro diferentes áreas

Área	Faculdade	Número de textos	Número de palavras ( <i>word tokens</i> )
<b>Ciências Biológicas e Ciências da Saúde</b>	FAENFI (PUCRS)	10	35.079
	FFARM (PUCRS)	6	151.436
	Farm. (Unifieo)	3	6.039
	FarmCie (Unileste)	4	12.204
	FEFID (PUCRS)	13	512.452
	ODONTO (PUCRS)	7	152.681
	<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>869.891</b>
<b>Ciências Sociais Aplicadas</b>	FACE/FACI (PUCRS)	9	137.190
	Adm. (Unifieo)	1	2.018
	Anagrama (USP)	9	32.475
	FAMECOS (PUCRS)	11	247.955
	<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>419.638</b>
<b>Ciências Exatas, da Terra e Engenharias</b>	FENG (PUCRS)	13	360.867
	FACIN (PUCRS)	11	139.927
	<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>500.794</b>
<b>Ciências Humanas</b>	FALE (PUCRS)	11	158.896
	FAPSI (PUCRS)	7	196.280
	PSICO (UFMG)	15	58.336
	<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>413.512</b>
	<b>Total final</b>	<b>130</b>	<b>2.203.835</b>

Fonte: O autor (2014)

Pela grande extensão do corpus (aproximadamente 2,2 milhões de palavras) e os limites desta pesquisa, optamos por colocar um ponto de corte no estudo, seguindo sugestão dada pela banca de qualificação deste trabalho. Assim, foi criado um subcorpus de estudo.

Apesar da noção de que palavras gramaticais são mais frequentes que as palavras lexicais, noção esta que geralmente é confirmada em pesquisas com corpora, Kennedy (1998) nos diz que o número de palavras lexicais aumenta na medida em que o corpus se torna mais especializado. Num corpus como o Corpus do Português, com 450 milhões de palavras dos mais diferentes gêneros, a tendência é encontrarmos um número maior de palavras gramaticais dentre as mais frequentes, em comparação com um corpus de português acadêmico brasileiro como o nosso, por exemplo.

Assim, pelo foco deste trabalho ser os advérbios, considerados palavras lexicais, acreditamos, baseados na consideração de Kennedy, que o ponto de corte com pouco material de análise não prejudica o andamento da pesquisa. Um subcorpus de estudo com as 5 mil palavras mais frequentes do corpus de estudo foi, então, criado. Os dados deste a respeito de *word types* e *word tokens* estão apresentados abaixo:

Tabela 3 - Dados gerais do corpus de estudo e do subcorpus de estudo

	<b>Corpus de Estudo</b>	<b>Subcorpus de Estudo</b>
<b>No Total de <i>Word tokens</i></b>	2.203.835	2.078.459
<b>No Total de <i>Word types</i></b>	47.143	—

Fonte: O autor (2014)

Observamos, na tabela acima, que o número de *word tokens* em ambos os corpora fica acima de 2 milhões de palavras. Obtivemos um universo total de 47.143 *word types*. Tendo em vista nosso ponto de corte, as 5 mil mais frequentes, não realizamos a contagem dos diferentes tipos de palavras no subcorpus, somente a contagem do número total de advérbios, com um total de 7.851 ocorrências.

Faremos a análise dos números mostrados no capítulo 5, ao analisarmos quantitativamente e qualitativamente os dados.

Antes de passarmos para a análise, falaremos sobre os passos da pesquisa.

## 4.2 PASSOS DA PESQUISA

As etapas da pesquisa foram guiadas pelas nossas perguntas norteadoras:

1) Com base no corpus coletado, os autores colocam-se nos textos através do uso de advérbios de posicionamento?

2) Constatada a presença de advérbios de posicionamento no corpus, quais são eles? Quais são os mais frequentes?

Precisávamos, para responder aos questionamentos: coletar textos acadêmicos que servissem de base para a nossa análise, criando um corpus de estudo; observar neste corpus a frequência dos advérbios. Tendo isto por base, nosso primeiro passo foi compilar um corpus.

Para a criação do corpus, tínhamos em mente, principalmente, os critérios de representatividade e extensão, pilares da LdC.

O processo de criação e limpeza foi bastante longo. Optamos por criar nosso próprio corpus de português acadêmico brasileiro, devido ao fato de não termos acesso a nenhum outro corpus do mesmo tipo.

Na primeira fase, tivemos a coleta, que foi feita em equipe através do uso da Internet e do contato com professores universitários. Os textos escritos por alunos foram coletados em páginas da web de revistas e portais de universidades, devido à sua facilidade de acesso e à possibilidade de ser feito o *download* sem custo algum.

Procurou-se abranger o maior número de áreas de ensino, para termos uma visão a mais geral possível do uso dos advérbios neste tipo de linguagem, a acadêmica.



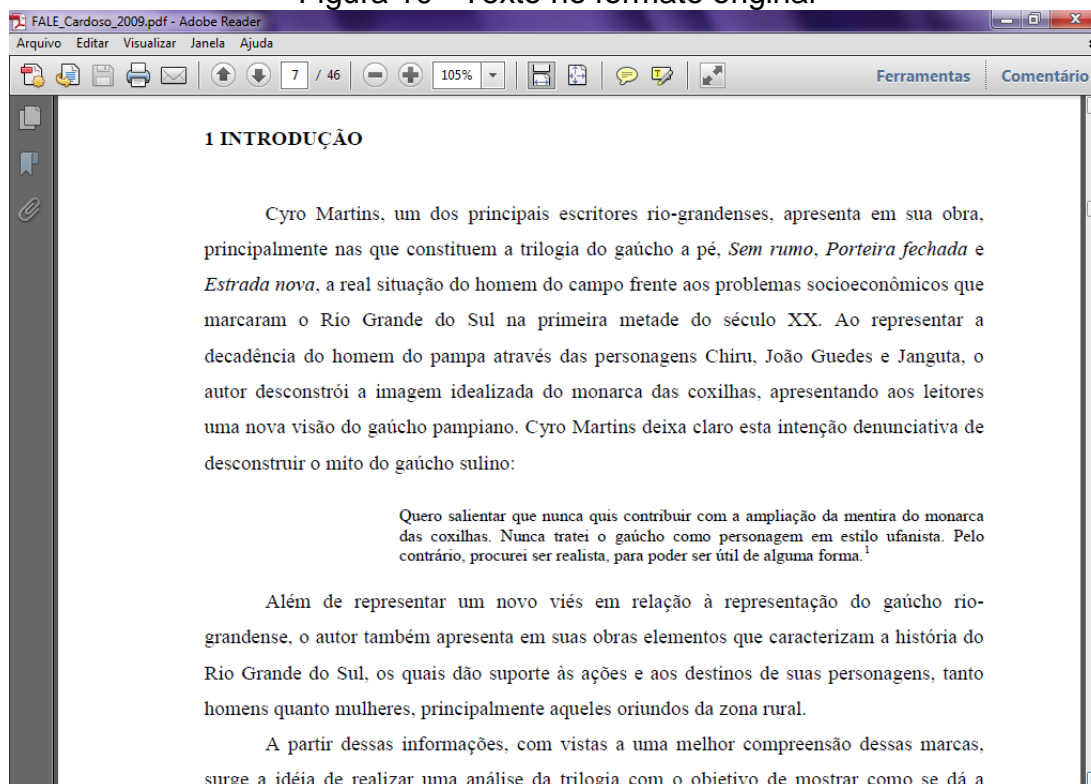
Observamos também o ano de publicação, tendo em vista que os textos do corpus deveriam ser recentes (últimos 10 anos), já que nosso objetivo não é fazer uma análise diacrônica, comparando textos de diferentes épocas.

Após a reunião dos textos, estes foram organizados e convertidos de formatos como Word, Excel e PDF para .txt, conversão esta necessária para que o programa *AntConc* conseguisse fazer a leitura e análise. O processo de conversão é um processo demorado e não ocorre sem problemas. Os textos, além de perderem a formatação original, muitas vezes são reorganizados, além de exibirem muitas vezes caracteres diferentes em relação ao original.

Optamos por realizar uma limpeza manual, tendo em vista os objetivos da pesquisa. Uma limpeza mecânica, utilizando linguagem computacional, pode ser eficiente para pesquisas nas quais o contexto não se faz necessário, somente a frequência de determinada palavra ou classe. Fizemos uma primeira tentativa de limpeza automática, mas, ao verificarmos que a mesma não excluía notas de rodapé do interior do texto ou referência bibliográfica, optamos pelo método mais demorado, porém justificado pelo propósito do projeto.

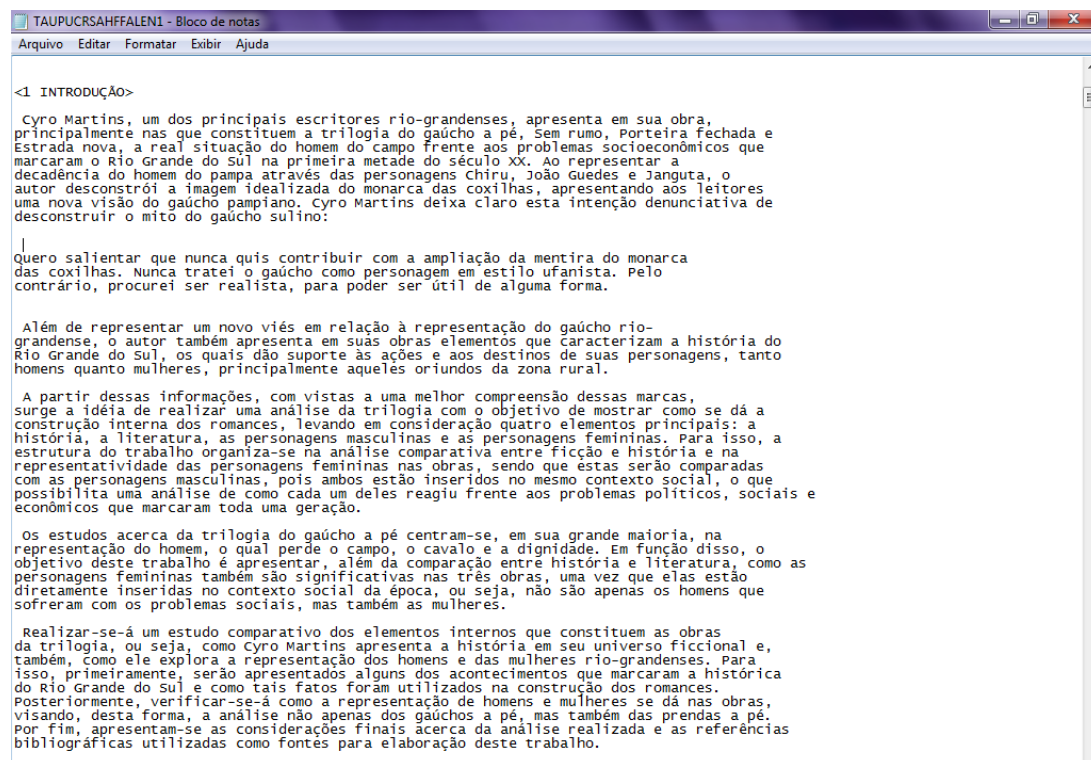
A seguir, nas figuras 10 e 11, temos o exemplo de um texto da área das humanas em formato original e após ter sido limpo e convertido do formato .pdf para o formato .txt,

Figura 10 - Texto no formato original



Fonte: O autor (2014)

Figura 11 - O mesmo texto da figura, após a limpeza, em formato .txt



Fonte: O autor (2014)

Ao fazermos a limpeza dos textos, retiramos legendas, a identificação dos textos, seções como “sumário”, “agradecimentos”, e ocultamos, manualmente, determinadas palavras ou frases como “resumo” e notas de rodapé, não relevantes para esta pesquisa, para que o programa não fizesse a leitura.

Nesta primeira etapa do projeto, não utilizamos nenhum tipo de etiquetador, programa computacional que faz automaticamente a análise do corpus e insere etiquetas (*taggers*) a fim de facilitar as buscas.

Além de não existir um etiquetador que trabalhe especificamente com o gênero acadêmico, pois ainda são poucos os programas disponíveis para a análise do nosso idioma, alguns deles exigem uma formatação, limpeza e leitura diferentes, – temos, como exemplo, o etiquetador PALAVRAS, que trabalha com textos cujos parágrafos devem ser “quebrados” em sentenças, modificando toda a formatação original do texto, e cujos arquivos de saída (arquivos gerados pelo programa) precisam ser lidos por programas desenvolvidos especificamente para este fim.

Figura 12 - Arquivo em formato .xml etiquetado pelo programa PALAVRAS

```

1 <?xml version="1.0" encoding="iso-8859-1" ?>
2 <xml>
3 <corpus>
4
5 <body>
6 <s id="s1" ref="1" source="Running text" forest="1" text="O presente trabalho apresenta a análise das obras que constituem a trilogia do
7 gaúcho a pé de Cyro Martins, Sem rumo, Porteira fechada e Estrada nova, levando em consideração quatro elementos principais:">
8 <graph root="s1_500">
9 <terminals>
10 <t id="s1_1" word="O" lemma="o" pos="art" morph="M S" sem="--" extra="--" />
11 <t id="s1_2" word="presente" lemma="presente" pos="adj" morph="M S" sem="--" extra="--" />
12 <t id="s1_3" word="trabalho" lemma="trabalho" pos="n" morph="M S" sem="act-d" extra="--" />
13 <t id="s1_4" word="apresenta" lemma="apresentar" pos="v-fln" morph="PR 3S IND VFIN" sem="--" extra="fnc nv" />
14 <t id="s1_5" word="a" lemma="a" pos="art" morph="F S" sem="--" extra="--" />
15 <t id="s1_6" word="análise" lemma="análise" pos="n" morph="F S" sem="act-c" extra="--" />
16 <t id="s1_7" word="de" lemma="de" pos="prp" morph="--" sem="--" extra="sam np-close" />
17 <t id="s1_8" word="as" lemma="o" pos="art" morph="F P" sem="--" extra="--san" />
18 <t id="s1_9" word="obras" lemma="obra" pos="n" morph="F P" sem="Lh sem-c" extra="--" />
19 <t id="s1_10" word="que" lemma="que" pos="spec" morph="M S" sem="--" extra="clb rel" />
20 <t id="s1_11" word="constituem" lemma="constituir" pos="v-fln" morph="PR 3P IND VFIN" sem="--" extra="nv np-close" />
21 <t id="s1_12" word="a" lemma="a" pos="art" morph="F S" sem="--" extra="--" />
22 <t id="s1_13" word="trilogia" lemma="trilogia" pos="n" morph="F S" sem="sem-c" extra="--" />
23
24 <t id="s1_1" word="O" lemma="o" pos="art" morph="M S" sem="--" extra="--" />
25 <t id="s1_2" word="presente" lemma="presente" pos="adj" morph="M S" sem="--" extra="--" />
26 <t id="s1_3" word="trabalho" lemma="trabalho" pos="n" morph="M S" sem="act-d" extra="--" />
27
28 <t id="s1_19" word="Cyro Martins" lemma="Cyro_Martins" pos="prop" morph="M S" sem="--" extra="hun" />
29 <t id="s1_20" word="," lemma="," pos="pu" morph="--" sem="--" extra="co-acc co-postnom" />
30 <t id="s1_21" word="Sem" lemma="sem" pos="prp" morph="--" sem="--" extra="np-close" />
31 <t id="s1_22" word="runo" lemma="runo" pos="n" morph="M S" sem="dir" extra="cjt-head cjt-head-DP" />
32 <t id="s1_23" word="," lemma="," pos="pu" morph="--" sem="--" extra="co-prparg" />
33 <t id="s1_24" word="Porteira" lemma="Porteira" pos="prop" morph="F S" sem="--" extra="cjt-DP hun" />
34 <t id="s1_25" word="fechada" lemma="fechada" pos="adj" morph="F S" sem="--" extra="np-close" />
35 <t id="s1_26" word="e" lemma="e" pos="conj-c" morph="--" sem="--" extra="co-prparg" />
36 <t id="s1_27" word="Estrada" lemma="Estrada" pos="prop" morph="F S" sem="--" extra="cjt-DP common" />
37 <t id="s1_28" word="nova" lemma="novo" pos="adj" morph="F S" sem="--" extra="np-close" />
38 <t id="s1_29" word="," lemma="," pos="pu" morph="--" sem="--" extra="--" />
39 <t id="s1_30" word="levando" lemma="levar" pos="v-ger" morph="--" sem="--" extra="clb nv" />
40 <t id="s1_31" word="em" lemma="em" pos="prp" morph="--" sem="--" extra="--" />
41 <t id="s1_32" word="consideração" lemma="consideração" pos="n" morph="F S" sem="act sen-c" extra="--" />
42 <t id="s1_33" word="quatro" lemma="quatro" pos="num" morph="M P" sem="--" extra="card" />
43 <t id="s1_34" word="elementos" lemma="elemento" pos="n" morph="M P" sem="H" extra="--" />
44 <t id="s1_35" word="principais" lemma="principal" pos="adj" morph="M P" sem="--" extra="SUP np-close" />
45 <t id="s1_36" word=":" lemma=":" pos="pu" morph="--" sem="--" extra="--" />
46 </terminals>

```

Fonte: O autor (2014)

Podemos ver, em destaque na figura anterior, uma parte de um dos textos do corpus etiquetado pelo PALAVRAS. Na frase abaixo, destacamos a análise das três primeiras palavras “o”, “presente” e “trabalho”.

O presente trabalho apresenta a análise das obras que constituem a trilogia do gaúcho a pé de Cyro Martins. Sem rumo, Porteira fechada e Estrada nova, levando em consideração quatro elementos principais...

Cada uma recebeu um conjunto de etiquetas; a palavra “presente”, por exemplo, foi classificada como um adjetivo “adj”, masculino “M”, no singular “S”.

Destacamos também o fato de que algumas palavras poderiam receber etiquetas equivocadas (vale lembrar que a eficácia destes programas não é de 100%) e, assim, serem deixadas de fora da análise.

Na figura a seguir, temos um exemplo de palavra cuja classe gramatical só poderia ser atribuída analisando o contexto. O advérbio mais frequente na análise do subcorpus de estudo foi “segundo”. Apesar dos advérbios serem a grande maioria das ocorrências desta palavra, podemos perceber exceções na análise: nas ocorrências 26 e 30, nas quais encontramos “o segundo tipo” e “o segundo ponto”, a palavra “segundo” não pertencente à classe dos advérbios.

Figura 13 - Destaque para as ocorrências 26 e 30 da palavra “segundo” nos resultados da pesquisa no corpus de estudo

Hit	KWIC	File
19	o de capital vai ocorrendo <b>segundo</b> Ricardo (1982), sua força	TAUPUCRSASAF
20	ecologia pode se perceber <b>segundo</b> Rocha (2004), a idéia de qu	TAUPUCRSASAF
21	o de uma grande inovação, <b>segundo</b> Montibeller (2004), foi à u	TAUPUCRSASAF
22	os outros ou super lucro, <b>segundo</b> Montibeller (2004), deve o	TAUPUCRSASAF
23	o capitalista obter lucro, <b>segundo</b> a teoria marxista, pode ser	TAUPUCRSASAF
24	O aumento da produtividade <b>segundo</b> Montibeller (2004) é elevad	TAUPUCRSASAF
25	i com o meio ambiente. <b>Segundo</b> Vasconcelos (2003) estas fu	TAUPUCRSASAF
26	untário ou involuntário. O <b>segundo</b> tipo são as externalidades	TAUPUCRSASAF
27	ciação entre as partes e o <b>segundo</b> a cobrança de taxas [...]	TAUPUCRSASAF
28	ógico da sociedade global. <b>Segundo</b> Brüseke (1998, p. 33) o rel	TAUPUCRSASAF
29	oblemas em sua aplicação. <b>Segundo</b> Ortiz (2003) deve se ter o	TAUPUCRSASAF
30	de latas de alumínio. O <b>segundo</b> ponto se relaciona com o de	TAUPUCRSASAF
31	que será pouco utilizado. <b>Segundo</b> Strauch (2008) as alternati	TAUPUCRSASAF
32	clagem de resíduos sólidos <b>segundo</b> Calderoni (2003) possui rel	TAUPUCRSASAF
33	ASSIFICAÇÕES DA AUDITORIA <b>Segundo</b> Diana e Róbison, São Paulo,	TAUPUCRSASAF
34	e o trabalho será efetuado <b>segundo</b> as Normas de Auditoria Inde	TAUPUCRSASAF
35	3.6.1 Conceito <b>segundo</b> HILARIO FRANCO e ERNESTO MA	TAUPUCRSASAF
36	idas com esta finalidade e <b>segundo</b> o IBRACO tem característic	TAUPUCRSASAF
37	RICIO MOTTA. Atlas, 1992) <b>Segundo</b> o Portal de Auditoria, em s	TAUPUCRSASAF

Fonte: O autor (2014)

Após a coleta e limpeza, o próximo passo foi organizar um cabeçalho para que, posteriormente, pudéssemos identificar o texto com facilidade. As variáveis utilizadas são mostradas no quadro a seguir:

Quadro 7 - Código de identificação dos textos

<b>T</b> = Tipo de material: aluno (A) ou professor (P).
<b>U</b> = Universidade: PUCRS, UFMG, Unifieo, Unileste ou USP.
<b>A</b> = Área: Humanas (H), Sociais Aplicadas (SA), Exatas, da Terra e Engenharias (ETE) ou Biológicas e Ciências da Saúde (BC)
<b>F</b> = Faculdade: FALE, FACIN, FEFID etc.
<b>N</b> = Número: 1, 2, 3, 4,...

Fonte: O autor (2014)

Abaixo, vemos um exemplo do cabeçalho de um dos textos:

Figura 14 - Destaque para o cabeçalho de um dos textos

TAUPUCRSAHFFALEN1

<RESUMO>

O presente trabalho apresenta a análise das obras que constituem a trilogia do gaúcho a pé de Cyro Martins, *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova*, levando em consideração quatro elementos principais: a história, a literatura, as personagens masculinas e as personagens femininas, os quais serão estudados de forma comparativa em relação à construção interna dos romances, ou seja, como se dá a relação entre realidade e ficção e como o autor representa os gaúchos e as prendas a pé frente ao contexto social retratado.

Fonte: O autor (2014)

A leitura do código de identificação nos permite saber que o texto é: material de aluno, da PUCRS, da área das humanas, da FALE, cujo número é 1.

Terminadas estas etapas de compilação e organização do corpus, partimos para a pesquisa em si.

Na fase inicial, realizamos a extração da frequência dos advérbios no corpus de estudo e de referência. Foram realizados os seguintes passos:

1) Primeiramente, através da utilização de ferramentas computacionais, obtivemos o número de *word tokens* e *word types* do corpus de estudo.

2) Em seguida, foi criada uma lista de frequência de todas as palavras do corpus de estudo.

3) Depois, manualmente, foram identificados os advérbios presentes dentre as cinco mil primeiras palavras do corpus, juntamente com o número de ocorrências de cada um (ver anexo A).

Para a extração das listas de frequência nos corpora, utilizamos o programa *AntConc*<sup>15</sup>, um concordanciador disponível gratuitamente para *download* que trabalha com arquivos .txt e possui inúmeras ferramentas de análise de corpus.

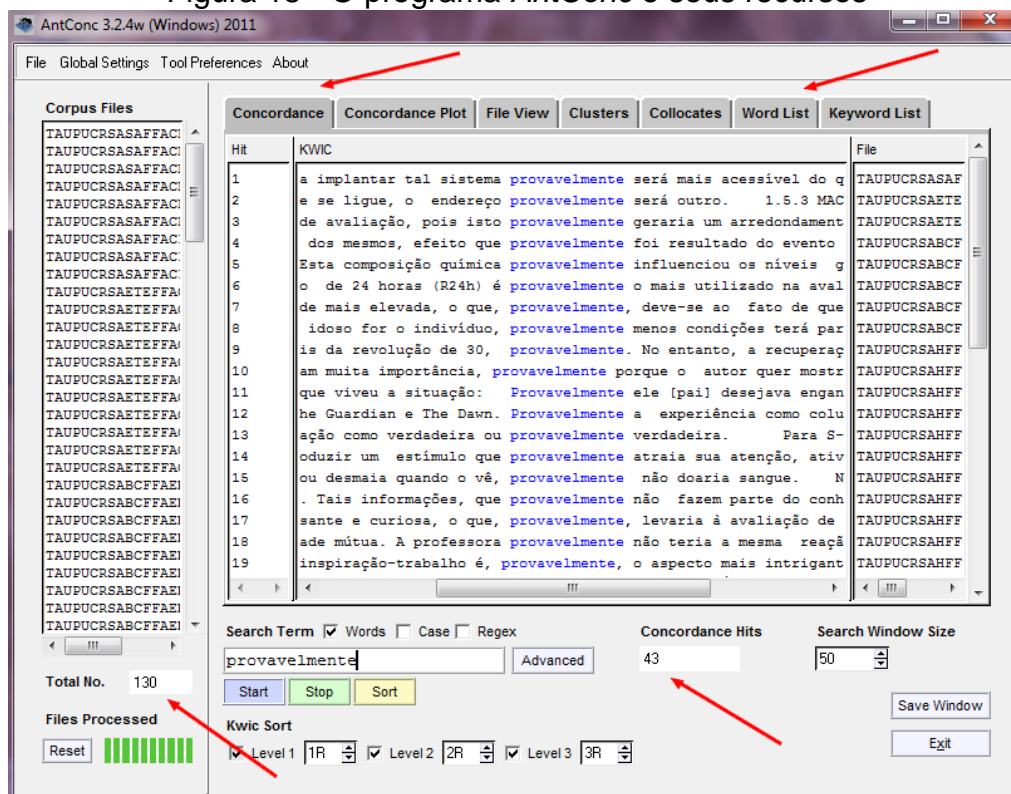
Optamos por este programa pela facilidade de manejo e por termos total acesso a todos os recursos disponíveis, sem a necessidade de recursos financeiros para a compra do programa, nem de instalação do mesmo em máquinas, ou seja,

<sup>15</sup> Programa disponível para download em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>



existe a opção de poder carregá-lo em dispositivos de armazenamento (tais como *pen drives*, CDs, DVDs), o que facilita o trabalho do pesquisador.

Figura 15 - O programa *AntConc* e seus recursos



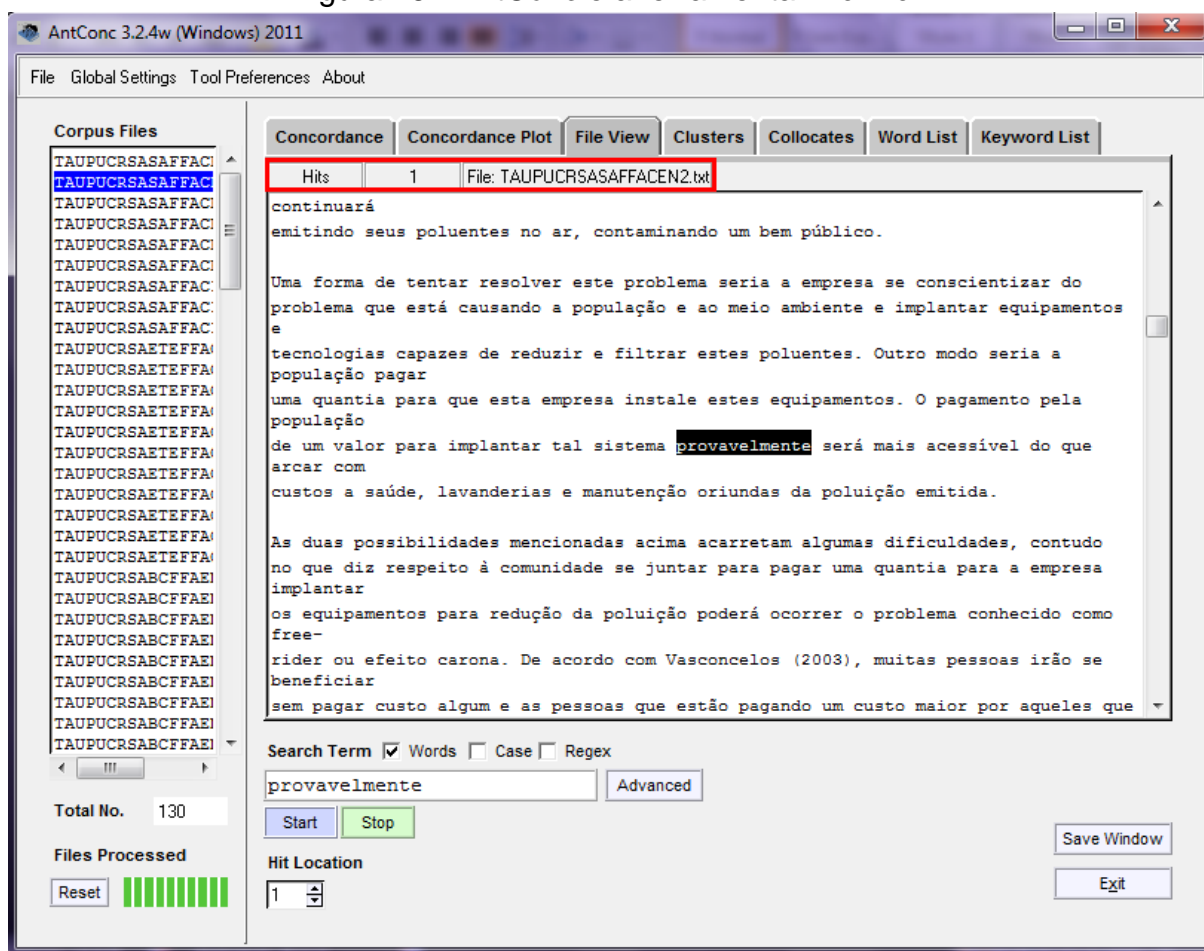
Fonte: O autor (2014)

Na figura acima, podemos ver, seguindo as setas vermelhas, alguns dos recursos oferecidos pelo programa: visualizamos o número total de textos abaixo à esquerda (no exemplo, o total era de 130 textos), as janelas com as opções de “Concordance” (Concordância) e “WordList” (Lista de Palavras), recursos utilizados nesta análise, e o número de ocorrências da palavra procurada (no caso, o advérbio “provavelmente”), com 43 ocorrências nesta demonstração, como indica a seta localizada à direita, na parte inferior da figura.

Além disso, o programa oferece a possibilidade de expandir o contexto de cada ocorrência da palavra procurada. Se dermos um clique com o botão esquerdo do *mouse* na primeira ocorrência da palavra “provavelmente” (em azul, na tela), outra janela “File View” (“Ver o arquivo”) entra em destaque, informando o texto e o

número da ocorrência (em destaque na figura a seguir, em vermelho), além da palavra em questão vir destacada em preto no texto.

Figura 16 - AntConc e a ferramenta File View



Fonte: O autor (2014)

Pelo fato de a pesquisa lidar com corpora de diferentes tamanhos, houve a necessidade de utilização de uma ferramenta que pudesse nos dizer se os resultados obtidos eram realmente significativos. Para que os dados acrescentem alguma informação a respeito da língua, a frequência não deve ser aleatória. Se a variação não for aleatória, podemos dizer, então, que a língua é padronizada, ou seja, determinado traço linguístico torna-se padrão devido a sua recorrência (Berber Sardinha, 2004). Assim, linguistas que trabalham com frequência e variação utilizam-se de cálculos estatísticos a fim de verificar, por exemplo, a razão entre aquilo que se espera e aquilo que é observado num corpus.



Para tal, recorreremos ao teste estatístico *Log-Likelihood Calculator* (LC)<sup>16</sup>, que mede a discrepância da frequência das palavras observadas a partir dos valores que esperaríamos ver se a frequência das palavras (em percentagem) fosse a mesma em ambos os textos. Se o resultado (a diferença entre os dois corpora) for superior a 6,63, a probabilidade disto acontecer ao acaso é de menos de 1%. Assim, podemos ter 99% de certeza de que o resultado realmente significa algo. Este é geralmente expresso por  $p < 0,01$ .

Figura 17 - Tela inicial do teste *Log-Likelihood*

**Log-likelihood calculator**

To use this wizard, type in frequencies for one word and the corpus sizes and press the calculate button.

	Corpus 1	Corpus 2
Frequency of word	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Corpus size	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Notes:

1. Please enter plain numbers without commas (or other non-numeric characters) as they will confuse the calculator!
2. The LL wizard shows a plus or minus symbol before the log-likelihood value to indicate overuse or underuse respectively in corpus 1 relative to corpus 2.
3. The log-likelihood value itself is always a positive number. However, my script compares relative frequencies between the two corpora in order to insert an indicator for '+' overuse and '-' underuse of corpus 1 relative to corpus 2.

**How to calculate log likelihood**

Log likelihood is calculated by constructing a contingency table as follows:

	Corpus 1	Corpus 2	Total
Frequency of word	a	b	a+b
Frequency of other words	c-a	d-b	c+d-a-b
Total	c	d	c+d

Note that the value 'c' corresponds to the number of words in corpus one, and 'd' corresponds to the number of words in corpus two (N values). The values 'a' and 'b' are called the observed values (O), whereas we need to calculate the expected values (E) according to the following formula:

Fonte: O autor (2014)

Os valores correspondentes ao número de advérbios encontrados em cada um dos corpora (subcorpus de estudo e corpus de referência) e o total de *word tokens* foi digitado na interface do programa, como mostram as figuras a seguir.

<sup>16</sup> Disponível no endereço <http://ucrel.lancs.ac.uk/llwizard.html>

Figura 18 - Detalhe do site do programa *Log-Likelihood*

## Log-likelihood calculator

To use this wizard, type in frequencies for one word and the corpus sizes and press the calculate button.

	Corpus 1	Corpus 2
Frequency of word	8331	198596
Corpus size	2073457	45000000

Notes:

1. Please enter plain numbers without commas (or other non-numeric characters) as they will confuse the calculator!
2. The LL wizard shows a plus or minus symbol before the log-likelihood value to indicate overuse or underuse respectively in corpus 1 relative to corpus 2.
3. The log-likelihood value itself is always a positive number. However, my script compares relative frequencies between the two corpora in order to insert an indicator for '+' overuse and '-' underuse of corpus 1 relative to corpus 2.

Fonte: O autor (2014)

Figura 19 - Resultado do teste com o programa *Log-Likelihood*

## Log-likelihood calculator results

Key:  
 O1 is observed frequency in Corpus 1  
 O2 is observed frequency in Corpus 2  
 %1 and %2 values show relative frequencies in the texts.  
 + indicates overuse in O1 relative to O2,  
 - indicates underuse in O1 relative to O2

Item	O1	%1	O2	%2	LL
Word	8331	0.40	198596	0.44	- 72.49

If you have technical problems please get in touch with [Paul Rayson](mailto:p.rayson@lancaster.ac.uk) (email: [p.rayson@lancaster.ac.uk](mailto:p.rayson@lancaster.ac.uk))

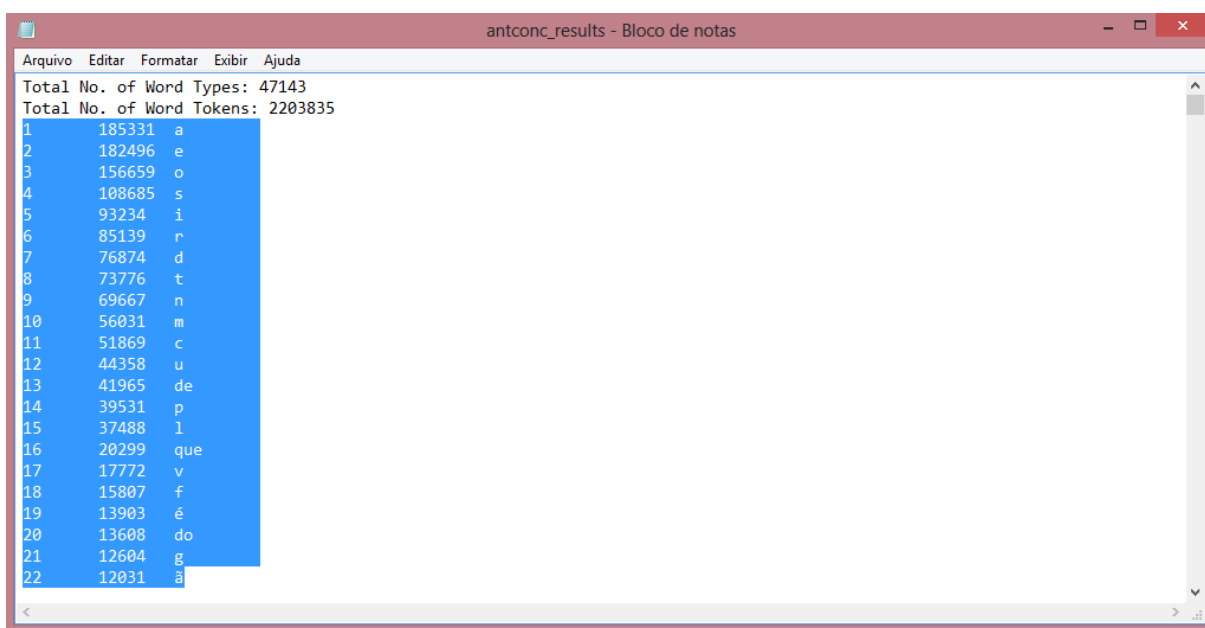
Fonte: O autor (2014)

Podemos observar nas colunas %1 e %2 o percentual de advérbios no subcorpus de estudo e no corpus de referência, respectivamente. O valor negativo presente na coluna LL indica que o primeiro corpus faz menos uso da unidade lexical “advérbio” do que o segundo.

Sabendo que os resultados obtidos em nossa análise eram significativos, passamos para a fase seguinte de análise, quando analisamos qualitativamente os dados.

- 1) A lista de frequência de todas as palavras foi analisada com base no conhecimento linguístico da autora e na análise do contexto das palavras. Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, somente os advérbios não foram limpos.

Figura 20 – Limpeza da lista de frequência do corpus



Rank	Frequency	Word
1	185331	a
2	182496	e
3	156659	o
4	108685	s
5	93234	i
6	85139	r
7	76874	d
8	73776	t
9	69667	n
10	56031	m
11	51869	c
12	44358	u
13	41965	de
14	39531	p
15	37488	l
16	20299	que
17	17772	v
18	15807	f
19	13903	é
20	13608	do
21	12604	g
22	12031	ã

Fonte: O autor (2014)

Como podemos ver na figura acima, palavras como “a” e “que”, que não são advérbios, foram selecionadas e apagadas. Palavras cuja classe gramatical dependia do contexto foram analisadas utilizando o programa *AntConc*.

- 2) Após a limpeza, verificou-se que alguns advérbios apresentavam mais de uma forma. Advérbios como “conforme”, por exemplo, apareciam duplicados na lista, já que o programa faz distinção entre letras maiúsculas e minúsculas.

Figura 21 – Duplicação da palavra “conforme”

186	487	segundo
204	445	sempre
205	441	conforme
216	429	tanto
283	332	Não
300	314	entanto
301	314	somente
315	298	menos
363	268	principalmente
453	218	demais
462	215	antes
485	206	Conforme
563	182	sim
609	167	totalmente

Fonte: O autor (2014)

- 3) Após a análise das palavras duplicadas, os advérbios repetidos foram agrupados e suas ocorrências foram somadas. Desta forma, obteve-se uma lista com 90 advérbios, que foram analisados em seus contextos a fim de observarmos se poderiam ser classificados como advérbios de posicionamento.

As tabelas com os 90 tipos de advérbios e exemplos dos mesmos em extratos de texto serão apresentados no capítulo seguinte, que apresenta ambas as análises quantitativa e qualitativa dos advérbios encontrados.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como já explicitado na seção 3.3, nosso trabalho investigativo desenvolveu-se de forma quantitativa e qualitativa, através de análises *corpus-driven* e *corpus-based*. Nas duas primeiras partes deste capítulo, apresentaremos os resultados das análises quantitativa e qualitativa. Por fim, discutiremos os resultados apresentados com base em nosso fundamento teórico e nos estudos que serviram de alicerce para este trabalho.

### 5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

Primeiramente, antes de apresentarmos os resultados, julgamos pertinente retomarmos, de forma concisa, algumas características do corpus apresentadas no capítulo sobre os corpora da pesquisa (ver 4.1).

Nosso corpus de estudo consiste numa coletânea de 130 textos produzidos por alunos universitários de cinco universidades brasileiras de diferentes áreas do conhecimento (para mais informações, ver quadro 5). Estes textos foram coletados a fim de servirem como base para o estudo do registro português acadêmico, no qual esta pesquisa se insere.

Consideramos importante ressaltar que, nesta pesquisa, a fim de aprofundar o estudo e por questões de viabilidade, selecionamos somente os advérbios compostos por uma única palavra (excluindo-se as locuções e expressões adverbiais), devido à frequência e à facilidade de busca, diferentemente de alguns estudos que nos serviram de base.

A seguir, apresentamos a tabela com os dados gerais do corpus, que serão utilizados posteriormente na análise.

Tabela 4 - Características gerais do corpus de estudo

	<b>Corpus de Estudo</b>
<b>No Total de <i>Word tokens</i></b>	2.203.835
<b>No Total de <i>Word types</i></b>	47.143
<b><i>Type/Token ratio</i></b>	2,1

Fonte: O autor (2014)

Nesta primeira tabela, podemos ver o número de *word tokens* e *word types* das palavras. Como já explicitado no trabalho, o número de *word tokens* corresponde ao número total de palavras do corpus, enquanto que o número de *word types* considera a repetição de cada palavra (se, por exemplo, no corpus apareceram 30 ocorrências da palavra “provavelmente” e 20 ocorrências da palavra “difícilmente”, cada uma delas será contada como 1 tipo, ou seja, teremos no total 2 *word types*). No corpus de estudo temos, então, 2.203.835 *word tokens* (itens) e 47.143 *word types* (tipos).

Como terceiro item da tabela, temos a *type/token ratio* (TTR), cálculo feito através da seguinte fórmula:

$$\textit{Type/token ratio} = \text{número de types} / \text{número de tokens} * 100$$

Os dados da tabela 4 nos mostram que somente 2,1 % das palavras têm ocorrência única no texto, o que significa que 97, 9% das palavras se repetem ao menos 2 vezes no corpus.

Nossa análise quantitativa também nos permitiu observar a quantidade de 2.073.457 ocorrências de palavras (*word tokens*), o que, de acordo com cálculos de porcentagem, representa 94% das ocorrências das palavras do corpus de estudo.

Em relação a este subcorpus, colocamos alguns dados relevantes a respeito deste na tabela que segue, comparando-o com o corpus inicial, de estudo.

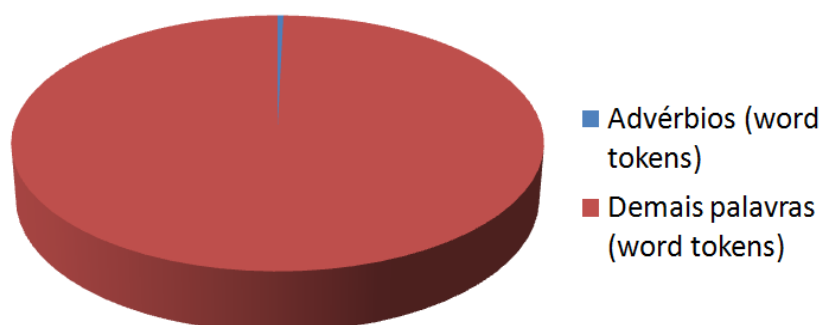
Tabela 5 - Dados gerais do corpus de estudo e do subcorpus de estudo

	Corpus de Estudo	Subcorpus de Estudo
No Total de <i>Word tokens</i>	2.203.835	2.073.457 <b>(7.851 advérbios)</b>
No Total de <i>Word types</i>	47.143	<b>90 advérbios</b>

Fonte: O autor (2014)

Logo após a obtenção destes resultados, foram retiradas manualmente as ocorrências de advérbios no subcorpus. Somados os números de ocorrência de cada advérbio, chegamos ao total de 7.851 *word tokens*, como mostra a tabela acima; o gráfico que segue mostra, no total de *word tokens* do subcorpus, o tamanho da “fatia” que os advérbios ocupam.

Gráfico 1 - Subcorpus de estudo – quantidade de *word tokens* dos advérbios e demais palavras



Fonte: O autor (2014)

Em termos de *word types*, a análise da autora constatou a presença de 90 diferentes tipos de advérbios.

Abaixo, podemos ver os **10 advérbios mais frequentes** encontrados no corpus especializado (subcorpus de estudo), de um total de 90 diferentes tipos advérbios localizados manualmente pela pesquisadora, num total de 7.851 ocorrências.

Quadro 8 - Advérbios mais frequentes no corpus especializado

<b>Posição</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Advérbio</b>
1º	647	conforme
2º	487	segundo
3º	445	sempre
4º	429	tanto
5º	332	não
6º	314	somente
7º	298	menos
8º	268	principalmente
9º	218	demais
10º	215	antes
<b>TOTAL</b>	<b>3.653</b>	

Fonte: O autor (2014)

A soma das ocorrências destes advérbios totaliza 3.653 *word tokens*, como mostra a tabela acima. Este número, comparado ao total de advérbios no subcorpus de estudo (7.851 itens), em termos de porcentagem, corresponde a aproximadamente 47% do valor total, ou seja, o restante dos advérbios (total de 80 *word types*) que aparece no subcorpus totaliza em torno de 53%, como nos mostram os dados abaixo.

Tabela 6 - Subcorpus de estudo – dados sobre os advérbios

	<b>Word tokens</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Primeiros 10 advérbios mais frequentes</b>	3.653	46, 52%
<b>Restante dos advérbios</b>	4.198	53,47%
<b>Total</b>	7.851	100%

Fonte: O autor (2014)



Deste modo, através desta primeira análise quantitativa, já podemos destacar que:

- O uso de advérbios está presente nos escritos acadêmicos. Através de uma análise mais refinada, presente no capítulo que segue, poderemos classificar estes advérbios a fim de detectar a presença de advérbios de posicionamento, nosso foco de pesquisa.

Este primeiro trabalho com o subcorpus mostra-se bastante pertinente, mas não responde a todos os questionamentos deste trabalho, tendo em vista que vê os advérbios como um todo, sem poder destacar os advérbios de posicionamento, pois uma análise deste tipo demanda a observação do contexto, fora do foco de uma pesquisa quantitativa.

No próximo capítulo, faremos nossa análise qualitativa, analisando os advérbios mais presentes no subcorpus de estudo, para depois fazermos nossas considerações finais, retomando as perguntas norteadoras deste trabalho.

## 5.2 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Nesta seção, descreveremos os advérbios encontrados nas produções escritas presentes no subcorpus de estudo. Começaremos por enumerar todos os advérbios que possuem um grande número de ocorrências em busca de, numa análise contextual, com base nas referências, encontrar aqueles que expressem o posicionamento do autor.

Em primeiro lugar, julgamos pertinente retomar a classificação de Neves (2011), que nos servirá de base para a análise dos advérbios.

Neves (2011) classifica os advérbios de posicionamento em três tipos: *epistêmicos*, *deônticos* e *afetivos*. O primeiro é subdividido em outras três subcategorias, assim com os advérbios afetivos, subdivididos em outras duas subcategorias, como podemos ver a seguir, na tabela, que mostra alguns exemplos:

Quadro 9 - Classificação dos advérbios modalizadores segundo Neves (2011)

<b>Advérbios modalizadores</b>		
<b>Advérbios Epistêmicos</b>	Asseverativos	<i>certamente, seguramente, obviamente, claro</i>
	Quase-asseverativos	<i>talvez, provavelmente, geralmente, normalmente, possivelmente</i>
	Delimitadores	<i>quase, historicamente</i>
<b>Advérbios deônticos</b>		<i>necessariamente, obrigatoriamente</i>
<b>Advérbios afetivos</b>	Avaliação, julgamento	<i>sinceramente, felizmente</i>

Fonte: O autor (2014)

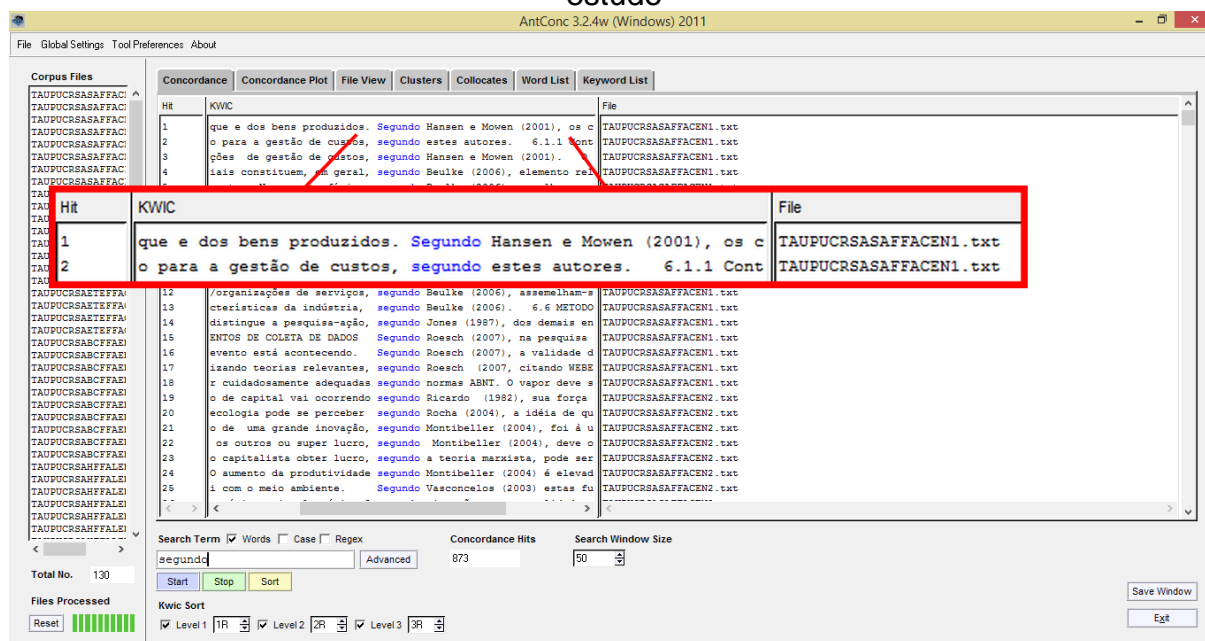
Para relembrar, os advérbios epistêmicos são aqueles que expressam uma avaliação sobre o valor de verdade de uma proposição; os advérbios deônticos são utilizados pelo falante para expressar o conteúdo da proposição como um dever ou

obrigação, enquanto os advérbios afetivos expressam as emoções do falante frente ao dado apresentado – para mais detalhes, ver seção 2.4.2.

Prosseguindo a análise, fizemos uma busca pelos advérbios mais frequentes do subcorpus de estudo através do programa *AntConc*, que apresenta, através da ferramenta “concordance” o contexto imediato, possibilitando uma análise mais abrangente da palavra em questão.

Vejamos o exemplo através da figura abaixo, que mostra os resultados da pesquisa da palavra *segundo*, advérbio de maior frequência, com maior detalhamento (em destaque na figura 22) para as duas primeiras ocorrências:

Figura 22 - As duas primeiras ocorrências da palavra “segundo” no subcorpus de estudo



Fonte: O autor (2014)

Este procedimento, de olhar as ocorrências de cada advérbio em seu contexto, foi feito para todos os 90 tipos de advérbios encontrados do subcorpus.

A fim de melhor organizá-los, estes foram divididos em nove quadros. Após a apresentação dos exemplos em cada quadro, são discutidos alguns advérbios de posicionamento encontrados. Ao final deste capítulo, apresentamos os resultados em termos quantitativos.

Abaixo, colocamos o quadro dos 10 advérbios mais frequentes, com exemplos ilustrativos dos diferentes usos de cada advérbio, feito de acordo com os resultados obtidos.

Quadro 10 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 1ª a 10ª posição

Posição	Advérbios do subcorpus de estudo	Exemplos extraídos do subcorpus de estudo
1º	conforme	(1) <sup>17</sup> <b>Conforme</b> Mezzono (1995), a administração...  (16)...sendo estas distribuídas em turnos de trabalho <b>conforme</b> necessidade operacional...
2º	segundo	(1) <b>Segundo</b> Hansen e Mowen (2001), os custos eram...  (30) O <b>segundo</b> ponto se relaciona com o descarte de um produto...
3º	sempre	(4) Este método é empregado <b>sempre</b> que vem a ser possível...  (17) Com foco <b>sempre</b> no consumidor, na qualidade...
4º	tanto	(1) ...efetivamente foi realizada, <b>tanto</b> em termos de planejamento como execução.  (25) Para <b>tanto</b> é preciso que sejam feitas auditorias...  (42) Possuem <b>tanto</b> talento e experiência, porém...
5º	não	(1)... e o setor de saúde <b>não</b> foge a esta regra.  (17) Se isso <b>não</b> ocorrer, segundo Beulke (2006)...
6º	somente	(1) Nossos clientes constituem a razão de ser de todas as ações que realizamos, cabendo <b>somente</b> a eles conceituar a qualidade de nossos produtos e serviços.  (10) A avaliação foi feita <b>somente</b> relativa ao consumo dos recursos naturais (energia/vapor e água).  (32) Tendo em vista que o teste de software é a última revisão antes de o produto ser lançado ao

<sup>17</sup> Os números entre parênteses representam o número da ocorrência na pesquisa do advérbio em questão no programa *AntConc*.

		<i>mercado e que em caso de uma parada crítica da ALFA, não <b>somente</b> os seus clientes serão afetados, mas toda a rede que depende da disponibilidade do software testado, aprovado para utilização.</i>
7º	menos	(4) ... as novas terras são geralmente <b>menos</b> férteis, de modo que os custos de produção...  (210) Se o New York Times decide não publicar alguma matéria, pelo <b>menos</b> um dos inúmeros sites da Internet...
8º	principalmente	(2) Conforme o Ministério da Saúde é um sistema de custeio ainda muito novo e pouco testado, <b>principalmente</b> no Brasil.  (38) Apresenta maior versatilidade, <b>principalmente</b> por sua maior diversidade de símbolos.  (39) O trabalho evidenciou a importância de buscar a melhoria contínua dos processos, pois trata-se de um fator fundamental para o sucesso das organizações, <b>principalmente</b> no que se refere as empresas de serviços onde as transformações e concorrência são cada vez maiores.
9º	demais	(6) No momento em que o capitalista descobre certa inovação e a aplica na sua produção, ele automaticamente se diferencia dos <b>demais</b> por obter um lucro acima da média do mercado.  (149) No Judaísmo, ter um comportamento hospitaleiro para com o visitante faz parte dos mandamentos (Gemilut Chassadim), ou seja, como nas <b>demais</b> religiões, prover a hospitalidade ao próximo é um dever.
10º	antes	(1)...catadores que acabam recolhendo os resíduos <b>antes</b> de serem coletados.

Fonte: O autor (2014)

No quadro acima, podemos ver que algumas palavras que são classificadas como advérbios podem pertencer a uma classe diferente, como no caso de *segundo*, ora indicando a fonte (**Segundo** Hansen e Mowen (2001), os custos eram...), funcionando como um advérbio, ora atuando como numeral (O **segundo** ponto se relaciona com o descarte de um produto...); isto reforça a posição deste

trabalho, que coloca a atuação do linguista como essencial na análise dos dados em casos como este, de uma pesquisa com viés semântico-pragmático.

Além disso, percebemos que o posicionamento pode se dar de forma indireta. Ao analisarmos o contexto dos advérbios, percebemos que muitos apareceram em citações indiretas, ou seja, estavam presentes primeiramente na fala de algum outro autor.

Vejamos o exemplo com o advérbio *principalmente*, ocorrência 38:

Oliveira (2001, p. 258) descreve os seguintes aspectos básicos do fluxograma de coluna:

- É utilizado tanto no levantamento quanto na descrição de novas rotinas e procedimentos;
- Permite demonstrar, com maior clareza, o fluxo de informações e documentos, dentro e fora da unidade organizacional considerada; e
- Apresenta maior versatilidade, **principalmente** por sua maior diversidade de símbolos.

No texto acima, parece-nos claro que o emprego da palavra *principalmente* (em negrito no texto) deu-se pela escolha lexical de Oliveira, o autor citado; entretanto, acreditamos que, se, por acaso, exemplos como este estiverem presentes em casos de advérbio de posicionamento, o mesmo não é invalidado, caso o falante esteja incorporando a fala de outrem que sirva, em seu trabalho, como base, não como ponto de vista ou como saber a ser questionado.

No exemplo da ocorrência 39, percebemos este advérbio como delimitador, estabelecendo os limites:

O trabalho evidenciou a importância de buscar a melhoria contínua dos processos, pois trata-se de um fator fundamental para o sucesso das organizações, **principalmente** no que se refere as empresas de serviços onde as transformações e concorrência são cada vez maiores.(39)

No exemplo abaixo, a proposição “é um sistema de custeio ainda muito novo e pouco testado”, a respeito do sistema de custeio ABC, citado no início do texto,

tem em “principalmente no Brasil” uma informação extra que acrescentada traz a idéia de restrição de lugar, dando destaque para a palavra “Brasil”.

O sistema de custeio ABC permite a visualização dos custos por meio da análise das atividades executadas dentro da instituição e suas respectivas relações com os objetos de custos. O princípio básico deste sistema é tornar direto o maior número possível de custos proporcionais e não-proporcionais, por meio de direcionadores de custos.

Conforme o Ministério da Saúde é um sistema de custeio ainda muito novo e pouco testado, **principalmente** no Brasil. (2)

Prosseguindo a análise em busca dos advérbios de posicionamento, analisamos do 11º ao 20º lugar os advérbios da lista dos presentes no subcorpus de estudo. Abaixo, o quadro com os exemplos ilustrativos de cada uso.

Quadro 11 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 11ª a 20ª posição

Posição	Advérbios do subcorpus de estudo	Exemplos extraídos do subcorpus de estudo
11º	sim	(4) <i>O motivo para expor a idéia destes três especialistas no tema é destacar que a coleta seletiva possui um custo mais elevado para o município ou agente responsável de modo que não deve se olhar somente sobre os custos, mas <b>sim</b> para todas as possibilidades de benefícios que podem ser geradas.</i>  (14) <i>Com relação se recebeu algum elogio ou reconhecimento nos últimos sete dias, 34,6% disseram que <b>SIM</b>...</i>
12º	totalmente	(2) <i>O conceito não está <b>totalmente</b> definido, talvez novas mudanças possam ocorrer...</i>  (107) <i>A noção de que a propaganda tem de ser eliminada do espaço urbano não é <b>totalmente</b></i>

		<p>correta.</p> <p>(31) <i>Dentre os Técnicos de Desenvolvimento, 80% concordam e concordam <b>totalmente</b> que buscam sanar suas dúvidas e obter informações/conhecimento junto de um colega...</i></p>
13º	diretamente	<p>(3) <i>O valor global de consumo dos materiais diretos por mês depende <b>diretamente</b> do volume de produção.</i></p> <p>(141) <i>Esta ideia representa, realmente, o aspecto que para nós hoje é chamado de burocracia, a inflexibilidade das normas, o que interfere <b>diretamente</b>, muitas vezes, no bom funcionamento da empresa.</i></p>
14º	bastante	<p>(1) <i>A economia do meio ambiente é <b>bastante</b> nova e se encontra em constante evolução na medida em que os problemas ambientais vão surgindo e evoluindo.</i></p> <p>(19) <i>Notou-se um dado <b>bastante</b> importante no gráfico 21 que pesquisa sobre a missão/propósitos da organização...</i></p> <p>(42) <i>Esse fato é <b>bastante</b> interessante, pois parece que o treinamento de habilidade, apesar de não ter revertido o efeito aparente da isquemia focal sobre a área, aumentou o número de células ipsilaterais à lesa...</i></p>
15º	anteriormente	<p>(1) <i>...mostra que não ha preocupação com o meio-ambiente, semelhante às outras duas teorias vistas <b>anteriormente...</b></i></p>
16º	junto	<p>(1) <i>... para retirada de materiais ou lixo que vieram</i></p>



		<i><b>junto</b> com a roupa...</i>  (128) <i>a projeção do conceito da empresa <b>junto</b> a ela e aos líderes de opinião.</i>
17º	apesar	(15) <i><b>Apesar</b> do resultado da amostra demonstrarem satisfação com o tempo de espera/prazos...</i>  (189) <i>A grade curricular, <b>apesar</b> de não contar com apoio de um manual, possui a pedagogia de seguir um roteiro...</i>
18º	nunca	(3) <i>Utilizando-se o exemplo da floresta, um indivíduo pode atribuir um certo valor para ela sem <b>nunca</b> ter a visto ou se beneficiado de alguma forma com ela.</i>
19º	geralmente	(1) <i>Para níveis mais altos da administração, os relatórios de contabilidade por responsabilidade <b>geralmente</b> são mais resumidos que os relatórios para os níveis mais baixos.</i>
20º	talvez	(2) <i><b>Talvez</b> para o ser humano um recurso ambiental não tenha grande importância ou não gere grandes benefícios...</i>

Fonte: O autor (2014)

Na análise dos advérbios do quadro acima, observamos novamente a presença de advérbios epistêmicos delimitadores: *totalmente* e *geralmente*.

A noção de que a propaganda tem de ser eliminada do espaço urbano não é **totalmente** correta.(107)

No exemplo acima, podemos ver que o advérbio relaciona-se com a proposição “A noção de que a propaganda tem de ser eliminada do espaço urbano não é correta.” (sublinhado no texto), restringindo seu sentido. “A noção” não é

correta “no inteiro”, no “completo”, podendo ser substituído por advérbios como *completamente* sem mudança significativa o sentido.

O mesmo acontece com *geralmente*, que, ao referir-se à proposição, acrescenta a idéia “de modo geral”, mostrada nos exemplos abaixo:

Para níveis mais altos da administração, os relatórios de contabilidade por responsabilidade **geralmente** são mais resumidos que os relatórios para os níveis mais baixos. (1)

A aplicação se divide **geralmente** em três etapas, criação do cenário a ser exposto, pesquisa de campo e disposição a pagar média. (7)

O advérbio na 20ª posição, *talvez*, denota um comprometimento menor do falante em relação à proposição.

Vejamos:

**Talvez** para o ser humano um recurso ambiental não tenha grande importância ou não gere grandes benefícios... (2)

**Talvez** isso explique o fato dos neonatos não terem evoluído da segunda para a terceira avaliação. (16)

Advérbios que se relacionam com o valor de verdade são classificados como epistêmicos. No caso, por não se comprometer tanto com a verdade, este advérbio, neste contexto, é considerado um advérbio modalizador epistêmico quase-asseverativo.

Passando para as demais ocorrências, formamos o seguinte quadro:

Quadro 12 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 21ª a 30ª posição

Posição	Advérbios do subcorpus de estudo	Exemplos extraídos do subcorpus de estudo
21º	quase	(1) <i>Quase sempre os centros de custo são departamentos, mas, em alguns casos, um departamento pode ter vários centros de custo.</i>

		(111) <i>Aquilo de que se trata no complexo de castração nunca é articulado e se faz <b>quase</b> que completamente misterioso.</i>
22º	realmente	(8) <i>Após esta etapa deve-se procurar a redução do tempo do ciclo com as seguintes verificações: é possível fazer uma atividade em paralelo ou se é <b>realmente</b> necessário aguardar o final da atividade para iniciar a próxima.</i>  (35) <i>...a partir daí, o Anjo da Guarda <b>realmente</b> assume o papel de protetor da senhora.</i>
23º	novamente	(2) <i>Este irá analisar <b>novamente</b> o seu produto e irá enviar à empresa os próximos passos ou uma explicação de por que o seu produto não poderá ser importado.</i>
24º	primeiramente	(1) <i>Neste capítulo será exposta <b>primeiramente</b> a composição do valor econômico de um recurso ambiental.</i>
25º	especialmente	(2) <i>... a eficiência de seu funcionamento contribui diretamente na eficiência do hospital, refletindo <b>especialmente</b> no controle de infecções.</i>  (14) <i>Octave é um software open-source para computação numérica e gráfica. O sistema foi <b>especialmente</b> projetado para computações de matrizes, resolução de sistema de equações, autovetores e autovalores.</i>
26º	simplesmente	(10) <i>Quando o mercado era uma coisa simples (o lugar onde as pessoas se encontravam para efetuar trocas de mercadorias e, mais tarde, trocar mercadorias por dinheiro), o marketing significava <b>simplesmente</b> ir fazer trocas.</i>
27º	atualmente	(34) <i>O quarto e último entrevistado foi ESP4,</i>

		<i>bacharel em Sistemas de Informação pela ULBRA, <b>atualmente</b> trabalha na área de Risco Operacional e Segurança...</i>
28º	consequentemente/ conseqüentemente	(18) <i>Com o crescimento dessas sociedades ocorreu também um aumento, em toda a Europa, do número de cátedras nos estudos orientais; <b>consequentemente</b>, houve uma expansão dos meios disponíveis para disseminar o Orientalismo.</i>
29º	igual	(1)... <i>a taxa de lucro é <b>igual</b> à taxa de juros e a economia...</i>
30º	extremamente	(3) <i>Desta forma, é <b>extremamente</b> vantajoso que as organizações busquem diversificar seus mercados (clientes, fornecedores, público)...</i>

Fonte: O autor (2014)

Outro caso de advérbio epistêmico é *realmente*, que denota uma afirmação, uma declaração sobre a qual o falante não possui dúvida:

...a partir daí, o Anjo da Guarda **realmente** assume o papel de protetor da senhora. (35)

No quadro seguinte, observou-se a presença do advérbio *normalmente* (34ª posição), considerado um asseverativo afirmativo.

Vejamos:

Maior volume de negócios e/ou maior tempo para se concretizar o ciclo operacional envolvem **normalmente** maior ou menor volume de recursos, conforme Beulke (2006). (2)

Não existe compartilhamento de memória e a comunicação entre os processadores ocorre exclusivamente pela troca de mensagens através da rede de interconexão, **normalmente** através do uso de bibliotecas de comunicação como PVM ou MPI. (18)

Outro advérbio de posicionamento encontrado foi *necessariamente*, na 37ª posição. Diferentemente de *normalmente*, este advérbio é do tipo deôntico. Isso quer

dizer que o advérbio expressa a ideia de “tem que P”, ou seja, algo obrigatoriamente necessita ocorrer:

O planejamento detalhado do plano deve ser efetuado **necessariamente** pelas pessoas responsáveis pelo conhecimento técnico específico do negócio. (2)

... a idéia de democracia contém e implica, **necessariamente**, a questão da solução do problema das condições materiais de existência. (35)

Quadro 13 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 31ª a 40ª posição

Posição	Advérbios do subcorpus de estudo	Exemplos extraídos do subcorpus de estudo
31º	exatamente	(3) <i>É difícil definir <b>exatamente</b> o conceito de motivação, uma vez que este tem sido utilizado com diferentes sentidos.</i>
32º	respectivamente	(4)... <i>são tratados ao longo da análise como entrevistados “B” e “C, <b>respectivamente</b>.</i>
33º	posteriormente	(1) <i>A oportunidade da aplicação do método ABC na lavanderia do hospital São Lucas da PUCRS como ferramenta gerencial, pode ser aproveitada pela administração <b>posteriormente</b>, como preparação para ser...</i>
34º	normalmente	(2) <i>Maior volume de negócios e/ou maior tempo para se concretizar o ciclo operacional envolvem <b>normalmente</b> maior ou menor volume de recursos, conforme Beulke (2006).</i>
35º	justamente	(1) <i>No entanto, <b>justamente</b> numa época em que os pesquisadores deterministas mais exaltados acreditavam que era possível prever o futuro com base nos dados do presente...</i>
36º	mediante	(15) <i>Os dados utilizados para a elaboração do projeto foram colhidos <b>mediante</b> a análise dos</i>

		<i>colaboradores da empresa.</i>
37º	necessariamente	(25) ... <i>não existem regras precisas e passos a serem <b>necessariamente</b> seguidos.</i>
38º	diferentemente	(19) <i>Porém, <b>diferentemente</b> de seu marido, a personagem questiona sobre o destino que é imposto à família.</i>
39º	facilmente	(23) <i>Na verdade, essa colocação de Moura pode ser <b>facilmente</b> contestada: Será que um português que tem costume de escrever factu vai escrever fato só por preguiça de escrever um mísero c?</i>
40º	efetivamente	(21) <i>As relações sexuais são narradas, detalhadamente com todo o vigor violento que carregam, e o que choca, nestas narrativas é o fato de os criminosos não expressarem qualquer traço de remorso ou culpa: são <b>efetivamente</b> perversos, frios e brutais.</i>

Fonte: O autor (2014)

O quadro a seguir apresenta um caso interessante. Observemos:

Quadro 14 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 41ª a 50ª posição

<b>Posição</b>	<b>Advérbios do subcorpus de estudo</b>	<b>Exemplos extraídos do subcorpus de estudo</b>
41º	especificamente	(17) <i>Nesse sentido, passo a analisar o papel da literatura, mais <b>especificamente</b> dos romances, na manutenção das relações hierárquicas entre o Ocidente e o Oriente.</i>
42º	longe	(10) <i>Não andou <b>longe</b>, entretanto, e tudo se esclareceu para ele, num relâmpago: o vulto de Afonso atrás dele!</i>
43º	frequentemente/ freqüentemente	(18) <i>Os artistas são, <b>frequentemente</b>, pessoas com dificuldades em adequarem-se ao status quo no qual estão inseridos.</i>

44º	basicamente	(16) <i>Existem <b>basicamente</b> dois modelos de funcionamento para estas redes.</i>
45º	aproximadamente	(6) <i>Em 2007 foram vendidos <b>aproximadamente</b> 70 milhões de smartphones, sendo possível a verificação da grande quantidade...</i>
46º	praticamente	(21) <i>No Brasil, ela apareceu com o Romantismo, mas só foi se firmar como gênero no período pós 1930, quando surgiram vários escritores que, <b>praticamente</b>, deram à crônica a patente brasileira.</i>
47º	constantemente	(8) <i>Atualmente o mercado tem sofrido <b>constantemente</b> mudanças em seus cenários, o que exige...</i>
48º	exclusivamente	(24) <i>... é a única ciclovia permanente da cidade e utilizada <b>exclusivamente</b> para lazer...</i>
49º	inicialmente	(3) <i>Na chegada os documentos fiscais eles vão, <b>inicialmente</b>, para o setor fiscal (para lançamento nos livros de entrada, saída e apuração do ICMS ou IPI e do ISSQN )...</i>
50º	igualmente	(4) <i>...os erros tenham mensagens padronizadas e tratamentos <b>igualmente</b> padronizados.</i>

Fonte: O autor (2014)

De acordo com a classificação de Biber et al. (1999) dos advérbios de posicionamento do inglês acadêmico (ver quadro 3), o advérbio *aproximadamente* (45º posição) configuraria entre os advérbios epistêmicos do tipo “advérbios de imprecisão”. Para esta análise, entretanto, optamos por adotar a posição de Neves (2011), segundo a qual os advérbios modalizadores, aqueles que o autor utiliza para posicionar-se no texto, modalizam uma proposição.

Analisemos o advérbio *quase*, classificado pela autora como um advérbio epistêmico delimitador, e o advérbio *aproximadamente*, que configura na tabela de advérbios de posicionamento de Biber et al., utilizando exemplos do subcorpus de estudo:

Quando os mercados europeus eram mais protegidos, essas expectativas **quase não eram questionadas ou perturbadas**.(5)

Este arquivo em sua versão original é composto por mais de 1500 linhas, contendo comentários e exemplos sobre **quase todas as opções disponíveis pelo proxy**.(8)

Para Porto Alegre a informação foi obtida junto ao departamento municipal de lixo urbano (DMLU) onde os gastos com a coleta e disposição são **aproximadamente** R\$ 59,30/t para cada tonelada de lixo. (1)

**Aproximadamente** 80 pessoas estiveram presentes na instituição durante o período do estágio, sendo que algumas delas estiveram presentes em todas as observações e outras apenas em um dia. (36)

Podemos observar que a palavra *quase*, dependendo do contexto, pode modalizar uma proposição, como vemos no primeiro exemplo, com “não eram questionadas ou perturbadas” (sublinhado no texto). O mesmo não ocorre com *aproximadamente*, que em nenhum dos dois exemplos (nem nos demais observados pela autora no subcorpus) refere-se a uma proposição.

Desta forma, não consideramos este advérbio como um advérbio de posicionamento. Entretanto, fica o questionamento para uma possível análise futura.

Continuando a análise, apresentamos o quadro 15 e 16, com os advérbios classificados entre a 51<sup>a</sup> e a 60<sup>a</sup> e entre 61<sup>a</sup> a 70<sup>a</sup> posição, respectivamente.

Quadro 15 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 51<sup>a</sup> a 60<sup>a</sup> posição

Posição	Advérbios do subcorpus de estudo	Exemplos extraídos do subcorpus de estudo
51 <sup>o</sup>	enfim	(10) <i>Este movimento envolve nações e nacionalidades, regimes políticos, classes sociais, economias e culturas, <b>enfim</b> envolve todos os segmentos de uma sociedade...</i>
52 <sup>o</sup>	altamente	(12) <i>O teste Mini-Mental serve para diagnosticar uma possível demência em idosos <b>altamente</b> escolarizados com uma pontuação menor do que</i>



		24...
53º	corretamente	(10) <i>Para que o módulo Main Control interprete <b>corretamente</b> os dados do computador remoto, foi elaborada...</i>
54º	hoje	(12) <i>...o Carrefour Brasil foi inaugurado na cidade de São Paulo em 1975. <b>Hoje</b>, presente em 16 Estados ...</i>
55º	aqui	(18) <i>...a percepção visual a partir de figuras é mais desenvolvida nas pessoas do que a capacidade de compreender números ou tabelas e é <b>aqui</b> que entra a mineração visual de dados.</i>
56º	rapidamente	(13) <i>O Box-Counting pode ser executado muito <b>rapidamente</b>, podendo ser útil numa grande bateria de testes.</i>
57º	amplamente	(8) <i>O presente trabalho constitui-se em uma abordagem da teoria identitária, matéria do campo do conhecimento social, que vem sendo <b>amplamente</b> debatida na área dos estudos literários.</i>
58º	onde	(4) <i>O Serviço de Lavanderia começou a funcionar desde a inauguração do Hospital, <b>onde</b> executava somente a função de lavar, passar...</i>
59º	simultaneamente	(6) <i>Existem vários parâmetros definidos pela 802.11, mas nem todos estão disponíveis <b>simultaneamente</b> nos adaptadores de rede sem fio.</i>
60º	completamente	(12) <i>Os mecanismos envolvidos na VT ainda não estão <b>completamente</b> compreendidos e sua utilização na prescrição de exercícios...</i>

Fonte: O autor (2014)

Quadro 16 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 61ª a 70ª posição

Posição	Advérbios do subcorpus de estudo	Exemplos extraídos do subcorpus de estudo
61º	fortemente	(6) <i>Essas limitações funcionais são <b>fortemente</b> associadas à depressão.</i>
62º	independentemente	(10) <i>A persistência do Maître possui uma série de interfaces para garantir a operabilidade do sistema, <b>independentemente</b> de qual plataforma de banco de dados for implementada.</i>
63º	relativamente	(2) <i>Loja de conveniência: lojas <b>relativamente</b> pequenas, localizadas nas proximidades de áreas residenciais...</i> (27) <i>Foi observado um número <b>relativamente</b> grande de indivíduos (n=9 ou 37,5%) que possuíam concentrações de anti-HBs hiperprotetoras...</i>
64º	essencialmente	(18) <i>Sua educação é <b>essencialmente</b> familiar, limitada pela degradação e a pobreza deixada pela Revolução Francesa.</i>
65º	todo	(2)... <i>e a utilização da roupa em <b>todo</b> o hospital nas diversas unidades de atendimento...</i>
66º	possivelmente	(19) <i>Com esse comparativo, <b>possivelmente</b> ficará mais claro para o pesquisador se o tema humorístico fez com que o merchandising...</i> (23) <i>Essa foi uma expressão do conformismo social não abarcada por nossas hipóteses iniciais, mas que <b>possivelmente</b> pode ser explicada porque seria embaraçoso para alguns admitir...</i>
67º	agora	(9) <i>...o número de triângulos necessários para representar o mesmo mapa <b>agora</b> exibiria um terreno com um quarto da área ...</i>
68º	finalmente	(13) <i>Em 1974, quando <b>finalmente</b> veio tudo à tona e o presidente Richard Nixon se viu forçado</i>

		<i>a renunciar...</i>
69º	naturalmente	(10) ...esta base é <b>naturalmente</b> utilizada pelas pessoas para fazer cálculos do dia a dia.
70º	certamente	(14) Um encontro que <b>certamente</b> implicaria aprendizado no qual estaria em jogo a humanização das relações com a natureza e a ecologização das relações sociais.

Fonte: O autor (2014)

No quadro 15, não constatamos a presença de advérbio de posicionamento. Já no quadro 16, observamos na 66ª posição a presença do advérbio *possivelmente*, um advérbio modalizador epistêmico. Vejamos os exemplos retirados do subcorpus, com seu contexto estendido:

Com esse comparativo, **possivelmente** ficará mais claro para o pesquisador se o tema humorístico fez com que o merchandising fosse, de fato, melhor aceito, ou se os fatores formato e natureza da inserção têm maior influência sobre a aceitação da mensagem por parte do público. (19)

Essa foi uma expressão do conformismo social não abarcada por nossas hipóteses iniciais, mas que **possivelmente** pode ser explicada porque seria embaraçoso para alguns admitir que não conheciam uma música que eram levados a acreditar ser de um artista famoso nacionalmente, agravado pelo fato de estarem em um ambiente universitário. (23)

Nos exemplos acima, fica claro que o falante está lançando uma hipótese a respeito de um fato. No primeiro caso, há um julgamento em relação à eficácia do comparativo para o pesquisador. Já no segundo exemplo, o falante se posiciona em relação à expressão de conformismo social, cuja explicação pode existir. Temos, então, através do uso do advérbio, a idéia de “é possível que (p)”, caracterizando o advérbio *possivelmente* como um epistêmico quase-asseverativo.

O advérbio *certamente* (70ª posição) é um exemplo de advérbio epistêmico asseverativo. Descritos como advérbios “em que o falante tem alta adesão ao conteúdo”, o falante, sabe “com certeza” que (p)’. Neste caso, isso se dá através de uma afirmação.

Observemos:

Um encontro que **certamente** implicaria aprendizado no qual estaria em jogo a humanização das relações com a natureza e a ecologização das relações sociais. (14)

A professora ressaltou que é possível já no primeiro ano de faculdade, mapear os alunos que realmente são comprometidos e que **certamente** terão um futuro promissor, daqueles que literalmente estão lá para cumprir disciplinas. (14)

No segundo exemplo, *certamente* pode tanto ter sido empregado pela professora quanto pelo autor do texto, já que não temos uma citação direta, podendo o texto ter sido reinterpretado pelo autor. Como já colocado no início da nossa análise, isso não invalida a pesquisa, tendo em vista que há a expressão do posicionamento, não questionada posteriormente no texto, conforme analisou a autora deste trabalho.

O penúltimo quadro nos mostra um caso interessante a ser analisado.

Quadro 17 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 71ª a 80ª posição

Posição	Advérbios do subcorpus de estudo	Exemplos extraídos do subcorpus de estudo
71º	perfeitamente	(13) <i>Esse exemplo mostra o quanto a Teoria da Relevância, que é aplicada <b>perfeitamente</b> em contextos comunicativos focados na informação objetiva ...</i>
72º	propriamente	(12) <i>...tal estudo - que consiste em crítica externa à obra <b>propriamente</b> dita possibilita métodos distintos...</i>
73º	significativamente	(5) <i>...se a mãe não tiver plena consciência dos riscos, as chances para que ocorram erros aumentam <b>significativamente</b>.</i>
74º	automaticamente	(1) <i>No momento em que o capitalista descobre certa inovação e a aplica na sua produção, ele <b>automaticamente</b> se diferencia dos demais por</i>

		<i>obter um lucro acima da média do mercado.</i>
75º	inicialmente	(17) <i>Algumas funcionalidades <b>inicialmente</b> propostas na época do TCI foram excluídas e outras modificadas.</i>
76º	sempre	(11) <i>... o negociador do mundo global deve assumir uma postura pró-ativa, questionando <b>sempre</b> se as ações não poderiam...</i>
77º	adequadamente	(13) <i>... se as estruturas dos membros inferiores não estiverem <b>adequadamente</b> preparadas...</i>
78º	aparentemente	(12) <i>Veiculação de menções ou aparições de um produto, serviço ou marca, de forma não-ostensiva e <b>aparentemente</b> casual, em um programa...</i>
79º	afinal	(5) <i>Este homem, <b>afinal</b> de contas, ainda não saldara as dívidas que tinha com ele.</i> (24) <i>A indústria da moda conferiu à incerteza da tendência um caráter de previsibilidade, <b>afinal</b>, é inerente ao homem fazer previsões...</i>
80º	plenamente	(3) <i>...como o Android é <b>plenamente</b> suportado pela Google, a integração...</i>

Fonte: o autor (2014)

O advérbio *aparentemente* é classificado por Biber et al. (1999) como advérbio de posicionamento do tipo epistêmico – de evidência.

Retomando o exemplo do quadro:

(12) *Veiculação de menções ou aparições de um produto, serviço ou marca, de forma não-ostensiva e **aparentemente** casual, em um programa...*

Este é mais um exemplo de Biber et al. (1999) que, por não referir-se à proposição, ficará de fora da lista dos advérbios de posicionamento, mas que poderá servir, assim como o advérbio *aproximadamente*, como objeto de trabalhos futuros.

Para finalizarmos a análise contextual, apresentamos o último quadro, com os últimos 10 exemplos de advérbios, dos quais nenhum, em nossa análise prévia, foi considerado advérbio de posicionamento.

Quadro 18 – Análise dos advérbios presentes no subcorpus – 81ª a 90ª posição

Posição	Advérbios do subcorpus de estudo	Exemplos extraídos do subcorpus de estudo
81º	mutuamente	(15) ...esse mercado caracteriza-se pelas trocas constantes entre os três protagonistas que interagem e se condicionam <b>mutuamente</b> .
82º	profundamente	(18) ...o comportamento do consumidor é o estudo que tem como objeto conhecer <b>profundamente</b> o comportamento das pessoas...
83º	posteriormente	(51) ...é a política da oferta (valorizada na televisão, no rádio e na imprensa escrita) que permite constituir campos de experiência para que, <b>posteriormente</b> , a demanda se manifeste.
84º	precisamente	(20) ... logo no primeiro ano de vida do bebê, mais <b>precisamente</b> no segundo semestre...
85º	imediatamente	(16) O gotejamento, portanto, inicia a partir do lançador de tendências, que é criativo e gerador de conteúdo, adotando <b>imediatamente</b> a novidade.
86º	individualmente	(13) ... a educação alimentar e nutricional, que pode ser realizada <b>individualmente</b> ou em grupos...
87º	internamente	(3) ... a empresa tem de adequar-se às variáveis do mercado internacional, realizando <b>internamente</b> uma série de alterações...
88º	parcialmente	(6) Todavia, mesmo mediante tratamento intensivo durante este período, cerca de 60% dos pacientes permanecem, ao menos <b>parcialmente</b> , dependentes nas atividades de vida diária...
89º	potencialmente	(9) ... a teoria de S-W fornece uma descrição e

		<i>uma explanação satisfatórias dos mais diversos efeitos de comunicação, tornando <b>potencialmente</b> possível explicar tanto a indeterminância ou a vaguidade das suposições quanto o sucesso de atos comunicativos.</i>
90º	continuamente	(5) ... a empresa precisa oferecer um trabalho desafiante que agregue <b>continuamente</b> novas experiências e novos conhecimentos aos seus colaboradores.

Fonte: O autor (2014)

Objetivando retomar e organizar os dados apresentados neste capítulo, faremos uma breve apresentação quantitativa.

Dos 90 tipos de advérbios encontrados, 9 foram considerados advérbios de posicionamento, conforme a definição de Neves (2011) apresentada na seção 2.4.2.

Quadro 19 – Advérbios de posicionamento encontrados no subcorpus

<b>Posição</b>	<b>Advérbio</b>
8º	principalmente
12º	totalmente
19º	geralmente
20º	talvez
22º	realmente
34º	normalmente
37º	necessariamente
66º	possivelmente
70º	certamente

Fonte: O autor (2014)

Dentre a gama total de advérbios do corpus (7.851 ocorrências), estes representam aproximadamente 12%, com um total de 926 ocorrências, conforme explicitado abaixo.

Quadro 20 – Advérbios de posicionamento e respectivos números de ocorrências

<b>Posição</b>	<b>Advérbio</b>	<b>Número de ocorrências</b>
8º	principalmente	268
12º	totalmente	167
19º	geralmente	114
20º	talvez	110
22º	realmente	104
34º	normalmente	60
37º	necessariamente	50
66º	possivelmente	28
70º	certamente	25
		<b>Total= 926</b>

Fonte: O autor (2014)

Em termos de classificação, a grande maioria dos advérbios era do tipo epistêmico, confirmando uma de nossas hipóteses. A tabela abaixo sintetiza as informações aqui colocadas, apresentando a posição que cada advérbio de posicionamento ocupa na listagem geral de advérbios do subcorpus, o número de ocorrências de cada um e qual classificação recebeu, de acordo com nossa base teórica.

Quadro 21 – Advérbios de posicionamento, número de ocorrências e classificação

<b>Posição</b>	<b>Advérbio</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Classificação</b>
8º	principalmente	268	epistêmico
12º	totalmente	167	epistêmico
19º	geralmente	114	epistêmico
20º	talvez	110	epistêmico
22º	realmente	104	epistêmico
34º	normalmente	60	epistêmico
37º	necessariamente	50	deôntico



66°	possivelmente	28	epistêmico
70°	certamente	25	epistêmico
		<b>Total= 926</b>	

Fonte: O autor (2014)

A discussão dos resultados de acordo com nossas questões norteadoras será feita no capítulo que segue. Logo após, apresentamos nossas considerações finais.

### 5.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo emergiu de questionamentos sobre o uso de advérbios de posicionamento em textos acadêmicos escritos de PLA. Impulsionados pelo aumento no número de estudantes estrangeiros interessados em aprender o PLA e ancorados nos pressupostos da pragmática, que trata da relação homem-homem permeada pela linguagem, que vê o enunciado produzido como uma ação, dirigida a alguém, com intenção, buscamos, através de um estudo quantitativo e qualitativo, responder às seguintes questões:

1) Com base no corpus coletado, os autores colocam-se nos textos através do uso de advérbios de posicionamento?

2) Constatada a presença de advérbios de posicionamento no corpus, quais são eles? Quais são os mais frequentes?

Nossas hipóteses para as perguntas acima foram:

1) Sim, os autores utilizam-se de advérbios como uma das possibilidades de colocação do “eu” no texto.

2) Estes advérbios, em sua maioria, são advérbios modalizadores (advérbios de posicionamento), que indicam uma avaliação do falante frente a um conteúdo proposicional (modus X dictum), podendo ser do tipo epistêmico, deôntico ou afetivos. Os advérbios mais frequentes são os do tipo epistêmico, – baseadas nos resultados obtidos para o inglês acadêmico de Biber (2006) – que, segundo Neves (2011), tratam da possibilidade de algo ser ou tornar-se verdadeiro. O falante manifesta certeza ou imprecisão a respeito de determinada proposição (p).

A partir de uma análise quantitativa, observou-se a presença de advérbios no corpora. Tendo em vista que nossas perguntas tratavam de advérbios de posicionamento, era necessário partirmos para a análise qualitativa.

Demos início, então, à análise dos 90 tipos de advérbios presentes no subcorpus de estudo em seus contextos. Os advérbios foram analisados com a ajuda do programa *AntConc*, quando foi possível checar o contexto no qual cada advérbio se fez presente.

A leitura dos dados, realizada no capítulo anterior, nos permitiu afirmar que

1) Os autores posicionam-se, utilizando para tal os advérbios de posicionamento. Percebemos que os falantes de fato intervêm na definição da validade e do valor dos enunciados produzidos. Aproximadamente 12% dos advérbios presentes no subcorpus de estudo foi considerado advérbios de posicionamento (926 de um total de 7.851).

2) Os advérbios de posicionamento mais frequentes são os chamados modalizadores epistêmicos. Ancoradas em pesquisas prévias feitas por Biber a respeito dos advérbios de posicionamento em inglês acadêmicos, era esperado que o número de advérbios epistêmicos fosse de destaque, tendo em vista os resultados já obtidos nestas pesquisas e o próprio caráter deste tipo de advérbio.

Obtivemos um número pequeno de advérbios do tipo deônticos, advérbios modalizadores que imprimem no discurso um caráter mais autoritário; não foram encontrados exemplos de advérbios afetivos. Estes últimos, na análise do inglês acadêmico feita por Biber (2006), haviam aparecido em sua maioria em contextos de linguagem oral, o que pode indicar uma possível justificativa para a não ocorrência.

Foi interessante observar também o quanto a teoria dos Atos de Fala permeia os mais diversos estudos linguísticos, como vimos em 1.2, ainda que os autores possam, muitas vezes, não explicitamente referir-se a ela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo emergiu de questionamentos sobre o posicionamento através de advérbios em textos escritos de português acadêmico. Visamos explicitar a utilização destes advérbios, dando enfoque ao caráter pragmático na classificação gramatical, a fim de, através desta análise, criar futuramente um teste de proficiência de português acadêmico brasileiro.

Consta como segundo objetivo estimular mais pesquisas na área de português acadêmico e sobre posicionamento, além de contribuir para o desenvolvimento de avaliações do português acadêmico para o aluno estrangeiro.

A partir de análises de modo quantitativo e qualitativo, nossas hipóteses foram confirmadas, reforçando nosso entendimento de que o falante é movido por intenções comunicativas quando organiza suas expressões linguísticas numa dada situação de interação verbal.

Consideramos que, face à problemática introdutória, – devido a sua heterogeneidade - a classe adverbial requer estudos mais específicos; assim, acentuamos a necessidade de examinar de forma mais apurada as funções discursivas dos modalizadores adverbiais.

Deixamos, como sugestão para pesquisas futuras, um aprofundamento na análise dos advérbios, com análise de um maior número de tipos (*word types*) – um estudo que possa analisar, por exemplo, todos tipos de advérbios encontrados no corpora (sem ponto de corte, como no caso deste trabalho) - e que faça o contraste entre textos de diferentes áreas de estudo.

Acreditamos que uma ampliação do escopo da pesquisa, trabalhando também com textos orais, seria interessante; podendo contrastar com os resultados já obtidos para o inglês (Biber, 2006), fornecendo maiores informações a respeito do posicionamento em textos acadêmicos do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A.; ESPERANÇA, J. P. **El valor económico del portugués: lengua de conocimiento con influencia global**. Madrid: Fundación Real Instituto Elcano, 2010. Disponível em: <<http://www.iadb.org/intal/intalcdi/PE/2010/05929.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2012.

ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editoria, 2004.

ARMENGAUD, F. **A Pragmática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANSCOMBE, G. E. M. **Intention**. Oxford: Basil Blackwell, 1957.

AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Oxford: Oxford University Press, 1975.

BAKER, P.; HARDY, A. & MCENERY, T. **A Glossary of Corpus Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

BARBOSA, J. S. **Gramática filosófica da língua portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1981.

BARTON, E. Evidentials, argumentation, and epistemological stance. **College English**, 55, 1993.

BECHARA. E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 16, n.2, 2000.

\_\_\_\_\_. Que tipo de corpus é a web? In: **Revista ANPOLL**, n. 15, p. 191-212, jul./dez; 2003.

\_\_\_\_\_. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BIBER, D. Representativeness in Corpus Design. In: **Literary and Linguistic Computing**, Vol. 8, No. 4, 1993.

\_\_\_\_\_. **Longman Grammar of Spoken and Written English**. London: Longman, 1999.

\_\_\_\_\_. **University Language: a corpus-based study of spoken and written registers**. Philadelphia: John Benjamins, 2006.

BIBER, D. et al. **Corpus Linguistics**: investigating language structure and use. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BONFIM, E. **Advérbios**. São Paulo: Ática, 1988.

BRASIL. **Manual do Candidato do Exame Celpe-Bras**. Brasília, Secretaria de Educação Superior (SESU), MEC, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/CelpeBras/manualcandidato2006.pdf>>. Acesso em: 03 maio. 2012.

CAMPOS, J. **A Relevância da Pragmática na Pragmática da Relevância**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

DAVIES, M., FERREIRA, M. J. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s, 2006-. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

FIRTH, J. R. A Synopsis of Linguistic Theory, 1930-1955. In J.R. Firth et al. **Studies in Linguistic Analysis**. Special volume of the Philological Society. Oxford: Blackwell, 1957.

FILLMORE, C. Corpus linguistics or Computer-aided armchair linguistics. In: Svartvik, J. (editor). **Directions in Corpus Linguistics: proceedings of Nobel Symposium 82 Stockholm, 4-8 August 1991**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 1992.

FLØTTUM, Kjersti; GEDDE-DAHL, Trine; KINN, Torodd. **Academic Voices: Across Languages and Disciplines**. Pragmatics and Beyond, new ser., 148. Amsterdam: John Benjamins B.V., 2006.

FOREQUE, F. Português é POP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16/10/2011. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/10/16/10>. Acesso em 28 abril 2012.

FURMAN, N., GOLDBERG, D. & LUSIN, N. **Enrollments in Languages Other Than English in United States Institutions of Higher Education, Fall 2009**. Web publication, Dec., 2010. Disponível em <[http://www.mla.org/pdf/2009\\_enrollment\\_survey.pdf](http://www.mla.org/pdf/2009_enrollment_survey.pdf)>. Acesso em set. 2013.

HUANG, Y. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University, 2007.

HUSTON, S. Evaluation and organization in a sample of written academic discourse. In: M. Coulthard (Ed.), **Advances in Written Text Analysis**. London: Routledge, 1994.

\_\_\_\_\_. **Corpora in Applied Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

JORDAN, R. R. **English for academic purposes: a guide and resource book for teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KENNEDY, G.. **An Introduction to Corpus Linguistics**. New York: Longman, 1998.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e Linguagem**. 13ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

LABOV, W. Intensity. In D. Schiffrin (Ed.), *Meaning, Form and Use in Context: Linguistic Applications*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1984.

LEECH, G. N. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1985.

LYCAN, W. G. **Philosophy of Language: a contemporary introduction**. New York: Routledge, 2001.

MACIEL, A. M. B. Linguística de Corpus: bases teórico-metodológicas. In: Robert Ponge et al. Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS. (Org.). **Colóquio Nacional Letras em Diálogo: Rumos e Desafios**. Porto Alegre: Naxus, 2003.

MCENERY, T.; XIAO, R.; TONO, Y. **Corpus-based language studies: an advanced resource book**. New York: Routledge, 2006.

MORRIS, C. 'Foundations of the Theory of Signs', in Carnap, R. Et al (eds.) **International Encyclopedia of Unified Science**, 2:1, Chicago: The University of Chicago Press.

MOTTA-ROTH, D., HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MOURA, H. M. de M. **Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática**. 2ª ed. Florianópolis/SC: Insular, 2000.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NUYTS, J. From language to conceptualization. The case of epistemic. **CLS 29**, v. 2, p. 271-286, 1993.

O'KEEFFE, A; McCARTHY, M; CARTER, R. **From Corpus to Classroom: language Use and Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo o professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, M. A. de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2001.

PASQUALE, C. P & ULISSES I. . **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1998.

PERINI, M. A. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006.

PERNA, C. B. L; Yuqi, S. Acquisition of Portuguese as an Additional Language (PAL): the use of Hedges in Brazilian Portuguese by Native Speakers of Mandarin Chinese. In: PERNA, C. B. L./ MOLSING, K. V. (Org.) **Tópicos em cognição, bilinguismo e pragmática**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

RAMAT, P., RICCA, D. Sentence adverbs in the languages of Europe. In: Johan van der Auwera (ed.) **Adverbial constructions in the Languages of Europe**, 187-277. Berlim: Mouton de Gruyter, 1998.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 28ª edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

SARMENTO, S. **O uso dos verbos modais em manuais de aviação em inglês: um estudo baseado em corpus**. Tese (doutorado em Teorias do Texto e do Discurso). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

\_\_\_\_\_. Linguística de Corpus e o desenvolvimento de material didático para Inglês com propósitos específicos. In: **O Ensino do Inglês como Língua Estrangeira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SEARLE, J. R. **Speech acts**: an essay in the philosophy of language. London: Cambridge University, 1976.

SEARLE, J.R. A Classification of Illocutionary Acts. In: **Language in Society**. Vol, 5, No. 1, 1976.

SHEPHERD, T. M. G. O Estatuto da Linguística de Corpus: Metodologia ou Área de Pesquisa? In: **Matraga**, v. 16, n.24. Rio de Janeiro: 2009.

SILVEIRA, E. O lugar do conceito da fala na produção de Saussure. In: FIORIN, J. L; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B (orgs.). **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

SPICA, M. A.. A Linguagem da Ciência no Tractatus de Wittgenstein. In: **Intuitio** Porto Alegre, v2, No1, junho de 2009.

TOGNINI-BONELLI, E. **Corpus Linguistics at Work**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

VAN DIJK, T. A. Palestra proferida em “Seminário Cérebro discursivo: o encontro da Teoria do Contexto com a Neuropsicologia”. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 13 e 14 dez. 2012.



WETHERELL, M. T. S.; YATES, S. **Discourse Theory and Practice: A Reader**. London: Sage Publications, 2001

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_ **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Edusp, 2001.

YULE, G. **Pragmatics**. New York: Oxford University Press, 1996.

**ANEXO A - Advérbios presentes no subcorpus**

<b>Posição</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Advérbio</b>
1	647	conforme
2	487	segundo
3	445	sempre
4	429	tanto
5	332	não
6	314	somente
7	298	menos
8	268	principalmente
9	218	demais
10	215	antes
11	182	sim
12	167	totalmente
13	166	diretamente
14	143	bastante
15	135	anteriormente
16	135	junto
17	121	apesar
18	119	nunca
19	114	geralmente
20	110	talvez
21	109	quase
22	104	realmente
23	85	novamente
24	84	Primeiramente/ primeiramente
25	82	especialmente
26	82	simplesmente
27	73	atualmente
28	72	consequentemente/

		conseqüentemente
29	65	igual
30	64	extremamente
31	63	exatamente
32	63	respectivamente
33	61	posteriormente
34	60	normalmente
35	55	justamente
36	55	mediante
37	50	necessariamente
38	49	Diferentemente/ diferentemente
39	48	facilmente
40	44	efetivamente
41	44	especificamente
42	44	longe
43	43	frequentemente/ freqüentemente
44	42	basicamente
45	41	aproximadamente
46	41	praticamente
47	39	constantemente
48	39	exclusivamente
49	38	inicialmente
50	37	igualmente
51	35	enfim
52	34	altamente
53	34	corretamente
54	34	hoje
55	32	aqui
56	32	rapidamente
57	31	amplamente

58	31	onde
59	31	simultaneamente
60	30	completamente
61	30	fortemente
62	30	independentemente
63	30	relativamente
64	29	essencialmente
65	29	todo
66	28	possivelmente
67	26	agora
68	26	finalmente
69	26	naturalmente
70	25	certamente
71	25	perfeitamente
72	25	propriamente
73	25	significativamente
74	24	automaticamente
75	24	Inicialmente
76	24	sempre
77	23	adequadamente
78	23	aparentemente
79	22	afinal
80	22	plenamente
81	21	mutuamente
82	21	profundamente
83	20	posteriormente
84	20	precisamente
85	19	imediatamente
86	18	individualmente
87	18	internamente
88	18	parcialmente
89	18	potencialmente

90	17	continuamente
	7.851	